

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Memórias do Visconde de Sabugosa**

**Autora: Rosane de Bastos Pereira**

**Orientador: Prof. Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto**

**Campinas**

**2006**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na área temática: Ensino, Avaliação e Formação de Professores à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Pedro, pela paciência, generosidade e competência em me orientar nas nossas longas conversas. Meu muito obrigada por acreditar em mim, no meu projeto, e por me permitir a liberdade de criar neste trabalho, realizado em conjunto. Com certeza, mais do que dar os primeiros passos no mundo da pesquisa acadêmica, eu caminhei em direção ao crescimento pessoal. Esta dissertação só reforça a minha paixão incontestada pela literatura como uma espécie de alimento para a vida.

À professora Maria José de Almeida, a primeira a me receber na Faculdade de Educação e a me abrir possibilidades. Obrigada pela troca de experiências no Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência e Ensino (GepCE).

Aos demais professores com quem fiz disciplinas no mestrado: Joaquim Brasil e Maria Inês Petrussi, da Faculdade de Educação; Maurício Compiani, do Instituto de Geociências; e Marisa Lajolo, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).

À Liliane Castelões, por me levar à Educação num momento de escuridão e me mostrar a “luz”.

Ao doutor Clóvis Martins Costa, psicólogo e educador, que me acompanhou nessa aventura de tornar-me pessoa. Não tenho dúvidas de que a cada conversa nossa eu me recriava, depois de morrer e renascer várias vezes, como o próprio Visconde.

À amiga Ivete Roldão, com quem aprendi que escrever uma dissertação não é um bicho-de-sete cabeças. É até divertido...

À professora Vera Regina de Toledo Camargo, pesquisadora do Labjor/Unicamp, pelo incentivo e ânimo.

Aos componentes das bancas examinadoras de qualificação, professora Lilian Lopes Martin da Silva e Cristina Bruzzo, da Faculdade de Educação da Unicamp; e de defesa final, professora Tereza de Moraes, da Faculdade de Letras da PUC-Campinas, e professora Lilian Lopes.

Aos colegas do GepCE pela contribuição ao meu trabalho e pela troca de idéias.

À Audre Alberguini, pela amizade e pelas conversas que nos fizeram crescer mutuamente durante este processo.

Aos funcionários da pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, especialmente à Nadir, à Cléo e à Rita; do Laboratório de Informática: Sivaldo, Edgar, Adriano, Hélio, Ademilson e Célia, pelo auxílio sempre que requisitado; e da Biblioteca da FE: Jose, Rose, Maria Alice e à estagiária Cauísa. Agradeço também ao Cristiano, à Carmem, à Zaia e ao Marco, estagiário, todos do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae), pela gentileza ao me atender nas minhas pesquisas ao acervo de Lobato.

Aos meus pequenos sobrinhos Weber Filho: você me ajudou a redescobrir Lobato; ao Pedro Augusto, meu “pedrinho” de verdade; à Ana Luíza, a “aninha”; e ao Victor Hugo, que acabou de chegar.

À minha mãe Luíza Augusta, minha primeira professora e exemplo de vida; ao meu pai, Juvenilo; e aos meus irmãos Cláudia, Dênia, Weber e Diêgo. Nossos enredos se entrecruzaram por alguma razão e aqui estamos, companheiros nesta vida.

## **RESUMO**

Esta pesquisa acompanha e analisa a trajetória do personagem Visconde de Sabugosa na obra de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) como representação do homem de ciência. Tomam-se como referências os 22 títulos da obra *Sítio do Picapau Amarelo*, escritos e publicados entre 1920 e 1944, que integram a coleção das *Obras Completas de Monteiro Lobato – 2ª série*, publicada em 1957 pela Editora Brasiliense. Os livros foram editados em 17 volumes, alguns com títulos únicos e outros condensados numa mesma publicação.

O Visconde de Sabugosa está presente na maioria das histórias e a investigação desse personagem revela suas variadas facetas, bem como o movimento da ciência no *Sítio do Picapau Amarelo*. À medida que a obra é estudada, é possível estabelecer relações entre as várias concepções científicas do autor e a construção do personagem, reflexos do contexto histórico na criação literária lobatiana.

## **ABSTRACT**

This research analyzes and keeps track on the character Visconde de Sabugosa in the work of José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) as a representation of the man of science. The 22 volumes of the *Sítio do Picapau Amarelo* piece of work were written and published between 1920 and 1944, and belong to the collection *Obras Completas de Monteiro Lobato – the 2nd series* was published in 1957 by Editora Brasiliense. The books had been edited in 17 tomes, some of them reproduced the original volumes and others condensed more than one volume.

Visconde de Sabugosa is present in most of the stories and the investigation of this character discloses his varied features, as well as the movement of science in the *Sítio do Picapau Amarelo*. As this piece of work is been studied, it is possible to establish relationships between many of the author's scientific conceptions and the construction of the character, which reflect the historical context in the literary creation of Lobato.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	<b>1</b>
<b>O nascimento das <i>Memórias...</i> ou uma pequena introdução</b>	<b>5</b>
<b>1. O autor, a obra e a representação de mundo</b>	<b>17</b>
1.1. A trajetória da obra	19
1.2. O sentido da escrita	22
1.3. A escola na pauta literária	26
1.4. O espírito do texto científico	34
1.5. A literatura escolar como sobrevivência	42
1.6. A graça, o encanto e a surpresa dos picapaus amarelos	48
<b>2. O Visconde toma corpo e “exala” ciência</b>	<b>59</b>
<b>3. Para além do bem...E do bem</b>	<b>71</b>
<b>4. E as <i>Memórias do Visconde de Sabugosa</i> viraram <i>best-seller</i></b>	<b>81</b>
<b>5. Referências</b>	<b>85</b>
<b>6. Obras consultadas (bibliografia)</b>	<b>91</b>

## APRESENTAÇÃO

A análise da trajetória do personagem Visconde de Sabugosa como representante do homem de ciência na obra *Sítio do Picapau Amarelo*, publicada entre 1920 e 1944 pelo escritor paulista José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), revela que o autor elabora suas histórias permeadas de fatos científicos, de saberes práticos e teóricos, de diálogos, situações e ambientes em que tal personagem e os demais se inserem.

Ler a obra lobatiana, que soma quatro mil, seiscentas e oitenta e oito páginas, tornou-se necessário porque permite acompanhar as aparições do Visconde, sua construção e as passagens que evidenciam a presença do saber científico. Os personagens, em sua maioria, exalam ciência. E cabe ao sabugo ensinar às crianças do Sítio por meio de sua sabedoria, adquirida com os livros e com suas experiências científicas.

Monteiro Lobato fez várias alterações nos livros ao longo do tempo, algumas devido a mudanças gramaticais da Língua Portuguesa, outras em virtude da passagem do tempo, que o levou a rever o texto para as reedições e o tornou mais próximo da realidade do leitor. Algumas vezes modificou as histórias no sentido de aprimorar as falas, readequá-las e aperfeiçoá-las.

As mudanças observadas entre as primeiras histórias que integram o *Sítio do Picapau Amarelo*, que começam com *A Menina do Narizinho Arrebitado*<sup>1</sup>, publicado pela *Revista do Brasil* e pela Monteiro Lobato e Companhia, em 1920, e o título definitivo, *Reinações de Narizinho*<sup>2</sup>, em 1931, são marcantes. A primeira fase reflete o Brasil que dava passos ainda titubeantes na constituição da República e a segunda está mais atualizada e dentro de um contexto diferenciado, visto que o autor tinha recém-chegado ao Brasil, depois de viver alguns anos nos Estados Unidos como adido cultural, e aqui retomou o projeto literário.

Pode-se observar, nos dois trechos abaixo, as diferenças. Um pertence à obra original e o outro à coleção que pesquisei, de 1957. Os dois se referem à abertura da obra que inaugura o surgimento do *Sítio do Picapau Amarelo*. Dona Benta nasce desdentada, quase cega, e mais tarde

---

<sup>1</sup> Este livro é o início das histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*. Sua primeira edição, pela *Revista do Brasil*, foi em 1920. Um ano depois, em 1921, circula como *Narizinho Arrebitado*, pela Monteiro Lobato & Cia., editado como “Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias”. Recebe o título definitivo em 1931, *Reinações de Narizinho*, quando o autor o edita pela Cia. Editora Nacional.

<sup>2</sup> Título final que reúne as histórias de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) e *Narizinho Arrebitado* (1921).

é uma senhora culta, que ao invés de setenta anos passa a ter sessenta<sup>3</sup>, é a detentora do conhecimento, o que define a visão de mundo do autor, presente em dois contextos de um Brasil que passava por mudanças, que evoluía e se tornava menos atrasado. Narizinho aparece como órfã pela primeira e última vez e a linguagem inicial é própria de um Brasil que carregava ranços coloniais:

***A Menina do Narizinho Arrebitado/1º capítulo: O somno à beira do rio***

NAQUELLA casinha branca, – lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta anos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na boca – jururú... Todo o mundo tem dó d’ella: \_\_ Que tristeza viver sozinha no meio do mato...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá mora des’que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas \_\_ e reinadeira até ali!... Chama-se Lucia, mas ninguem a trata assim. Tem apellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apellido é “Narizinho Rebitado”, \_\_ não é preciso dizer porque (LOBATO, 1920, p.3)<sup>4</sup>.

***Reinações de Narizinho/1º capítulo: I-Narizinho***

Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, com uma cestinha de costura no colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

\_\_ Que tristeza viver assim tão sòzinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas \_\_ Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos (LOBATO, 1957a<sup>5</sup>, p. 3).

As alterações são perceptíveis, como se detecta nos três exemplos a seguir. O livro analisado é *História do Mundo para as Crianças*, cuja primeira edição é de 1933.

\_\_ Há muito, muito, muito tempo, há milhões e milhões de anos, não existiam casas, nem nenhuma das coisas que só existem onde há gente – cidades, estradas de ferro, pontes, automoveis e tudo mais que se vê no mundo de hoje (LOBATO, 1933<sup>6</sup>, p. 9).

\_\_ Há muito, muito tempo, disse ela, há milhões e milhões de anos, não existia gente nessa nossa Terra, e portanto não existiam casas, nem nenhuma das coisas que só

---

<sup>3</sup> A personagem aparece com várias idades ao longo da obra. Em *O Saci* tem 66 anos e em *O Picapau Amarelo* reaparece com 70 anos. Ela não é a única a ser apresentada com idades diferentes. Tia Nastácia tem 70 anos em *Reinações de Narizinho* e 66 anos em *O Saci*. O mesmo acontece com Pedrinho e Narizinho. Eles têm, respectivamente, dez e sete anos em *Reinações de Narizinho* e 9 e 8 anos em *O Saci*.

<sup>4</sup> A citação foi retirada da obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, com desenhos de Voltolino, publicada pela Monteiro Lobato e Cia., em 1920, e que se encontra no acervo do Cedae/Unicamp.

<sup>5</sup> Para facilitar a identificação das citações pertinentes à obra de 1957, classifiquei cada título, a começar por *Reinações de Narizinho*, com as letras do alfabeto (ver “referências”).

<sup>6</sup> As obras que não são de 1957 foram pesquisadas no acervo do Cedae/Unicamp.

existem onde há gente, como cidades, estradas de ferro, pontes, automoveis e tudo mais que se vê no mundo de hoje (LOBATO, 1943, p. 9).

\_\_ Há muito, muito tempo – disse ela – há milhões e milhões de anos, não existia gente nesta nossa Terra e portanto não existiam casas, nem nenhuma das coisas que só existem onde há gente, como cidades, estradas de ferro, pontes, automóveis e tudo mais que se vê no mundo de hoje (LOBATO, 1957h, p. 5).

Num dos trechos de *História do Mundo para as Crianças*, acentos somem e outros aparecem, a exemplo do que se vê abaixo:

\_\_ Nesse caso continuemos, disse Dona Benta rindo-se. Esse pedaço de Sol, que se destacou da grande massa e veio a ser a nossa Terra, não passava a princípio duma bola de materia em fusão. Com o andar dos seculos foi-se resfriando de fóra para dentro, e por fim transformou-se numa bola de pedra, envolta em espessa camada de vapores (LOBATO, 1943, p. 10-11).

\_\_ Nesse caso continuemos \_\_ disse Dona Benta rindo-se. Êsse pedaço de Sol, que se destacou da grande massa e veio a ser a nossa Terra, não passava a princípio duma bola de matéria em fusão. Com o andar dos séculos foi-se resfriando de fora para dentro, e por fim transformou-se numa bola de pedra, envôlta em espêssa camada de vapores (LOBATO, 1957h, p. 7).

Percebe-se ainda que as ilustrações também se modificam de acordo com as obras. Em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, os desenhos são de Voltolino, bem infantis, em estilo de revista, visto que foi publicado pela *Revista do Brasil*, em 1920. Há uma edição, no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae), da Unicamp, de *As Novas Reinações de Narizinho*, de 1933, que traz a continuação das primeiras histórias, com ilustração de Jean G. Villin, um pouco mais trabalhada, em que os personagens têm traços mais definidos, com e sem cor. A publicação é da Cia. Editora Nacional, de Lobato, numa série para a Biblioteca Pedagógica Brasileira.

As ilustrações de *Reinações de Narizinho*, de 1957, editado pela Brasiliense<sup>7</sup>, são de André Le Blanc, e aparecem com maior freqüência em alguns títulos do que em outros. Raramente são coloridas. Essa edição da Brasiliense, à qual o autor se dedicou com afinco, traz nas “Notas dos Editôres” uma menção de engrandecimento da obra lobatiana.

---

<sup>7</sup>Enquanto trabalha exaustivamente e prepara a edição das *Obras completas*, que totalizariam mais de dez mil páginas nos trinta volumes das séries adulta e infantil, Lobato associa-se à Brasiliense, que passara a publicar seus livros a partir de 1944, quando deixou a Companhia Editora Nacional. Fundada em novembro de 1943 por Caio da Silva Prado, Leandro Dupré, Hermes Lima, Artur Neves e Caio Prado Júnior, a Brasiliense aumentaria seu capital três anos depois com a adesão de oito novos sócios, conforme documento datado de 12 de fevereiro de 1946. Entre eles estava o autor de *Urupês*, que, desde o surgimento da revista *Hoje*, três anos antes – embrião da futura Brasiliense –, guardava com seu projeto editorial profunda identificação (AZEVEDO, 1997, p. 341).

*Reinações* é mais que um simples livro. É um artigo de primeira necessidade para a psicologia e formação da criança brasileira ou sul-americana. Ninguém mais admite a existência duma criança que entre os sete e dez anos não assimile êsse livro mágico e dêsse modo tome conhecimento do “céu na terra” que é o Sítio do Picapau Amarelo, onde irá viver pela imaginação dos dez anos em diante. Se outra coisa não houvesse feito Monteiro Lobato, bastaria a criação do famoso sítio de Dona Benta para torná-lo um benemérito ao tipo de Andersen, Perrault e Lewis Carroll.

Uma especificidade da obra de Lobato é que os títulos produzidos entre 1933 e 1937 trazem conteúdos de Língua Portuguesa, a exemplo de *Emília no País da Gramática*; de Matemática, como vemos em *Aritmética da Emília*; de História, em *História do Mundo para as Crianças*; de Geografia, em *Geografia de Dona Benta*; de Física e Astronomia, o que pode ser visto em *Serões de Dona Benta*; de Geologia, como aparece no *Poço do Visconde*; e novamente Astronomia, em *Viagem ao Céu*.

A riqueza de diálogos encontrada na obra lobatiana evidencia os momentos em que a ciência aparece de diferentes formas. E, ao entrar em contato com as histórias vividas pelos personagens do Sítio do Picapau Amarelo em contextos os mais diversos, não restam dúvidas de que mergulhar nesse universo é conhecer uma das mais ricas obras literárias nacionais, em que os livros não são meros papéis a serem manuseados, fechados e esquecidos após o fim da leitura. São histórias que nos convidam a ir mais além, mais para dentro de nós mesmos, um convite para que imerjamos no nosso próprio mundo das fantasias.

## O nascimento das *Memórias* ... ou uma pequena introdução

Emília, que não respeitava os códigos da boa convivência, resolveu mexer nas coisas do Visconde para descobrir as razões de tanto mistério. Não adiantavam as advertências de Dona Benta. A boneca tentava abrir as correspondências do sabugo, bisbilhotava sua vida e, nos últimos dias, andava com a pulga atrás da orelha em virtude daquele silêncio todo. Até que matou sua curiosidade.

\_\_ Não acredito! Não acredito que aquele sabugo de milho metido a sábio ousou roubar as “minhas” idéias emilianas para escrever as suas memórias. O *seu* Lobato deve ter cochilado e não viu que aquele cara-de-visconde quer ficar na história. As coisas não podem ficar assim. Vou aprontar uma daquelas para o senhor Visconde de Sabugosa. Quem ele pensa que é? As únicas memórias que poderiam ser escritas são as M-I-N-H-A-S. Todo mundo sabe que *Memórias da Emília* é uma das mais importantes obras da literatura brasileira. Eu diria até que é a melhor! Um tal Machado de Assis até que tentou escrever umas memórias de um certo Brás Cubas qualquer, mas são chatérrimas. Ele nasce morto, coisa mais sem graça...

Indiferente ao que se passava com a boneca falante, o sabugo científico do Sítio do Picapau Amarelo se deleitava com a releitura das *Memórias do Visconde de Sabugosa*. Perfeccionista que era, não queria que passasse um errinho que fosse. Corrigia aqui, corrigia ali, antes de enviar o livro para a impressão. Àquela altura, o *seu* Lobato não ligava a mínima para a obra sabuguiana.

O autor e “pai” do Visconde estava cansado e tinha encerrado as histórias do Sítio com *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Ao sabugo cabia o seu próprio destino dali em diante. O Visconde estava mesmo convicto de que era o momento de contar ao leitor brasileiro os fatos mais importantes de sua vida. No caso da Emília, não. Era cedo demais para ela ter publicado um livro seu.

O sabugo estava certo de que vivera o suficiente para contar tudo o que viu e ouviu. E assim começou o seu livro:

## MEMÓRIAS DO VISCONDE DE SABUGOSA

Nasci no ano de 1920, na cidade de Sabugosa, filho de gente arranjada. Meu pai era um rei muito importante, que vivia lá atrás do monte, num castelo de dar água na boca. Fui criado com todo o zelo pela minha mãe, uma fidalga muito distinta, e por várias amas, cada qual mais bonita que a outra. Não foi em vão que desenvolvi um gosto apurado por mulheres.

Meu pai dizia que me educaria tal qual o *Emílio*, de Rousseau, e assim aconteceu. Ele era um homem culto e aproveitava suas horas vagas distraído em meio aos livros. Até hoje me emociono ao me lembrar dele, compenetrado, com suas leituras. Minha mãe era mais afeita às coisas da casa e não apreciava a literatura, a não ser quando ouvia algo sobre uma nova descoberta científica. Aí, sim, ela ficava de orelhas em pé. Acho que foi dela que herdei esse meu interesse pelo conhecimento científico.

Minha vida era tranqüila até o momento em que meu pai morreu de um susto que levou quando deparou com uma vaca dentro de casa. Eu tinha uns onze anos. Jamais vou me esquecer da tristeza de minha mãe. Como eu não tinha irmão mais velho e era novo demais para assumir o reinado, um tio assumiu o lugar do meu pai. Era uma pessoa boa, mas incompetente para a política. Dali em diante, o reino ruiu em feitos impensados e meu tio foi deposto dois anos mais tarde.

Sem termos para onde ir, expulsos de Sabugosa, fomos morar num pequeno povoado, até que minha mãe, enlouquecida, perdeu o rumo de casa. Sozinho, decidi procurar onde viver e não foi por mero acaso que encontrei um lugar encantado. Logo na entrada estava escrito: SÍTIO DO PICAPAU AMARELO. AQUI TODAS AS CRIANÇAS SÃO FELIZES!

Não tive dúvida. Entrei e aqui estou há várias décadas. Se não fosse por mim, as histórias de Lobato não teriam graça. Só eu, apenas eu, tenho respostas para tudo. Nasci velho, morri várias vezes e aqui estou. Minhas memórias são mais emocionantes do que os versos de Camões, os rompantes de D. Quixote ou algumas besteiras de uma tal Emília...

— Maldito sabugo de milho de araque! Eu bem sabia que ele andava aprontando alguma. Sumiu por vários dias e soube que estava no seu laboratório na Cova-do-Anjo. Se não era um novo superpó de pirlimpimpim que ele inventava, só podia ser esse livro cheio de mentiras... Hum! Deixa estar. Vou desmascarar o Visconde e todo o mundo vai saber que ele é um pobre de um sabugo de milho feito pelo Pedrinho e que morre de medo de vaca mocha e de galinha. É

medroso, tem reumatismo e não passa de um escravo meu. Basta eu ordenar, que ele se põe a carregar a minha canastra sem direito a reclamar. Isso é que dá o *seu* Lobato ter terminado a obra e esquecido de impor alguns limites aos seus personagens. O Visconde criou vida própria e agora quer ficar famoso.

Às escondidas, Emília foi lá e acrescentou uma palavrinha ao título do livro: “*Falsas*” *Memórias do Visconde de Sabugosa*. O revisor não notou e assim a boneca adiou, mais uma vez, o sonho do Visconde de ter seu próprio livro.

O que a boneca não sabia é que alguém havia falsificado as verdadeiras memórias do sabugo. A suspeita recairia mais tarde sobre o Gato Félix – o de mentira, não o verdadeiro –, aquele que o Visconde desmascarou em *Reinações de Narizinho*. Desolado, o Visconde não perdeu as esperanças.

\_\_ Quem sabe um dia algum pesquisador se interesse por publicar as minhas memórias? Eu não tenho data certa de nascimento, nem de morte. Eu nem sei se morri. Para ser sincero, nem sei direito se nasci, mas sei que sem mim o Sítio não seria o Sítio e a vida não seria tão misteriosa. Ah, e não esqueçam de acrescentar que eu também amei...

\*\*\*

Algumas décadas mais tarde, alguns pesquisadores se interessaram pela vida do Visconde de Sabugosa e recuperaram as suas memórias<sup>8</sup>. Ou melhor, as memórias *dele*. A história começou assim:

\*\*\*

O sabugo científico nasceu em meio aos livros e morava num vão de armário na sala de jantar do Sítio do Picapau Amarelo. As paredes da casa eram formadas por dois grossos volumes do *Dicionário Moraes*<sup>9</sup>. A obra *O Banquete*<sup>10</sup>, “escrito por um tal Platão que viveu antigamente na Grécia e devia ter sido um guloso”, era a mesa do Visconde. A *Enciclopédia do Riso e da*

---

<sup>8</sup> O único problema para os pesquisadores seria explicar para os leitores e demais pessoas que, ao contrário do que se espera que sejam as memórias – escritas pela própria pessoa –, as do Visconde não foram redigidas só por ele, o que poderia descaracterizar o título. Eles até pensaram em trocar a palavra “memórias” por “biografia”, porém, não gostaram e decidiram manter o título original para realizar o sonho do sabugo.

<sup>9</sup> Antônio de Moraes Silva, brasileiro, estudou Direito em Coimbra, antes da Independência do Brasil. Decidiu criar um dicionário menor que o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de autoria do padre inglês Rafael Bluteau (1638-1734) – obra com oito volumes e vários provérbios, que foi reformada e modificada. Lançada a segunda edição, a obra recebeu o seu nome – *Dicionário Moraes* – e se tornou conhecida.

<sup>10</sup> Um dos livros mais conhecidos do filósofo grego (428-347 a. C.), *O Banquete* traz diálogos sobre o amor.

*Galhofa*, “livro muito antigo e danado para dar sono”, e que Lobato lera<sup>11</sup>, tornou-se a cama do Visconde.

Segundo Lobato, os demais “móveis”, ou seja, cadeiras, estantes e armários, eram formados por livros de capa de couro<sup>12</sup> herdados de um tio de Dona Benta. O sabugo só mudou de casa depois que passou uma semana inteira atrás da estante, ficou embolorado e, como soltava um pó verde, começou a dormir numa lata, como revela o autor em *Reinações de Narizinho*. “Era naquela casinha que o Visconde passava a maior parte do tempo, lendo, lendo que não acabava mais – e tanto leu que empanturrou” (LOBATO, 1957a, p. 229).

O Visconde de Sabugosa é um personagem com diversas facetas. Ele *nasce* em *A Menina do Narizinho Arrebitado* para fingir-se de pai do Marquês de Rabicó. Era considerado um fidalgo muito distinto<sup>13</sup>. Ele era viúvo e sua mãe, Dona Palha de Milho, faleceu num “horrrível desastre”, comida pela vaca mocha. Todos os parentes do sabugo tinham sido “mascados” no Sítio por essa mesma vaca. O Visconde nem sabia que tinha parentes, mas é a forma encontrada pelo autor de

---

<sup>11</sup> “Essa ‘Enciclopédia do Riso e da Galhofa’, de autoria de Pafúncio Semicúpio Pechincha, era um livro que lhe caíra às mãos, não se lembrava como, e que vivia lendo e relendo, a princípio se divertindo, mas depois se irritando com a mediocridade das piadas e chistes. Bem mais tarde dirá de Sousa Pontes, o personagem de ‘O Engraçado Arrependido’: ‘Sabia de cor a ‘Enciclopédia do Riso e Galhofa’, de Fuão Pechincha, a criatura mais dessaborida que Deus plantou no mundo...’ (CAVALHEIRO, 1955, p. 40-41).

<sup>12</sup> Os livros de capa de couro denotam uma certa característica de uma época, de um saber mais aprimorado ou mais valorizado. Na história da encadernação, eles surgem já no Império Bizantino, nos séculos IV e V. Naquele período encontravam-se as capas que eram cobertas por materiais luxuosos, como couro, seda e brocados e até metais preciosos. O livro carregava um valor simbólico que ia além da sua leitura propriamente dita. Com o surgimento da indústria cultural e a produção do livro em série, no final do século 20, as encadernações de luxo desapareceram. Os de Dona Benta, herdados de um tio dela, como cita Lobato, faziam parte de um período antigo. A personagem foi criada na década de 20 e o tio dela vivera no século 19.

<sup>13</sup> \_\_ Depressa, Pedrinho! Arranje-me um bom visconde de sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa, e venha com êle pedir Emília em casamento. Enganei-a que Rabicó é filho dêsse visconde, o qual é um grande rei de um reino lá atrás do morro. Os dois, pai e filho, foram encantados por uma fada, só devendo se desencantarem no dia em que Rabicó descobrir uma certa minhoca com um certo anel mágico na barriga.

\_\_ E a bôba acreditou?

\_\_ Acreditou piamente e declarou que nesse caso aceitará Rabicó como espôso, embora não vá morar com êle enquanto não virar príncipe novamente.

Pedrinho fêz como Lúcia pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba, botou-lhe braços e pernas, fêz cara com nariz, bôca, olhos e tudo \_\_ e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com êle à casa da boneca.

\_\_ *Toque, toque, toque*, bateu.

\_\_ Quem é? \_\_ indagou de dentro a voz da menina.

\_\_ É o ilustre Senhor Visconde de Sabugosa que vem fazer uma visita à Senhora Condêssa de Três Estrelinhas e pedi-la em casamento para o seu ilustre filho, o Senhor Marquês de Rabicó.

\_\_ Espere um minutinho que já abro \_\_ respondeu a menina.

E voltando-se para a boneca:

\_\_ Vê, Emília? Além de príncipe êle ainda é marquês. De modo que se você casar-se com êle começa já a ser marquesa e um dia virará princesa. Não pode haver futuro mais bonito para uma coitadinha que nasceu na roça e nem em escola estêve. Você vai ser a Gata Borrallheira das bonecas!... (LOBATO, 1957a, p. 83-84).

explicar ao leitor a familiaridade do sabugo com todos os demais sabugos de milho. Ao longo da obra, o medo que o sabugo sentia de vacas e galinhas é realçado. Por um lado é sábio, inteligente, mas por outro é patético e até sofre do coração.

Segundo Narizinho, a neta de Dona Benta, o Visconde só escapou de ser comido por causa da cartola. O sábio desengonçado, que “muda de gênio” ao cair atrás da estante de Dona Benta, onde ficou esquecido por três semanas, quando “embolorou e deu para sábio”, tem seu destino alterado em virtude da proximidade com os livros em *Reinações de Narizinho*. “Parece que os livros pegaram ciência nêle. Fala difícilimo! É só física praqui, química prali...” (LOBATO, 1957a, p. 105).

Na viagem ao Reino-das-Águas-Claras, o sabugo demonstra seus primeiros interesses pela ciência, quando interroga uma sardinha que passava pela sua frente<sup>14</sup>, no momento em que atendia a uma de suas primeiras obrigações impostas pelas crianças. Pelo fato de ser “consertável”, era encarregado de missões de toda natureza, por isso morria e era refeito por tia Nastácia<sup>15</sup>. A Pedrinho coube fazer apenas o primeiro Visconde, que se perdia em situações as mais diversas, porque seu interesse científico o dispersava, como acontece quando Rabicó é aprisionado por um polvo e, destacado para vigiar os inimigos, o sábio se deleita em examinar uma baratinha<sup>16</sup>.

Pedrinho foi dali examinar o polvo moribundo, naquele momento rodeado dos valentes couraceiros. Nisto viu o Visconde que vinha descendo do mastro com a baratinha dentro da cartola.

O menino ficou danado.

\_\_ E eu acho que o Senhor Visconde é um perfeito palerma. Foi para pegar baratinha que eu o mandei subir ao mastro?

\_\_ É verdade! \_\_ exclamou o Visconde batendo na testa. Esqueci-me completamente da sua recomendação. Mas não faz mal; volto para lá outra vez e assim que as tropas do Príncipe apontarem ao longe darei sinal.

---

<sup>14</sup> Ia a sardinha dando uma rabanada para partir, quando o Visconde a segurou pela caudinha.

\_\_ Senhorita, poderá acaso dizer-me qual é o seu nome científico?

Não sendo uma sardinha culta, julgou ela que o Visconde estivesse caçoando e ofendeu-se.

\_\_ Malcriado! Não se enxerga? \_\_ retrucou botando-lhe a língua.

E lá se foi em direção ao palácio, tôda empinadinha para trás, a resmungar contra o “estafermo”. O Visconde, muito desapontado, ficou a refletir consigo que era uma pena serem totalmente analfabetos os habitantes daquele reino (LOBATO, 1957a, pág. 113).

<sup>15</sup> Mantenho a escrita original de Lobato, que escreve “tia” e “tio” com minúscula.

<sup>16</sup> Quanto ao Visconde, estava, por ordem de Pedrinho, trepado à gávea do mastro grande para dar aviso logo que avistasse as tropas do Príncipe. Mas foi coisa que nada adiantou. O Visconde era um verdadeiro sábio e os sábios são muito distraídos. Logo que chegou ao alto do mastro, distraiu-se com uma baratinha do mar que andava por ali, ficando a parafusar que nome científico poderia ela ter. Por isso não viu a chegada dos couraceiros, nem pôde dar aviso (LOBATO, 1957a, p. 116).

\_\_ Vai voltar mas é para o palácio, isso sim. Não vê que as tropas do Príncipe já vieram e Rabicó já está salvo? \_\_ e pondo o Marquês em marcha tomou rumo do palácio. O Visconde seguiu atrás, com a baratinha na mão. “Será uma **Balabera** ou uma **Stylopyga**? Que pena estar tão longe aquêle livro de Dona Benta...” \_\_ ia pensando êle, todo rugas na testa<sup>17</sup>. Chegando ao palácio encontraram as portas fechadas. O porteiro disse-lhes que o casamento já havia começado. Pedrinho aborreceu-se (LOBATO, 1957a, p. 117-118).

Os personagens viveram várias aventuras até a realização do casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado, quando retornaram ao Sítio. Esse movimento de ir e vir do Sítio como um lugar preferido pelas crianças é uma constante na obra lobatiana. Com o passar do tempo, como o Príncipe Escamado estivesse morto de saudade da “esposa”, resolveu visitar o Sítio, para desespero de tia Nastácia e Dona Benta, que não acreditavam que aqueles pequenos seres do fundo das águas pudessem falar. O Príncipe logo sentiu a falta do Visconde e do Marquês de Rabicó, mas Narizinho revelou que o sabugo estava esquisito demais e não tinha problema ter desaparecido<sup>18</sup>.

O sabugo reaparece em *Fábulas*, seu gosto pela ciência aumenta e toma caminhos diversos. Em *Peter Pan*, o “velho sábio” se dedicava a estudar Matemática e passou a fazer tudo com “precisão matemática”, como numa passagem em que Dona Benta marcou para sete horas o horário de começar a contar a história daquela noite. “Quando bateu sete horas êle entrou, em sete passadas, cada uma correspondendo a uma pancada do relógio” (LOBATO, 1957e, p. 151).

Como Narizinho o embrulhou num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes*, em *Reinações de Narizinho*, parece que isso influenciou o sábio de tal maneira que ele foi o responsável por descobrir, em *Peter Pan*, quem roubava a sombra de tia Nastácia. O sabugo “andava deduzindo” os fatos, mas não tinha ainda pistas definitivas.

Dona Benta pôs os óculos e viu que era isso mesmo.

\_\_ O Visconde ainda não descobriu coisa nenhuma?

\_\_ Estou na pista \_\_ respondeu o pequeno *sherlock*. Já examinei cuidadosamente o corte e vi que foi feito com tesoura. Ando agora a examinar o fio de tôdas as tesouras existentes

---

<sup>17</sup> Todas as citações foram retiradas da obra de 1957 e seguem as normas gramaticais da época.

<sup>18</sup> \_\_ O Visconde levou a breca \_\_ respondeu a menina. Voltou da viagem ao fundo do mar tão encharcado que tive de pendurá-lo no varal de roupa para enxugar. Mas ficou mal pendurado. Deu o vento e caiu e ficou esquecido num canto por muito tempo. Resultado: deu nêle uma doença chamada bolor. Ficou todo verdinho, coberto dum pó que sujava o assoalho. Embrulhei-o, então, num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes* que andava rondando por aí e o botei não sei onde. Com certeza já morreu...

\_\_ Que horrível desgraça! \_\_ exclamou o Príncipe seriamente compungido. Logo que voltar ao reino hei de decretar luto oficial por sete dias.

\_\_ Não vale a pena, Príncipe! O nosso Visconde já andava meio maluco com as suas manias de sábio. Ficou tão científico, que ninguém mais o entendia. Só falava em latim, imagine! Logo chega o tempo da colheita de milho e eu arranjo um Visconde novo (LOBATO, 1957a, p. 130).

na casa. Pela comparação hei de descobrir com qual delas o “rato” anda cortando esta sombra \_\_ e depois...  
\_\_ E depois o quê? \_\_ perguntou Emília com carinha de santa.  
\_\_ Depois veremos.  
Emília fêz um muxôxo e deu uma cuspidinha de desprezo (LOBATO, 1957e, p. 217-218).

Incansável, o sabugo desmascarou o raptor da sombra, que era ninguém menos do que Emília<sup>19</sup>. Sua condição de sábio lhe trouxe bons e maus momentos. Ele sofreu acidentes, empanturrrou-se com a leitura da *Álgebra*, foi operado e salvou-se. Sua ânsia pelo conhecimento fez dele o professor dedicado em *Aritmética da Emília* e seus estudos de Geologia permitiram que fosse perfurado o primeiro poço de petróleo do Brasil, em *O Poço do Visconde*. Em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, última obra de Lobato, o sabugo aparece como a concretização do saber científico.

O Visconde que cai na água e fica encharcado, embolora, que é espremido no torno para ser consertado, enfrenta vários obstáculos, resiste a tudo, enlouquece em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, volta ao normal e continua com sua sabedoria. É o sabugo que toma vida e vai até o final como representação do saber. Ele é o sábio reumático, que estuda latim, tem dificuldade para se locomover em algumas situações e possui como marca registrada a tossezinha para limpar

---

<sup>19</sup> No dia seguinte, à hora de acender o lampião, o Visconde apareceu todo cheio de si e disse:

\_\_ Descobri tudo. Descobri o ladrão da sombra de tia Nastácia. Aposto que ela está hoje sem sombra nenhuma.

\_\_ Quem é? Quem foi? \_\_ indagaram todos.

O Visconde olhou para Emília, que estava de lábios apertados e olhinhos duros. Quis dizer que era ela, mas não teve coragem. Por fim, como Dona Benta insistisse, não teve remédio.

\_\_ É a senhora Dona Emília a ladrona da sombra! \_\_ declarou o Visconde corajosamente.

Foi um espanto geral. Todos se voltaram para a boneca, que apenas sorriu com superioridade e respondeu com uma pergunta.

\_\_ Dona Benta \_\_ disse ela \_\_ explique ao Visconde o que é roubar.

\_\_ Roubar é tirar uma coisa que pertence a outra pessoa sem autorização dessa pessoa \_\_ ensinou Dona Benta.

\_\_ Muito bem \_\_ exclamou Emília. Mas se a coisa roubada continua no poder da dona, alguém pode afirmar que houve roubo?

\_\_ Não, está claro que não. Mas que tem isso com o caso?

\_\_ Muita coisa \_\_ replicou Emília \_\_ e voltando-se para tia Nastácia: \_\_ Acenda o lampião e veja se está mesmo roubada.

Tia Nastácia acendeu o lampião e, com grande surpresa, viu que sua sombra se projetava inteirinha na parede, como antigamente.

Todos arregalaram os olhos.

\_\_ Vejam que *sherlock* das dúzias é o tal Senhor Visconde! \_\_ gritou Emília, dando uma risada irônica. Acusou-me de ter furtado uma coisa que não foi furtada! A sombra de tia Nastácia está direitinha como sempre foi.

Era a pura verdade. Todos se aproximaram da parede para examinar o estranho caso. Viram que de fato a sombra fôra cortada em numerosos pedaços, mas que havia sido remendada de novo. As costuras estavam visíveis.

\_\_ Bom \_\_ disse Dona Benta. Desde que a sombra voltou, não vale a pena insistirmos nisso, mas Emília que não repita a brincadeira. A sombra grudou muito bem. Mas se não grudasse? Se a pobre tia Nastácia ficasse aleijada por tôda a vida? Não e não. Basta de tais reinações. Com sombra a gente não brinca.

Em seguida tomou assento em sua cadeira de pernas serradas e anunciou o fim da história de Peter Pan e Wendy (LOBATO, 1957e, p. 251-253).

o pigarro antes de dar uma explicação. Com suas várias facetas, o personagem, um amante dos livros, sobrevive com galhardia, como se vê em *O Poço do Visconde*:

Geologia? Pois o Visconde andava a estudar geologia?

Verdade, sim. O Visconde descobriu entre os livros de Dona Benta um tratado dessa ciência e pusera-se a estudá-la \_\_ a ciência que conta a história da terra, não da terra-mundo, mas da terra-terra, da terra-chão. E de tanto estudar ficou com um permanente sorriso de superioridade nos lábios \_\_ sorriso de dó da ignorância dos outros. Êle já entende de terra “mais que tatu”, dizia a boneca (LOBATO, 1957p, p. 2).

Sabugo de milho que se transformou no sábio do Sítio, depois de morrer e renascer várias vezes, é do Visconde que vem sempre a última palavra, como exemplo de alguém que detém o conhecimento e é chamado para esclarecer dúvidas e solucionar problemas. Toda vez que surge uma dificuldade no Sítio, as crianças apelam para ele, que tem a incumbência de ter respostas para tudo e, quando não as tem, se ressentido.

Que é o Visconde, dentro da cosmologia lobatiana do Sítio do Pipacau Amarelo? Que é o Visconde, dentro da mitologia lobatiana? Um mero transmissor de conhecimentos úteis, numa época em que os educadores, pedagogos, orientadores e filósofos educacionais já haviam descoberto, defendido e divulgado que o aluno não é ensinado, mas aprende, isto é, não há professor que ensine, há aluno que aprende? Lobato sabia disso. Lobato não faria de Visconde um “transmissor de conhecimentos úteis” (ou de “cultura inútil”, como querem os radicais de hoje).

Lobato sabia que o Visconde não “transmitiria” saber como os mosquitos transmitem a febre amarela (ALVAREZ, 1982, p. 61-62).

Emília se beneficiava dos estudos e descobertas do Visconde nem sempre de uma maneira honesta. Em *A Chave do Tamanho*, ela decide que vai resolver os problemas do mundo ao ver a tristeza de Dona Benta com os bombardeios a Londres durante a Segunda Guerra Mundial, que o pessoal no Sítio acompanhava pelos jornais impressos. Este livro foi escrito por Lobato num período de guerra e a situação mundial parece ter gerado frustração no autor, que andava insatisfeito com o rumo que o homem tomava.

Nas primeiras páginas de *A Chave do Tamanho*, Lobato demonstra que, independente do rumo que o mundo tomava, o sabugo científico continuava com suas pesquisas. Ele era um homem alerta ao que se passava no Sítio e no mundo e, portanto, não vivia isolado. Pressupõe-se que suas idéias não se cansavam e ele vivia a inventar novas coisas para fazer. Ao representar o homem de ciência no Sítio, tem-se a impressão de que havia um movimento constante na obra e nas histórias. De maneira misteriosa e às escondidas, o sabugo criava. O porta-voz da ciência carregava um ar de distinção, como se a ciência fosse para poucos, para homens especiais.

Dona Benta ia abrindo a bôca para a resposta, quando um homem a cavalo apontou na curva da estrada. Era o estafêta que, um dia sim, um dia não, portava ali para entregar a correspondência. Todos tiraram os olhos do pôr-do-sol para pô-los no estafêta. O homem chegou. Deu boa tarde. Apeou, com ar de eterno descadeirado e abriu o encardido saco de lona para tirar os jornais de Dona Benta. Há também uma carta para o Sr. Visconde de Sabugosa \_\_ disse êle entregando o pacote. Emília atirou-se para cima da carta como um gato se atira a uma cabeça de sardinha, e arrancou-a das mãos de Dona Benta, como o poeta queria que o Andrada arrancasse a bandeira dos ares. \_\_ Deve ser resposta a uma consulta que fiz sôbre vitaminas de pó-de-pirlimpimpim \_\_ explicou modestamente o Visconde, enquanto Emília se preparava para rasgar o envelope e Pedrinho suspirava pelo bodoque. \_\_ Não abra, Emília! \_\_ gritou Narizinho. Vovó já disse que o sigilo da correspondência é inviolável. Carta é uma coisa sagrada. Só o destinatário pode abri-la. Emília fêz um muxôxo de pouco caso e enfiou a carta no nariz do Visconde, dizendo: \_\_ Coma, beba o seu sigilo (LOBATO, 1957v, p. 5-6).

A fala de Emília deixa transparecer indícios do que se considerava um homem de ciência naquele período ou de como Lobato representava esse homem na sua literatura. E é bom ressaltar que o autor, por ser um homem, criou um personagem masculino para ser a personificação do conhecimento científico. A personagem feminina é um reflexo da mulher daquele período, que tinha pouca voz e vivia numa situação inferior à masculina. Emília subverte esse papel, pois é divorciada, corajosa, ousada, mas não é uma mulher de verdade. É uma boneca, pequena, que virou gente com o passar do tempo mas guarda características de boneca o tempo todo.

Dona Benta é inteligente, a portadora da sabedoria que vem dos livros, ensina em laboratório, mas não tem as respostas todas como o Visconde. Narizinho é apática na obra, aparece pouco e tia Nastácia é a negra velha, a cozinheira tratada em segundo plano pela cor e pela falta de cultura. Havia uma hierarquia não só de idades dos personagens do Sítio, bem como por outras razões culturais e raciais excludentes. O Visconde, apesar de toda a sua importância, em certos momentos é descartável e tratado com deboche. A ciência que dignifica a vida no Sítio e torna aquelas pessoas mais destacadas do que outras é a mesma ciência que embota o “pobre” do Visconde – sua sina é sua própria condenação.

Apelidado de “A Fênix do Sítio”<sup>20</sup> em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, parece mesmo que o sabugo está mais para um Sísifo obrigado a olhar de frente para a modernidade que despontava naquele período. O porta-voz da ciência, reduzido a um sabugo de milho que morria e reaparecia,

---

<sup>20</sup> A Fênix é uma ave mitológica que, quando morta, renascia das próprias cinzas. Fez parte do imaginário das culturas grega, egípcia e chinesa. Simbolizava a esperança e a vida após a morte. O Visconde de Sabugosa morria e voltava, por isso o apelido.

talvez fosse mais um recurso literário de Lobato, utilizado por outros autores, como o jornalista e escritor escocês James Matthew Barrie (1860-1937), criador do Capitão Gancho em *Peter Pan*<sup>21</sup>, personagem que voltava para amedrontar quando se imaginava que estivesse morto.

Seja como for, havia no sabugo de milho os elementos do que poderia ser a representação do homem de ciência, construído ao longo da história da humanidade, como demonstra o autor em *A Chave do Tamanho*, a exemplo das histórias de sábios que fizeram as maiores invenções em situações inusitadas. Quando viveu na cartola do Visconde, e tinha dificuldade de se comunicar com ele por causa do tamanho reduzido, Emília enfatiza as atitudes do sabugo.

\_\_ Não vejo necessidade de semelhante coisa, arrenegou o Visconde. Quando quiser falar comigo, basta chegar à janela e gritar. A janela é pertinho do meu ouvido. Emília deu uma risada.

\_\_ O Visconde não conhece. Os sábios são as criaturas mais distraídas do mundo. Quando o Visconde está ruminando uma idéia qualquer, não ouve nem tiro de canhão, quanto mais um chamadinho meu. Com o fio preso à barba, a coisa muda. Dou um puxão. A dor “acorda” o Visconde (LOBATO, 1957v, p. 104).

O saber não é atributo apenas do Visconde e também aparece na fala dos demais personagens do Sítio e, em cada aparição, percebe-se que a riqueza de sua expressão cresce com o evoluir da obra. Quando foi criada, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Emília era uma boneca muda, cética quanto ao conhecimento, mas no decorrer das histórias passa a falar – depois de engolir a pílula falante – e se torna irreverente e interessada nas questões da ciência, tanto que diante de dúvidas recorre ao Visconde na maior parte das vezes.

A boneca que virou gente entra no aspecto da ciência quando fala de Dona Benta e revela como o conhecimento científico se propagava pelo Sítio, como se vê em *Memórias da Emília*<sup>22</sup>. É ela quem quer reformar o mundo em *A Reforma da Natureza* e com a participação do Visconde interfere na estrutura do reino animal. As conversas entre os personagens privilegiam o aprender coisas novas, fazer novas descobertas.

---

<sup>21</sup> \_\_ Bem feito! \_\_ exclamou Emília. Essa rapôsa merece um doce. E com certeza o tal lobo era aquele que comeu a avó de Capinha Vermelha.

\_\_ Bôba! Aquele foi morto a machadadas pelo lenhador \_\_ disse Narizinho.

\_\_ Eu sei \_\_ tornou Emília \_\_ mas nas histórias a matança nunca é completa. Nunca o morto fica bem matado \_\_ e volta a si outra vez. Você bem viu no caso do Capitão Gancho. Quantas vezes Peter Pan deu cabo dêle? E o Capitão Gancho continua cada vez mais gordo e ganchudo (LOBATO, 1957c, p. 70).

<sup>22</sup> Tenho de dizer umas palavras sôbre esta senhora. Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas a diaba! De tanto ler aqueles livros lá do quarto, ficou que até brincando bate o Visconde em ciência (LOBATO, 1957n, p. 144 – 145).

No começo de suas férias no Sítio, o neto Pedrinho reclamava quando a avó Dona Benta queria ensinar-lhe Gramática. Com o tempo, adquiriu gosto pelo conhecimento e várias vezes o empregava em suas aventuras ou em situações banais do dia-a-dia. Em *Viagem ao Céu*, Dona Benta fala do Cruzeiro-do-Sul, do telescópio, e o menino se deleita com as “isquinhas de ciência” que assimila ao acompanhar as histórias. E, de tanto ouvir a avó falar do francês Flammarion<sup>23</sup>, ficou interessado em construir um telescópio e era chamado de “o pequeno Flammarion”. Graças às suas iscas de ciência, ele descobriu uma maneira de impedir que o Visconde, ou o Dr. Livingstone, ficasse perdido no espaço.

\_\_ Não sei se poderão salvar o Dr. Livingstone \_\_ observou São Jorge. Se êle foi projetado da Lua pela força do tal pó maravilhoso, o mais certo é estar transformado em satélite da Lua.

\_\_ Já pensei nisso \_\_ tornou Pedrinho apreensivo. Vovó diz que a fôrça de atração dos astros puxa todos os corpos para o centro dêles. Quando a gente joga para o ar uma laranja, a laranja sobe até certa altura e depois volta. Que é que a faz voltar? Justamente a fôrça de atração que puxa todos os corpos para o centro dêles. Enquanto a fôrça que jogou a laranja é maior que a fôrça de atração que puxa a laranja, a laranja sobe; quando a fôrça de atração se torna maior, a laranja cai.

São Jorge admirou-se dos conhecimentos de mecânica daquele menino.

\_\_ O pó de pirlimpimpim que o Visconde cheirou \_\_ prosseguiu Pedrinho, era muito pouco, não dava nem para levá-lo até à Terra. E como êle não caiu de novo sôbre a Lua e não podia ter chegado à Terra, o certo é estar parado na zona em que a fôrça de atração da Terra empata com a fôrça de atração da Lua \_\_ e nesse caso não sobe nem desce. Fica tôda vida girando em redor da Lua como um satélite. Acho que foi o que sucedeu \_\_ concluiu Pedrinho com a maior gravidade (LOBATO, 1957f, p. 69-70).

Numa das passagens de *Geografia de Dona Benta*, a avó, ao definir o éter<sup>24</sup>, contou com a colaboração do neto Pedrinho, que assumiu o comando e explicou o que era uma hipótese, em mais uma demonstração do autor de que a ciência impregnava a maioria dos moradores do Sítio. O conhecimento disseminado pelas leituras dos livros escolhidos por Dona Benta alcança também os animais, com exceção do Marquês de Rabicó, porco e ex-marido de Emília, que só pensava em comer.

---

<sup>23</sup> Camille Flammarion (1842-1925) era um astrônomo francês, espírita e amigo de Alan Kardec. Pertenceu ao Observatório de Paris e, ao deixar a instituição, em 1862, publicou *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, considerada uma obra filosófica. Fundou, em 1887, a Sociedade Astronômica da França e publicou vários livros populares sobre astronomia.

<sup>24</sup> \_\_ É uma espécie de ar que não é ar, nem coisa nenhuma conhecida. Sua função consiste em encher o espaço entre os planetas. O éter é uma coisa hipotética. Sabem o que quer dizer hipotética?

\_\_ Sei! \_\_ gritou Pedrinho, que sabia mesmo. Hipotético é o faz-de-conta dos sábios. Quando êles não podem dar explicação exata de certa coisa, arranjam uma explicação jeitosa, com o nome de hipótese, e essa hipótese fica no lugar da explicação verdadeira, guardando a cadeira, como um chapéu. Na venda do Elias Turco é assim. Há nas prateleiras uma porção de hipóteses de vinho (garrafas vazias) esperando uma remessa que êle pediu. Quando a

Os animais do Sítio nem eram tão animais assim, pois a maioria era falante e pensante. Quindim, o rinoceronte que fugiu do circo e aparece pela primeira vez em *Caçadas de Pedrinho*<sup>25</sup>, é um especialista em Língua Portuguesa, um “grandíssimo gramático”, como se vê em *Emília no País da Gramática*, tanto que Narizinho o apelidou de “cavalgada científica”. Em nenhum momento há referências do autor ao modo como o rinoceronte adquiriu os saberes, a não ser que também ouvisse as histórias contadas por Dona Benta e acompanhasse algumas travessuras das crianças. Pelo menos em *Emília no País da Gramática* ele é figura-chave.

Quindim também aparece como detentor do conhecimento em *Aritmética da Emília*, livro em que o Visconde é uma espécie de sábio e professor. O sabugo explica a Matemática de uma forma muito próxima ao conteúdo dos livros escolares. A diferença é que a imaginação do autor, expressa por meio do personagem científico, torna o tema mais interessante. Os alunos aprendem fora da sala de aula, ao ar livre, têm direito de falar, de interferir, de questionar, a exemplo do que faz Emília logo no começo. E mesmo com toda a sua ciência, o sabugo de milho engasga em algumas respostas, como naquela em que a boneca queria saber a função do Zero. Mas ninguém o desmerecia. Faziam de conta que estava tudo bem.

\_\_ Pois sendo assim \_\_ disse Emília, o tal Senhor Zero não é número, nem coisa nenhuma. E se não é número, que é então? Algum feiticeiro? Será o Mágico de Oz?...

O Visconde atrapalhou-se na resposta e para disfarçar gemeu o reumatismo. Mas Quindim, de dó dêle, berrou no seu vozeirão de paquiderme africano.

\_\_ É um sinal, pronto!

O reumatismo do Visconde sarou imediatamente.

\_\_ Pois é isso \_\_ disse êle. Um sinal. O Zero é um sinal. Quem não sabe de uma coisa tão simples?

A boneca e o rinoceronte piscaram um para o outro enquanto os *Algarismos* passeavam pelo picadeiro e depois se colocavam de lado, às ordens do Visconde (LOBATO, 1957, p. 168).

---

remessa chegar, êle tira das prateleiras as hipóteses vazias e põe as garrafas cheias. As hipóteses científicas são como as garrafas vazias do Elias Turco (LOBATO, 1957, p. 17-18).

<sup>25</sup> Este livro é a versão definitiva de *A Caçada da Onça*, publicado originalmente em 1924 e que traz como novidade a história do aparecimento do rinoceronte no Sítio.

## 1. O autor, a obra e a representação de mundo

O Sítio do Picapau Amarelo aparece como o lugar ideal<sup>26</sup> para se viver, como se vê na fala do Duque de Windsor, em *A Reforma da Natureza*: “No dia em que o nosso planêta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade” (LOBATO, 1957u, p. 194). É nesse reduto imaginário que os personagens desfrutam dos avanços tecnológicos da época, como o rádio, a máquina fotográfica, o livro, entre outros. E, no ápice da criação lobatiana, nas décadas de 1930 e 1940, o Brasil passava por diversas mudanças. Era pleno período do Estado Novo e da Ditadura Vargas e o autor foi preso por questões políticas.

A humanidade acompanhava os efeitos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) quando Lobato, autor, editor e tradutor, publicou parte de sua obra. De suas mãos saiu uma das mais completas obras infantis brasileiras, que nasceu com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicada pela primeira vez, em 1920, em edição pela *Revista do Brasil*, antes pertencente ao jornal *O Estado de São Paulo*, onde trabalhou como colaborador e a adquiriu em 1918 para iniciar o seu trabalho de editor. *Narizinho Arrebitado*, de 1921, foi publicado pela sua editora Monteiro Lobato & Cia, que faliu com a Revolução de 1924.

Lobato também tinha escrito e editado outros títulos, entre eles *O Saci*, *A Caçada da Onça*, *Fábulas*, *Hans Staden*, no ano em que foi para os Estados Unidos, em 1927, e *Peter Pan*, publicado no período em que estava fora do País. A ida de Lobato para o exterior, como adido comercial em Nova Iorque, a convite do governo brasileiro de Washington Luís, parece ter mudado sua concepção de mundo. Ele voltou ao Brasil em 1931, depois de ter perdido dinheiro em aplicações com o *crash* da bolsa em 1929. Nesse período teve que abrir mão de sua parte na Cia. Editora Nacional.

Seu retorno ao Brasil redefiniu sua trajetória literária e a fase que vai de 1930 a 1940 é considerada a mais frutífera da produção lobatiana, com uma intensa participação na vida editorial, política e literária, especialmente como tradutor. A essência da saga do Picapau Amarelo retoma sua vida com a publicação de *Reinações de Narizinho*, em 1931, pela Cia.

---

<sup>26</sup> A partir de Lobato, surge, no Brasil, uma série de narrativas em que o ambiente rural é uma constante, embora a reprodução do espaço não tenha sido suficiente para recriar o ambiente do sítio de Dona Benta, caracterizado pela interação cultural com diferentes lugares, em diferentes tempos, transcendido, sempre, o seu caráter regional (ZILBERMAN, 1982, p. 139).

Editora Nacional, em que o autor reuniu num só livro todas as histórias publicadas entre 1920 e 1930, quando foram criados os principais personagens, entre eles o Visconde de Sabugosa.

O autor tornou-se amigo do educador Anísio Teixeira (1900-1971), um dos idealizadores do movimento da Escola Nova na década de 1930<sup>27</sup>, que contou com a simpatia de outros escritores, entre eles a poeta e educadora Cecília Meireles (1901-1964)<sup>28</sup>, que realizou um inquérito sobre leitura. Nessa fase Lobato criou uma obra voltada para a escola. Entre os títulos estão *História do Mundo para as Crianças*, *Emília no País da Gramática*, *História das Invenções*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *Serões de Dona Benta*, *O Poço do Visconde* e *Histórias de Tia Nastácia*.

Na lista dos livros de Lobato também estão, a partir de 1937, *O Pica-pau Amarelo*, *O Minotauro*, *A Reforma da Natureza*, *A Chave do Tamanho* e *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Do encontro com Anísio Teixeira brotaram projetos e intenções maiores do que se concretizaram na prática, como enfatiza Cassiano Nunes na correspondência abaixo, em que Anísio escreve ao amigo.

Na mesma carta, Anísio anuncia a nova fase da literatura infantil de Lobato – o objetivo didático na obra do criador de Narizinho foi possivelmente inspirado pelo pedagogo baiano: “Dentro de meses saem seus novos livros, os de ciência... É o mundo sem fantasmas que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, o trabalho que me entenece inteligência muito mais que você o possa imaginar. Quando o vejo a procurar com o ferro e o petróleo dar espinha ao nosso invertebrado Brasil econômico e com os seus livros de arejar a inteligência ao menino brasileiro que se vai erguer nas suas pernas traseiras, fico a sonhar na sua estátua. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro,

---

<sup>27</sup> O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi publicado em 1932 e assinado por vários intelectuais brasileiros. Teve como destaque os nomes de Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971). Os precursores, inspirados pelas idéias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), foram os pedagogos Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Freidrich Fröebel (1782-1852) e o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952). Eles acreditavam que por meio da educação construiriam uma sociedade democrática, com uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. A pedagoga e poeta Cecília Meireles (1901-1964) integrou o movimento.

<sup>28</sup> No inquérito realizado pela poeta e pedagoga Cecília Meireles foram entrevistadas 1.387 crianças de 11 a 14 anos – mas também foram incluídas pessoas de 7 a 17 anos: “Embora de metodologia precária, inclusive quanto à formulação das perguntas (o inquérito produz 99,8% de respostas afirmativas ao primeiro quesito: ‘Você gosta de ler?’), alguns dos dados publicados são pertinentes. Os autores ‘literários’ mais citados são Olavo Bilac, José de Alencar, Coelho Neto, M. Delly e Julio Verne. Lobato é citado apenas por 1,7% dos entrevistados – todas meninas. Entre outros considerados ‘didáticos’ pela entrevistadora, surgem Erasmo Braga, Rocha Pombo e Nelson Costa. Quanto às motivações, os jovens pesquisados respondem que gostam de ler porque é instrutivo, útil, bonito, por razões morais, interesse por assuntos nacionais, histórias do Brasil, etc. Lê-se, também, predominantemente em casa (68,7%) e menos na escola (25,8%)” (PENTEADO FILHO, p. 149, 1997).

petróleo e inteligência se há de afinal construir a ‘componente nova’ do Euclides” (NUNES, 1986, p. 18).

## 1.1. A trajetória da obra

O Sítio do Picapau Amarelo, como dito anteriormente, contém 22 livros e o Visconde de Sabugosa está presente na maioria deles<sup>29</sup>, com um papel de destaque. Transforma-se no personagem mais requisitado para dar explicações, esclarecer dúvidas e cumprir tarefas, das mais simples às mais complicadas. Lobato levou 24 anos para finalizar sua obra – de 1920 a 1944. Neste trabalho de pesquisa estabeleço marcos que melhor definem os passos do personagem, ao considerar que em cada fase de criação das histórias o autor, o País e o mundo passaram por transformações que se manifestam na literatura lobatiana. Os primeiros livros carregam em seu bojo o fermento das demais histórias que viriam nos anos seguintes.

Com a análise dos livros que compõem o Sítio do Picapau Amarelo, nota-se que, além do Visconde, os demais personagens tomam corpo. Mas quem são eles e como se apresentam em suas aparições com relação ao discurso científico? Sabe-se que Monteiro Lobato sofreu inúmeras críticas pelas idéias contidas em seus livros. Penteado Filho (1997) destaca a rejeição a *História do Mundo para as Crianças* e cita como crítico veemente do autor o Padre Sales Brasil, para quem a obra lobatiana era uma negação à existência de Deus, entre outras coisas. Livros foram queimados em Taubaté, cidade natal de Lobato, em São João del Rei, no Rio de Janeiro, entre outras, e a obra foi retirada de escolas e bibliotecas brasileiras<sup>30</sup>.

Monteiro Lobato era amado pelas crianças, para as quais criara o sítio de Dona Benta. Com elas se correspondia, visitava-as em escolas e bibliotecas, quando submergia em abraços e perguntas. Mas sua obra infantil foi proibida em bibliotecas, banida de escolas públicas, queimada em colégios religiosos. A marca de escritor infantil maldito foi ficando tão forte, que Monteiro Lobato acabou transferindo seus títulos da Companhia Editora Nacional para a Editora Brasiliense: Octales Marcondes, proprietário da

---

<sup>29</sup> O Visconde de Sabugosa só não aparece em *O Saci*, *Hans Staden* e *Histórias de Tia Nastácia*. Em *História das Invenções* faz-se apenas uma pequena menção a ele e em *Serões de Dona Benta* ele aparece em ilustrações, acompanhado das crianças.

<sup>30</sup> Consideramos que, como qualquer construção humana, a produção literária está eivada de visões de mundo e posições políticas determinadas pela estrutura social em que está contida e, mais especificamente, pelo domínio da ação social das pessoas nessas estruturas. Ou seja, as formas mais gerais da organização social, como gênero, raça, classe, ocupação etc., assim também os campos de atuação social, tais como rituais, trabalho, comércio, instituições políticas, família e diversas afinidades condicionam simultaneamente os caminhos da produção literária e as representações sobre a ciência. Nesse sentido, afirmamos que o fato de a obra ser de autoria feminina ou masculina pode, portanto, determinar uma peculiar caracterização do mundo científico (DE LA ROCQUE; TEIXEIRA, L. A., 2001, p.3).

Companhia Editora Nacional, temia que a campanha sistemática contra os livros de seu ex-sócio afetasse a venda dos outros livros da casa (LAJOLO, 2000, p. 82-83).

Entre altos e baixos, Lobato criou o Sítio do Picapau Amarelo e, como se vê nas tabelas abaixo, são inúmeros os títulos, que não seguem um critério linear de produção. Eles variam segundo a época e as idéias do autor.

#### Obras da primeira fase literária de Lobato

Ano	Título
1920	A Menina do Narizinho Arrebitado <sup>31</sup>
1921	Narizinho Arrebitado/O Saci
1922	Fábulas <sup>32</sup>
1924	A Caçada da Onça
1927	Hans Staden
1930	Peter Pan
1931	Reinações de Narizinho
1932	Viagem ao Céu
1933	Caçadas de Pedrinho

#### Livros escritos para a escola

Ano	Título
1933	História do Mundo para as Crianças
1934	Emília no País da Gramática
1935	História das Invenções/Aritmética da Emília/Geografia de Dona Benta
1937	O Poço do Visconde/Serões de Dona Benta

<sup>31</sup> *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Narizinho Arrebitado*, como já dito, foram reunidos em uma só obra, *Reinações de Narizinho*, em 1931. Portanto, a contagem de 22 títulos não os inclui. Eles aparecem no quadro apenas para caracterizar a trajetória da obra desde o começo.

<sup>32</sup> Em 1921 o autor publicou a primeira versão com o título *Fábulas de Narizinho*. Na coleção de 1957 da Brasiliense, junto com *Fábulas* é publicado *Histórias Diversas*, mas ele não é contado como obra integrante do Sítio do Picapau Amarelo. Segundo a nota dos editores: “Para dar a este volume o número de páginas conveniente, adicionamos aqui os últimos contos de Monteiro Lobato, ainda não publicados”.

### Obras que completam o Picapau Amarelo

Ano	Título
1936	Memórias da Emília/ D. Quixote das Crianças
1937	Histórias da Tia Nastácia
1939	O Picapau Amarelo/O Minotauro
1941	A Reforma da Natureza
1942	A Chave do Tamanho
1944	Os 12 Trabalhos de Hércules

Diante da influência dos livros lobatianos nas primeiras décadas do século 20 e do número alto de leitores e admiradores que conquistou, pressupõe-se que a linguagem por ele empregada fazia sentido para aqueles que o liam. A relação entre realidade e fantasia traz questões polêmicas, como as de autores críticos da forma como Lobato evidenciava os personagens negros na sua obra, considerada como preconceituosa. Para Cristina Gouvêa (2005, p. 9), o autor não contribuiu, como se poderia imaginar, para eliminar o preconceito e, na verdade, o reforça em sua obra.

Verifica-se aí a incorporação, no espaço da literatura infantil, de uma representação do negro relacionado a práticas religiosas “primitivas”, “pagãs”. A cultura e a tradição negras eram compreendidas como manifestação de uma cultura inferior, pré-científica, corporificada nos pretos e pretas velhas, os assim chamados feiticeiros. Esses eram descritos como possuidores de um saber que não encontrava lugar numa sociedade que buscava modernizar-se, sob a égide de uma lógica científica que recusava tais manifestações.

A ficção que lembra a realidade – ou seria o contrário? – na obra lobatiana gerou mesmo controvérsias e o que para uns era uma maneira inteligente de fantasiar a vida, para outros era um modelo arcaico e preconceituoso de olhar para a sociedade<sup>33</sup>. Tia Nastácia e o Saci-Pererê são vistos por alguns críticos como personagens à margem, que não contam, a não ser como reforço de seus atributos que identificam sua condição inferior de negros.

A noção de realidade de Lobato, no que se refere à composição étnica da sociedade de sua época, está expressa na galeria de tipos de suas obras para crianças. Além do branco,

<sup>33</sup> Nas “Notas dos Editôres” de *Reinações de Narizinho* de 1957 há uma consideração sobre o real e o fictício na obra lobatiana que beira o exagero: “A maneira como Lobato aborda o assunto é única e sua – personalíssima. Não há nas suas histórias nenhuma diferença entre o real e o irreal – e é essa a psicologia infantil universal. Mas como ainda a criança mais sonhadora vive rodeada pelo real cotidiano, Lobato escreve suas histórias com o mais rigoroso naturalismo. Daí o indefinível encanto do gênero que – único no mundo – Lobato criou e vai penetrando na literatura universal com a firmeza e segurança dum tanque”.

do negro e dos mestiços tradicionais, lá está o “turco” (nada mais que o árabe, seja ele sírio ou libanês), figura encontradiça como comerciante, mascate ou proprietário rural no interior brasileiro.

A maneira como Lobato desenvolve a atuação de cada uma dessas personagens pode sugerir dúvidas quanto a um possível preconceito com relação a este ou aquele tipo étnico. Antes de mais nada, registre-se que esse preconceito, se existe, está subjacente no inconsciente coletivo popular. São formas, menos pejorativas do que jocosas, de apresentar esta ou aquela etnia. O anedotário popular de todos os países do mundo está sempre atribuindo qualidades negativas ou positivas aos imigrantes provenientes deste ou daquele país, deste ou daquele grupo étnico ou religioso (ALVAREZ, 1982, p. 29-30).

O mundo real representado pela literatura lobatiana e sua influência no imaginário do autor podem não ser tão óbvios e fáceis de serem comprovados, mas dificilmente deixam de estar enleados pelas circunstâncias, ideologias e pela própria forma como o autor via o mundo. “É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p. 178). Lobato recebeu críticas por expor o negro em sua obra como um ser inferior, embora os personagens como tia Nastácia, tio Barnabé e o Saci-Pererê reflitam, na época em que foram criados, as discrepâncias de um Brasil que em pleno século 21 ainda não conseguiu resolvê-las.

Para Gouvêa (1997, p. 234), “o ideal do embranquecimento que marcará profundamente o imaginário social brasileiro representava a alternativa possível à problemática da purificação racial na visão dos autores das teorias racistas”.

Na verdade, a questão da raça emerge de forma ambígua ao longo de tais narrativas. Por um lado, o negro vem reafirmar a identidade nacional, marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores a infância dos personagens. Por outro, esses mesmos valores, não encontrando lugar no seio de uma sociedade que se moderniza, se urbaniza, fazem o negro ocupar um espaço social à parte. Enquanto a modernidade é associada a urbanidade, progresso, técnica, ruptura, o negro vem se associar a significantes opostos que falam de tradição e ignorância, de universo rural, de mundo antigo (GOUVÊA, 1997, p. 249).

## **1.2. O sentido da escrita**

O texto lobatiano é construído com intercorrências e o que ele carrega em si pode vir explícito ou implícito. Muitas vezes, é nas entrelinhas que o sentido se constitui. Lobato diz uma coisa para se referir a outra em variadas situações, geralmente de uma maneira bem-humorada. *Emília no País da Gramática* traz, em inúmeras passagens, ironias do autor com relação à Língua Portuguesa. Emília é autorizada a fazer diversas reformas gramaticais e é na voz da boneca que

despontam falas críticas. Num dos momentos em que o Visconde rapta o ditongo ão, a personagem destila seu desagrado com a Língua.

\_\_ O Visconde \_\_ explicou Emília, sofre do coração, como vocês muito bem sabem, e por isso se assusta com as palavras que trazem o tal Ditongo ão. O coitado assusta-se como se o ão fôsse um tiro, ou um latido de cachorro bravo... (LOBATO, 1957i, p. 134).

Mais abaixo, Emília complementa:

\_\_ Pois é \_\_ concluiu a boneca, radiante. O Visconde raptou êsse Ditongo para livrar a língua de tôdas as palavras que dão tiros, ou que latem como cachorro bravo... (LOBATO, 1957i, p. 134).

Esse era um modelo de literatura que, em dados momentos, dificultava o acesso imediato do leitor ao sentido do texto. Numa das conversas de Emília com o Coronel Teodorico, em *A Chave do Tamanho*, a linguagem é mais complexa e exige maior abstração do leitor.

\_\_ Mas como poderemos viver sem dinheiro? \_\_ disse êle. Enquanto houver homens no mundo, haverá dinheiro.

Emília teve dó daquela burrice. Mostrou que o dinheiro era uma das muitas conseqüências do tamanho, como tudo o mais que os homens chamavam civilização. Desaparecendo o tamanho, desaparecia o dinheiro e tôda a velha civilização. Alegou que mesmo no mundo antigo muita gente já vivia sem dinheiro, como, por exemplo, o Visconde de Sabugosa, que nunca possuiu um tostão furado. Também os insetos viviam perfeitamente sem dinheiro (LOBATO, 1957v, p. 119).

Os lugares ocupados pelo discurso científico mudam de posição e não estão centrados apenas no sabugo de milho. Iniciam-se pela voz de Dona Benta, a avó portadora do saber, e se disseminam pelos demais personagens, com exceção do Visconde, que desde o seu nascimento não desgruda dos livros. Até Emília, que era boneca de pano, termina a obra com indícios de ser uma sábia. Mas o sabugo é a figura central quando o assunto é ciência.

Nos destinos descritos pelos romances, a ciência compõe a vida, define lugares e ações, constitui-se em objeto do desejo. Em cada obra a relação personagem-ciência tem suas particularidades, muito embora o conjunto apresente elementos comuns. A ciência se revelará nas histórias de vida dos personagens; pois pode estar presente no cotidiano, fazer parte dos processos de formação, estar incorporada em práticas e discursos (PINTO NETO, 2001, p. 165).

São inúmeros os trabalhos<sup>34</sup> realizados sobre a obra de Monteiro Lobato, com abordagens as mais variadas, que incluem aspectos políticos, pedagógicos, raciais, literários, entre outros. Em *O Saber Impotente – Estudo da Noção de Ciência na Obra Infantil de Monteiro Lobato* (1988), Carlos Ziller Camenietzki divide a obra lobatiana em três fases distintas, a fim de identificar o movimento da ciência dentro da estrutura literária. Ele defende que na obra lobatiana a ciência passa por gradações e acredita que as manifestações políticas de Lobato, que se refletem na literatura, estão relacionadas com a sua formação desde a juventude, quando teve contato com idéias positivistas em São Paulo.

Camenietzki (1988) toma como referência principal para estudo da obra lobatiana a participação do autor no grupo político que deu origem ao Partido Democrático na década de 1920. Ele acredita que esse acontecimento influenciou na criação das histórias do Picapau Amarelo, tanto que as falas dos personagens refletiriam o pensamento político e crítico do escritor. “Assim, a obra infantil de Lobato retrata a saga do liberalismo oligárquico em São Paulo durante a Primeira República” (1988, p. 7).

A necessidade de renovação transparecia na fala dos personagens e, na opinião de Camenietzki (1988), ao criar um personagem que embolorava várias vezes, no caso o Visconde de Sabugosa, Lobato expressava a necessidade de trocar o velho pelo novo, tanto que o sabugo de milho nasce e morre inúmeras vezes no transcorrer das histórias. Na década de 1920, quando Lobato começa a publicar os livros, a ciência aparece, segundo o autor, como algo inútil e que só atrapalha, fase em que a cultura e o saber são conflitantes. “O Visconde é, antes de tudo, um chato, um desmancha-prazeres” (1988, p. 21).

Desde a década de 1930 até 1942, a ciência é vista por Camenietzki (1988) como “o motor” das histórias e os títulos que ele denomina como pertencentes à fase do “saber útil” são *Viagem ao Céu, Caçadas de Pedrinho, História do Mundo para as Crianças, Emília no País da Gramática, História das Invenções, Aritmética da Emília, Geografia de Dona Benta, Memórias da Emília, D. Quixote das Crianças, O Poço do Visconde, Serões de Dona Benta, Histórias de*

---

<sup>34</sup> Dentre as principais produções sobre Lobato, pesquisadas para a dissertação, destaco *O Saber Impotente – Estudo da Noção de Ciência na Obra Infantil de Monteiro Lobato*, de Carlos Ziller Camenietzki; *Os Filhos de Lobato – O Imaginário Infantil na Ideologia do Adulto*, de J. Roberto Whitaker Pentead Filho; *Monteiro Lobato, Escritor e Pedagogo*, de Reynaldo Valinho Alvarez; *Monteiro Lobato – Furacão na Botocúndia*, de Carmem Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta; *Um Brasileiro sob Medida*, de Marisa Lajolo; e *Monteiro Lobato – Vida e Obra*, de Edgard Cavalheiro.

*Tia Nastácia, O Picapau Amarelo, O Minotauro e A Reforma da Natureza*, em que “Lobato registra a importância da engenhosidade científica” e o saber é valorizado.

Para Camenietzki (1988), a ciência como “motor” da história é evidente nas passagens entre os personagens. “Não pode haver dúvidas. Lobato trata com clareza meridiana a máquina (a técnica, a ciência) como elemento positivo no processo civilizatório, coisa que não aconteceu na fase anterior nem acontecerá na seguinte” (1988, p. 36). Essa incursão de Lobato pela literatura voltada para a escola, na década de 1930, não era um projeto novo, pois *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi publicado em 1920 como segundo livro de leitura para uso em escolas primárias.

Lajolo (1994, p. 96) explica que numa carta ao seu amigo Rangel, em 26 de junho de 1930, Lobato citava a literatura infantil e o jornalismo “como gênero economicamente rentável, rentabilidade ainda mais assegurada pela adesão ao gênero paradidático, à tradução e à adaptação”. Segundo a autora, o escritor antecipou a carência de livros paradidáticos.

O envolvimento de Lobato (retornado ao Brasil em 1931) com a campanha do petróleo prolonga o tempo das vacas magras e faz com que sua sobrevivência dependa, cada vez mais, dos livros infantis que escreve e das traduções que faz. Destacam-se aqui as obras cuja temática – por interessar à escola, ou por desfrutar do prestígio dos clássicos – garante circulação ampla e recompensa financeira para um quase insolvente Lobato que, em novembro de 1933, anuncia a Anísio Teixeira *Emília no país da gramática* (LAJOLO, 1994, p. 95).

O terceiro e último período em que se pode classificar a obra lobatiana, que seria a do “saber malversado”, de acordo com Camenietzki (1988), é posterior à década de 1940, quando há um desencanto do autor com a vida, com o mundo, fase em que a ciência é vista por ele como uma ferramenta que a civilização não sabe utilizar. Essa fase inclui os textos publicados mais para o fim da vida de Lobato e entre as obras desse período, segundo Camenietzki (1988), estão *A Chave do Tamanho* e *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Lobato passou por situações complicadas, foi preso mais de uma vez, no governo de Getúlio Vargas,<sup>35</sup> e decidiu viver na Argentina, em 1946.

---

<sup>35</sup> A razão concreta, jamais admitida pelos círculos oficiais, estaria no seu artigo-entrevista “Inglaterra e Brasil”, irradiado pela BBC de Londres em diversos idiomas a 30 de dezembro de 1940 e reproduzido pela imprensa norte-americana, inglesa e argentina. No texto de Lobato – conforme o comunicado da Overseas News Agency distribuído de Washington após a prisão do escritor –, ao apontar o poema “Se”, de Rudyard Kipling, como a chave para a compreensão da resistência dos ingleses na Segunda Guerra, ele aproveita para alfinetar a ditadura brasileira, furando, em nível internacional, o cerco do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 297).

Camenietzki (1988, p. 50) enfatiza que a visão científica da fase final “orienta-se no sentido da valorização do saber puro, à grega, separado dos atuais padrões civilizatórios”. Apesar de reconhecer que todos os textos de Lobato foram criados intencionalmente, este autor observa que o Visconde de Sabugosa não tinha o seu destino traçado, mas evoluiu como vários outros personagens. É constante a presença da ciência nas histórias lobatianas e, no fim da vida, o autor estava cético sobre o homem e o mundo.

Nestes textos o autor registra a distorção da ciência pela civilização. Ele se apresenta decepcionado com a humanidade. Em parte, principalmente em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, O Visconde volta a assumir algumas de suas características da primeira fase; ele volta a ser um avoadado e distraído sábio (CAMENIETZKI, 1988, p. 22).

### 1. 3. A escola na pauta literária

De *A Menina do Narizinho Arrebitado* a *Peter Pan*, as histórias que se passam no Sítio do Picapau Amarelo são mais tranquilas e a maioria dos personagens se contenta com ouvir o que conta Dona Benta e a fazer alguns passeios, como a viagem ao céu. No mais, eles estão afeitos à rotina do Sítio, viajam, em *Reinações de Narizinho*, ao Reino-das-Águas-Claras, que ficava no fundo do ribeirão<sup>36</sup> que corria pelo Sítio, e recebem a visita de personagens das fábulas. A partir da década de 1930, os livros trazem mais movimento, as crianças estão mais dinâmicas, curiosas e arteiras. Elas crescem com a obra.

*História do Mundo para as Crianças*, por exemplo, é uma obra de 1933 que inaugura o projeto de livros para a escola e cujo conteúdo é de História, baseada no livro do autor norte-americano V. M. Hillyer, diretor da Calvert School, de Baltimore, nos Estados Unidos. O título original é *Child's History of the World*, traduzido literalmente. Dona Benta, que “era uma senhora de muita leitura” e dispunha de uma biblioteca com centenas de volumes, recebia, segundo Lobato, de um livreiro da capital, as novidades, como é o caso deste livro em inglês. Dona Benta *conta* às crianças toda a história da humanidade, as invenções do homem até a data em que o livro foi publicado.

---

<sup>36</sup> Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “tias Nastácias” (LOBATO, 1957a, p. 3).

O autor mostra o lado positivo do evolucionismo e define a época presente como a melhor de todas, a “era dos milagres”, em virtude das conquistas do homem. E, num período em que o Sítio contava com um rádio de ondas curtas, Lobato cria mais uma obra em que o conteúdo é de História e de Conhecimentos Gerais<sup>37</sup>. É, portanto, outro livro lobatiano baseado na obra estrangeira *História das Invenções do Homem – O Fazedor de Milagres*, de Hendrik Van Loon<sup>38</sup>. Das seis às sete horas os moradores ficavam ligados na rádio de Pittsburgh, “que é uma das estações estrangeiras de maior fôrça” e aprendiam sobre o homem.

A avó Dona Benta explica, em *História das Invenções*, o surgimento do universo, fala de ciência, astronomia, literatura e sobre todas as invenções do homem até chegar às guerras; menciona as mudanças climáticas, a luta do homem para sobreviver em meio às intempéries e degradações provocadas pela mão humana e a construção das cidades. As crianças também aprendem sobre o vapor, o petróleo, a eletricidade. A avó conta as histórias “históricas e geográficas” da humanidade. Num dos trechos, Lobato deixa notar, pela voz de Dona Benta, a influência de Van Loon sobre o seu pensamento<sup>39</sup>, o que demonstra que sua permanência nos Estados Unidos influenciou a forma como via o mundo.

O autor enfatiza, em *História das Invenções*, os benefícios das invenções de que dispunham naquele momento e que tornavam a vida melhor e evidenciam, na obra, os avanços nas cidades, entre eles a iluminação das casas, das ruas e das estradas de rodagem, o cinema, os correios, a bateadeira de ovos, a máquina de costura, a pena, a tinta e o papel, a *Enciclopédia Britânica*<sup>40</sup>, os livros, a máquina fotográfica de Pedrinho, entre outros. Entre outros mesmo, pois o Visconde e a Emília são classificados como invenções, como se fossem coisas.

---

<sup>37</sup> *História das Invenções* (1935).

<sup>38</sup> Hendrik Willem Van Loon (1882-1944) foi jornalista, historiador, professor de História e escritor. Nasceu em Roterdã (Holanda) e emigrou para os Estados Unidos em 1903. Publicou inúmeras obras, entre elas *A História da Humanidade*. Lobato traduziu obras de Van Loon e as editou pela sua Companhia Editora Nacional. Seus livros são vendidos até hoje. Não é o primeiro livro dele que as crianças do Sítio conhecem. Dona Benta (LOBATO, 1957j, p. 209) explica que já tinha lido para elas a geografia do mesmo autor. O título original é *Van Loon's Geography*. Lobato criou *Geografia de Dona Benta*.

<sup>39</sup> “Há miolo já muito adiantado nos grandes homens, isto é, nos inventores, nos pioneiros e nos que *compreendem*; mas a massa geral do cérebro humano está hoje séculos atrás da mão. Van Loon diz que *mecanicamente* vivemos neste ano de 1935, mas *espiritualmente*, ainda muito perto dos peludos” (LOBATO, 1957j, p. 287), diz Dona Benta.

<sup>40</sup> A primeira edição da *Enciclopédia Britânica* foi publicada na Suécia em 1768, com 2.658 páginas distribuídas em três volumes. Durante muito tempo foi uma referência para quem queria conhecer o mundo. Os vendedores iam de porta em porta vendê-la. Chegou ao Brasil em 1940. A idealizadora do projeto foi a brasileira Dorita Barret de Sá Putch, que tinha nascido na Califórnia (EUA) e cujo pai era alto executivo da *Enciclopédia Britânica* nos Estados Unidos. Hoje continua a ser impressa mas também está disponível na internet para assinantes.

\_\_ Temos os livros!

\_\_ Sim, os livros onde os homens de imaginação e cultura fixaram suas idéias. Temos a Enciclopédia Britânica, onde tôda a ciência humana está concentrada. Temos os quadros das paredes \_\_ a arte. Temos a máquina fotográfica de Pedrinho, que me obriga volta e meia a posar com cara de riso. Temos os jornais que o correio nos entrega todos os dias com as novidades do mundo inteiro.

\_\_ Temos o varal de roupa...

\_\_ Sim, temos êsse fio de ferro chamado arame, recoberto duma camada de estanho para não enferrujar. Temos os pregos que Pedrinho prega...

\_\_ Temos o Visconde, que é um sabugo científico...

\_\_ E temos finalmente a Emília. Isso mostra que graças às invenções a vida humana vai sempre ganhando em comodidades e facilidades. Somos riquíssimos, se nos compararmos ao mais rico dos romanos. O que há é que ainda não acertamos um meio de vida que faça as invenções beneficiarem a tôdas as criaturas igualmente.

E a maior das invenções humanas vai ser essa: um sistema em que todos tenham tudo (LOBATO, 1957j, p. 290).

Incansáveis em suas brincadeiras, as crianças querem ir além o quanto podem. Em *Aritmética da Emília*, o Visconde inventa uma viagem ao País-da-Matemática. Ele armou, no pomar, o circo Sarrazani, onde cada um dos componentes da Matemática, ou “artistas”, se apresentavam e se explicavam, diante dos olhares curiosos do público. Como o sabugo estivesse afetado pelo reumatismo, Pedrinho construiu para ele uma cadeira de rodas, de rodas não, pois no lugar de rodas verdadeiras foram postas batatas. Aqui as crianças aprendem Matemática.

As explicações científicas, àquela altura, vinham de vários personagens. Emília era uma delas. Quando soube que o Visconde, depois do jantar, falaria sobre a conta de dividir, pediu a ele que lhe ensinasse antecipadamente e, para impressionar os meninos, assumiu o lugar do professor. Na verdade, ela “deu um tranco” no carrinho e o expulsou do picadeiro. E lá foi ela, de giz na mão, até o ponto em que não sabia mais. Inventou uma desculpa – dor de dentes –, sendo que nem dentes tinha. O Visconde reapareceu, “arrastando a perna reumática, vermelho de indignação”. Ele empregava exemplos práticos para transmitir a teoria às crianças.

\_\_ Ótimo \_\_ exclamou de repente o Visconde. Esta melancia veio mesmo a propósito para ilustrar o que eu ia dizer. Ela era um **Inteiro**. Tia Nastácia picou-a em pedaços, ou **Frações**. As Frações formam justamente a parte da Aritmética de que eu ia tratar agora.

\_\_ Se pedaço de melancia é Fração, vivam as Frações! \_\_ gritou Pedrinho.

\_\_ Pois fique sabendo que é \_\_ disse o Visconde. Uma melancia inteira é uma unidade. Um pedaço de melancia é uma fração dessa unidade. Se a unidade, ou a melancia, fôr partida em dois pedaços, êsses dois pedaços formam duas Frações \_\_ dois **Meios**. Se fôr partida em três pedaços, cada pedaço é uma fração igual a um **Têrço**. Se fôr partida em quatro pedaços, cada pedaço é uma fração igual a um **Quarto**. Se fôr partida em cinco pedaços, cada pedaço é uma fração igual a um **Quinto**. Se fôr partida em seis pedaços, cada pedaço é um **Sexto**. Se fôr partida em sete pedaços, cada pedaço é um **Sétimo**. Se fôr partida em oito pedaços, cada pedaço é um **Octavo**. Se fôr partida em nove pedaços, cada pedaço é um **Nono**. Se fôr partida em dez pedaços, cada pedaço é um **Décimo** (LOBATO, 1957i, p. 246).

Lobato encontrou na Matemática, disciplina valorizada no ensino elementar do início do século 20, uma forma de apresentar o conteúdo matemático ao aluno por meio de histórias, a exemplo de Malba Tahan, heterônimo do professor de Matemática Júlio César de Mello e Souza, consagrado pelo livro *O Homem que Calculava*. De acordo com Dalcin (2003), os dois autores se comunicam com o leitor por meio de uma linguagem simples, que emprega o vocabulário da época. Mas a autora aponta uma contradição apresentada por Lobato. Ao mesmo tempo em que ele sugere que as crianças decorem a tabuada, prática comum nas escolas da época, portanto tradicional, o autor também era reconhecido por ser adepto às inovações.

O professor Visconde vai definindo e desenvolvendo os conceitos matemáticos básicos, através de exhibições e acrobacias. As operações fundamentais, por exemplo, são apresentadas como “acrobacias” dos algarismos. Já os símbolos de igualdade e raiz quadrada, bem como os termos problema, solução e prova, são apenas “exibidos” ou “anunciados”. Em seguida, as tabuadas da adição, subtração, multiplicação e divisão vão sendo apresentadas ao público com a solicitação de que “sejam decoradas” (DALCIN, 2003, p. 31).

E como as idéias andassem de vento em popa, os personagens decidiram fazer uma viagem montados no Quindim que, além de especialista em Gramática, era também o intérprete do grupo, como se vê em *O Poço do Visconde*, em que ele fala inglês. As crianças do Sítio foram visitar o País-da-Gramática<sup>41</sup>. Nessa obra, Lobato as leva a mergulhar no mundo das vogais, consoantes, adjetivos, verbos, advérbios, gírias, galicismos, das palavras velhas e novas – ou neologismos. A partir dos diálogos entre as crianças, as opiniões surgem, bem como as explicações gramaticais com exemplos práticos, como se vê a seguir:

\_\_\_ Muito bem \_\_\_ disse Narizinho. Vamos à terceira prateleira.

Nesta terceira estavam os Adjetivos **Conjuntivos**, que servem para indicar uma coisa que está para trás. Eram êles: O QUAL e CUJO, com as suas respectivas espôsas e os seus plurais. Quindim exemplificou:

\_\_\_ O VISCONDE, CUJA CARTOLINHA SUMIU, ESTÁ DANADO. Nesta frase, o adjetivo CUJA refere-se a uma coisa que ficou para trás.

De fato, o Visconde havia perdido a sua cartolinha na aventura com as Palavras Obscenas. Deixara-a para trás (LOBATO, 1957i, p. 38).

Em *Geografia de Dona Benta*, uma nova viagem. Reunidas em torno da avó, as crianças do Sítio estudavam Geografia e ouviam atentas como aconteceu a formação do Universo. O autor permite ao leitor viajar pelo mundo com os personagens dentro do navio faz-de-conta Terror-dos-

---

<sup>41</sup> *Emília no País da Gramática* (1934).

Mares, viver aventuras e se localizar no planeta. O Visconde assumiu o posto de *steward*, ou criado de bordo. Dona Benta se vestiu de “lôbo-do-mar” e tornou-se “capitão”, para quem choviam perguntas.

O Capitão ficava tonto com tantas perguntas, mas não deixava nenhuma sem resposta. \_\_\_ Já vou mostrar o que é polo \_\_\_ e pediu que lhe trouxessem uma laranja. Atravessou-a lado a lado com uma vareta e disse: aqui está a Terra, esta laranja, e a Terra gira sobre si mesma como estou fazendo a laranja girar sobre o eixo da varinha, assim \_\_\_ e fez a laranja girar. A Terra vive eternamente em giro sobre um eixo ideal, isto é, que não existe materialmente. É como se esta laranja girasse, como está girando, mas por si mesma, dando uma volta completa em 24 horas \_\_\_ e isso faz o dia e a noite; e também gira em redor do Sol. Mas para dar uma volta completa em redor do Sol leva mais tempo \_\_\_ leva 365 dias, ou um ano. Ano quer dizer isso: o espaço de tempo que a Terra leva para dar uma volta completa em redor do Sol. Entenderam?

\_\_\_ Mas que tem isso com pólo?

\_\_\_ Já chego lá. Pólo é cada um destes pontos por onde a vara entra e sai da laranja (LOBATO, 1957m, p. 38).

O que vimos acima é o que acontece em cada um dos títulos direcionados à escola, em que o conhecimento ocupa lugar de destaque. Neste livro, quando Dona Benta explica a Pedrinho o que é a Lei da Gravitação, Lobato encerra com a fala da personagem e dá a ela um ar de quem consegue tornar a ciência clara como a água para as crianças.

\_\_\_ Compreendi. Continue vovó.

\_\_\_ Já acabou. É isso só. Um astro atrai outro conforme o tamanho e conforme a distância em que está do outro. Quanto maior for o astro, mais atrai, e quanto mais longe estiver, menos atrai. A Lei da Gravitação é isso.

\_\_\_ Ora, ora! \_\_\_ exclamou Pedrinho. Tão claro e simples, e eu pensei que fôsse um bicho de sete cabeças. Só, só, só isso?

\_\_\_ Só meu filho. Todas as coisas da ciência são simples quando as entendemos (LOBATO, 1957m, p. 6).

Os personagens conheceram mares, lugares novos, visitaram países, viram as especialidades de cada região, seus governos, seus hábitos de vida, sistemas políticos, a moda, passaram por aldeias de pescadores e se encantaram com a história de cada povo. Experimentaram situações curiosas, uma delas quando o Visconde caiu no mar e foi pescado por um anzol. “\_\_\_ Anzol não! \_\_\_ protestou a boneca. Ponha um salva-vidas. Anzol espeta” (LOBATO, 1957m, p. 99), reclamou Emília a Pedrinho. Ele nem deu ouvidos. “\_\_\_ Espeta, nada. Sabugo não dói, não é de carne \_\_\_ e com muito jeito Pedrinho conseguiu pescar o estranho peixe” (LOBATO, 1957m, p. 100).

Quando os viajantes se encontravam no Oceano Pacífico rumo às ilhas Kurilas<sup>42</sup>, houve uma briga em alto-mar. Pedrinho havia comprado um rádio em Nova Iorque e quase acabava com os ouvidos da avó de tanto ouvir música. Eles também acompanhavam notícias do Brasil, especialmente as de futebol. Ao final do jantar, o pior aconteceu. Souberam que o Palmeiras, o time da Emília, tinha perdido para o Corinthians, o preferido do Visconde. O pobre corintiano levou a pior. “Danada com a derrota do seu clube, Emília arrumou com uma colher na cabeça do Visconde, para castigá-lo do risinho de vitória que lhe viu no rosto” (LOBATO, 1957m, p. 153).

Foram diversas as novas terras desbravadas pelos personagens do Sítio e a alegria foi geral quando passaram pela Dinamarca, [...] a pátria de Andersen, o amigo das crianças (LOBATO, 1957m, p. 261), e visitaram, em Copenhague, o túmulo do escritor Hans Christian Andersen (1805-1875). Mas tiveram que voltar às pressas, pois receberam a notícia de que Rabicó estava a um passo da morte. O que não era verdade. Seja como for, as crianças se entretiam entre viagens e aprendizagens no Sítio.

Os conteúdos de Física e Astronomia, por exemplo, estão presentes nos *Serões de Dona Benta*. As crianças aprendem sobre ar, água, matéria, máquinas, calor, fogo, tempo, clima, sistema solar, solo, entre outras coisas. Dona Benta tinha montado um laboratório no antigo quarto de hóspedes. “Tinha lá uma porção de frascos de drogas, e tubos de vidro, e cubas, e lamparinas de álcool. Um perfeito gabinete científico de amador” (LOBATO, 1957q, p. 18), onde a avó explicava as coisas do mundo. E da ciência.

— Os sais são o produto da combinação dum ácido com uma base. Quando misturamos matéria básica com matéria ácida, o resultado é *água e mais um sal*. Se, por exemplo, misturamos soda, que é uma base, com ácido hidroclórico, teremos água e sal de cozinha.

— E de que côr os sais deixam o tornassol?

— Da mesma côr. Não têm nenhum efeito sôbre êle. Mas a matéria, continuou Dona Benta, talvez seja uma coisa só, que se apresenta sob diversos aspectos, conforme as condições. Os sábios de hoje estudam muito isso, sem terem chegado a nenhuma conclusão definitiva — e os sábios da antiguidade também se preocuparam com o assunto. Por longo tempo ficou estabelecido que tôdas as substâncias que compõem o mundo se reduzem a quatro elementos: água, ar, terra e fogo. E os sábios do Tibé ainda em nossos dias aceitam essa divisão, com um aumentozinho: água, ar, terra, fogo e “espaço etéreo.”

— E hoje como é?

— Hoje a ciência admite, em vez de quatro elementos, 92. São os chamados *corpos simples*, isto é, as substâncias que não podem ser desdobradas em outras. O oxigênio, o

---

<sup>42</sup> As Ilhas Kurilas do Sul pertenciam aos japoneses, que as colonizaram no século 18, com a expulsão dos povos nativos, chamados de ainus. Em 1855, com a assinatura do Tratado de Shimoda, as ilhas passaram a pertencer também à Rússia. O Tratado de São Petersburgo devolveu-as ao Japão em 1875. Contudo, em 1945, com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, Stalin reconquistou o arquipélago.

ferro, o ouro, o carbono, o mercúrio, o chumbo, etc. são corpos simples \_\_\_ e são êsses 92 corpos simples que entram na composição de tôdas as substâncias existentes.

\_\_\_ E amanhã, como será, vovó?

\_\_\_ Não sei, meu filho. A ciência não pára de estudar e de remendar o que chamamos Verdade Científica. Antigamente a verdade era a existência de quatro elementos. A verdade do futuro talvez seja a existência dum elemento só. Mas como não vivemos no passado nem no futuro, e sim no presente, só nos interessa a verdadezinha de hoje \_\_\_ embora a admitamos *cum grano salis*, como dizem os filósofos (LOBATO, 1957q, p. 62-64).

*Serões de Dona Benta e O Poço do Visconde*, obras que encerram, em 1937, o projeto de Lobato de livros para as escolas, confirmam a tentativa do autor de desobscurecer o conhecimento científico para os leitores por meio de seus textos. Nos costumeiros serões, que aconteciam à noite com horário marcado, a avó do Sítio do Picapau Amarelo suavizava as “comichões científicas” das crianças com aulas de Física e Astronomia, matérias que integravam o currículo das escolas<sup>43</sup>. A avó e professora não se cansava de dar explicações, a exemplo do que se vê quando ela ensina sobre o ar:

A viagem de Dona Benta pela estratosfera veio assanhar os meninos. Surgiram projetos, cada qual mais louco. Por fim a professôra disse:

\_\_\_ Chega de fantasia; vamos agora voltar ao arzinho que temos por aqui em redor de nós. O homem sempre soube, por experiência, que, quando mergulhava nágua, a água exercia pressão sôbre seu corpo, tanto maior quanto mais fundo mergulhasse. Mas que o ar também exercesse pressão, isso ninguém sabia (LOBATO, 1957q, p. 14).

A ciência inebriava tanto as crianças que elas queriam cada vez mais aprender. No último capítulo de *Serões de Dona Benta*, Pedrinho recebe uma carta de Dona Antonica, sua mãe, em que ela avisava sobre o início das aulas e pedia que ele voltasse imediatamente para o Rio de Janeiro. Foi a primeira e única referência do autor sobre o retorno do garoto que depois aparece sempre como morador do Sítio. O menino lamentou-se. “\_\_\_ Eletricidade, acústica, ótica, biologia... acrescentou o menino. A ciência é longa e a vida só tem quatro meses cada ano \_\_\_ as férias que passo aqui” (LOBATO, 1957q, p. 199).

Enquanto Pedrinho arrumava as malas, Dona Benta recebeu a visita do Coronel Teodorico, que iniciou uma “prosinha” com Emília. Ele debochou quando soube dos “serões científicos”, o que muito irritou a boneca, ao ouvir aquela ironia vinda de um homem que ela considerava “tão burro”.

---

<sup>43</sup> Vêm em 1937 os *Serões de Dona Benta e O Poço do Visconde*, obras em que o mesmo projeto informativo que norteia seus paradidáticos coexiste com o projeto político que custou não poucos dissabores a Lobato, entre os quais o ser *desadotado* em escolas públicas, desastre terrível para quem tem nos livros o ganha-pão da família... (LAJOLO, 1994, p. 97).

— Eu ouço falar nessa tal história de ciência, mas o que sei é que os sábios são uns pulhas, uns sem-vintém, ao passo que homens como eu, criados no trabalho e na ignorância, vivem gordos e fartos, com dinheiro no banco. A falar verdade, Dona Emilinha, não acredito muito nessa tal ciência.

Emília, que já era um verdadeiro caraminguazinho (1)<sup>44</sup> de ciência, ofendeu-se com a bobagem e disse:

— Parece que não acredita, Coronel, mas acredita tanto quanto nós. Quando o senhor deseja mandar fazer um serviço qualquer, que camarada escolhe: um que *sabe* fazer o serviço ou um que não *sabe*?

— Está claro que escolho um que sabe; do contrário vem asneira e levo na cabeça.

— Logo, o senhor acredita na ciência dêsse camarada. Saber é ter ciência na cabeça (LOBATO, 1957q, p. 200).

Indiferentes a qualquer crítica, os moradores do Sítio continuavam com suas invenções sem-fim. Depois de descobrir um livro sobre Geologia entre os livros de Dona Benta<sup>45</sup>, o Visconde se pôs a estudá-lo com afinco. Afiadíssimo que estava, ele achou que fosse possível perfurar um poço de petróleo no Sítio, como queriam as crianças. Antes, o sábio decidiu dar aulas de Geologia no quadro negro para explicar a formação do petróleo. Ele até desenhava figuras. Mas as crianças se cansaram da teoria e fizeram greve.

— O coitado do Brasil cansado de esperar petróleo e êste cacetíssimo Visconde a nos injetar noites e noites de ciência! Não quero mais. Chegou o momento de começarmos o poço.

— Mas, como, Pedrinho, se ainda quase nada sabemos de geologia? — objetou a menina.

— Muito bem. Vamos começar o trabalho e o Visconde nos vai ensinando. Lições ao ar livre — *fazendo*. É fazendo que o homem aprende, não é lendo, nem ouvindo discursos. Eu quero ciência aplicada...

— Ali na batata! — gritou Emília que vinha entrando. Também penso como Pedrinho. Quero começar o poço já.

O Visconde apareceu com a geologia debaixo do braço.

— Escute, senhor geólogo — disse Pedrinho. Basta de aulas. Fizemos greve. Queremos começar o poço já, já, está ouvindo?

O sabuguinho científico arregalou os olhos.

— Homessa! Como podem pensar em perfuração antes de terem adquirido uma boa base geológica?

— Do modo mais simples. Damos começo ao trabalho e V. Excelência nos vai ensinando pelo caminho, à proporção que os problemas aparecerem.

— Isso mesmo! — berrou Emília. Faz de conta que já sabemos a geologia inteira.

O Visconde coçou a cabeça; mas como era greve, teve de concordar.

— Pois seja — disse êle. Serão aulas ao ar livre. Começaremos com o estudo geológico dos terrenos do pasto (LOBATO, 1957p, p. 72-73).

---

<sup>44</sup> Lobato cria a nota de rodapé para explicar que “Em ‘O Poço do Visconde’ aparece o Caramingá nº 1, o primeiro poço de petróleo do Brasil, aberto no sítio” (LOBATO, 1957q, p. 200).

<sup>45</sup> *O Poço do Visconde* (1937).

Os meninos continuavam a se irritar com as teorias do Visconde e Pedrinho achou que se permanecessem naquele ritmo levariam um ano em estudos teóricos. Por isso, organizaram nova greve. O sabugo teve que ceder, pois as crianças se cansaram de assistir às aulas tradicionais, com quadro negro e giz, e queriam partir da ciência teórica para a ciência prática. Queriam pôr a mão na massa, depois de participar do curso de Geologia ministrado pelo sábio.

Até ali tudo corra muito bem, porque eram coisas que estavam nos livros. Mas quando tiveram de ver no chão se realmente existiam tôdas as condições favoráveis para a existência do petróleo, o sabuguinho científico começou a mostrar exigências excessivas. Pedrinho danou. Viu logo que naquele andar passariam pelo menos um ano em estudos teóricos antes de darem comêço ao poço \_\_\_ e como era o poço o que mais o interessava, convidou Narizinho e Emília para outra greve.

\_\_\_ Sim \_\_\_ disse êle \_\_\_ porque nesta toadinha do Visconde ficamos tôda a vida a estudar coisas dos livros e nada de perfuração. Nosso Visconde é livresco demais. Temos que declarar greve. Topam?

\_\_\_ Topamos \_\_\_ concordaram as duas, também já cansadas de ciência teórica.

Pedrinho voltou-se para o sábio e disse:

\_\_\_ Feche o livro, Visconde. Resolvemos dar comêço ao poço já, já, já.

O Visconde fêz cara feia.

\_\_\_ Mas como pode haver poço sem ciência, menino? Que bobagem é essa?

\_\_\_ Bobagem ou não, queremos começar o poço imediatamente. Está decidido por maioria de votos \_\_\_ três contra um (LOBATO, 1957p, p. 97).

#### 1.4. O espírito do texto científico

Há indícios, durante a leitura da obra lobatiana, de que o autor tinha uma preocupação constante com a aquisição de informação, de conhecimento e com o desenvolvimento do senso crítico pelos personagens. Como é possível notar no trecho a seguir, em que Pedrinho questionava a respeito da serpente do mar ao Doutor Caramujo, o conhecimento científico contagia a turma do Sítio. O médico surge como alguém que tem conhecimento limitado, enquanto o Visconde de Sabugosa é, desde o seu *nascimento*, o mais sabido.

\_\_\_ Mas há ou não há essa tal serpente? \_\_\_ indagava êle. Uns dizem que há, outros dizem que não há. Qual a sua opinião, Doutor Caramujo?

\_\_\_ Nunca a vi \_\_\_ respondeu o médico. Mas o mar é tão grande que deve haver de tudo.

\_\_\_ Uma coisa não há \_\_\_ interveio Narizinho. Sereias! Vovó diz que sereia é mentira.

Pedrinho fêz um muxôxo de dúvida.

\_\_\_ Como vovó pode saber, se nunca devassou todos os mares?

\_\_\_ Essa é boa! É de primeira. Parece até que a burrice de Emília pegou em você, Pedrinho? Vovó sabe porque lê nos livros e é nos livros que está a ciência de tudo. Vovó sabe mais coisas do mar, sem nunca ter visto o mar, do que êste Senhor Caramujo que nêle nasceu e mora. Quer ver?

E voltando-se para o Ilustre Doutor:

\_\_\_ Diga, Doutor, qual é o seu nome científico?

O Doutor Caramujo engasgou, com cara de quem nem sequer sabia que tinha um nome científico.

\_\_ Não sabe, não é? \_\_ continuou Narizinho vitoriosa. Pois fique sabendo que vovó sabe \_\_ e até o Senhor Visconde, só porque cheirou os livros de vovó, é capaz de saber. Vamos, Visconde! Dê um quinau aqui neste sábio da Grécia. Diga qual é o nome científico dos caramujos.

O Visconde limpou o pigarro e deitou sabedoria.

\_\_ O Senhor Caramujo é um molusco gasterópode do gênero Líparis.

Entusiasmada com a ciência do Visconde, Narizinho bateu palmas.

\_\_ Está vendo, Doutor? O Senhor é um Líparis, Lí-pa-ris! Com “L” grande! Escreva na sua casca para não esquecer. O nosso Visconde sabe o nome científico de tôdas as coisas, menos uma... Aposto que não sabe o nome científico de Emília!...

O Visconde respondeu, depois de limpar outro pigarro:

\_\_ A senhora Emília é um animal artificial que não está classificado em nenhuma zoologia (LOBATO, 1957a, p. 107-108).

A ciência sai da teoria para a prática em *O Poço do Visconde*. O sabugo traz explicações sobre os diferentes tipos de rochas e de suas metamorfoses, sobre os fósseis e uma série de outras coisas. Entre uma fala e outra surgem explicações para a teoria e manifestações da sabedoria do sabugo, o que causa admiração e curiosidade nos demais personagens<sup>46</sup>.

\_\_ Pro-to-plas-ma \_\_ repetiu Emília. Explique o que é. Eu não finjo que sei as coisas.

\_\_ Protoplasma \_\_ explicou o Visconde \_\_ é o caldo, o mingau dêsses serezinhos. É a substância da vida. A vida começa sendo protoplasma. O princípio de tudo que é orgânico está no protoplasma.

\_\_ Viva o protoplasma! \_\_ gritou Emília.

\_\_ Diante dêsses enormes amontoados de fósseis, os sábios perguntam: “Onde está o gato?” Isto é: “Onde está o protoplasma que os enchia?” Os sábios sabem que na natureza nada se perde; uma coisa não desaparece, apenas se transforma em outra. Se não está aqui, está ali. Se não está sob esta forma, está sob outra forma. Os sábios fazem essa pergunta e eles mesmos respondem, porque a função dos sábios é perguntar e responder a si próprios.

\_\_ E que respondem?

\_\_ Respondem uma porção de coisas; êsse protoplasma, ou essa matéria orgânica dos animálculos, muda-se numa porção de coisas que neste momento não nos interessam \_\_ e mudam-se também no que mais nos interessa: em petróleo. Êsses bichinhos eram sêres marinhos e por isso se multiplicavam tanto. O grande reservatório da vida sempre foi o mar. Na terra a vida só é possível na superfície e até a poucos palmos de fundo, onde

---

<sup>46</sup> A um quilômetro dali havia um morro com grande desbarrancado \_\_ a “barreira”, como se dizia no sítio. O Visconde levou-os para lá. Diante da barreira, parou e sorriu.

Os meninos entreolharam-se. Não compreendiam que o Visconde encontrasse matéria para sorriso num barranco feio como todos os mais.

\_\_ Que gôsto é esse, Visconde? \_\_ perguntou Emília.

\_\_ Ah, o sorriso que tenho nos lábios é um sorriso geológico \_\_ o sorriso de quem sabe, olha, vê e compreende. Êste barranco é para mim um livro aberto, uma página da história da terra na qual leio mil coisas *interessantíssimas*.

Os meninos olharam para o barranco e de novo se entreolharam com ar de quem pergunta: “Estará o Visconde a caçoar conosco?”

É um dos barrancos mais lindos que já vi, continuou o sábio. Observem atentamente estas superposições de camadas paralelas. Estão superpostas, isto é, uma em cima da outra, e são constituídas de rochas diferentes.

\_\_ E quem tem isso?

\_\_ Tem um colosso de coisas. Tem, em primeiro lugar, que são chamadas de rochas sedimentárias, produzidas por depósitos formados no fundo d’água (LOBATO, 1957p, p. 75-76).

moram as minhocas. Já no mar a vida é possível até nas maiores profundidades. Mal comparando, a vida na terra é uma fôlha de papel que vai desde a superfície das ondas até lá no fundo. Num pedaço de terra do tamanho desta sala, quanta vida cabe? (LOBATO, 1957p, p. 23-24).

Lobato expõe, em diálogos, a relação da ciência nacional com a estrangeira. Para um cientista brasileiro ser reconhecido lá fora, precisava do aval de um estrangeiro, tanto que a notícia da descoberta de petróleo no Sítio se espalhou e a vida deles mudou. A ciência era comunicada diretamente do Picapau Amarelo para o mundo. Havia até quem quisesse roubar o petróleo. *O Poço do Visconde* reflete o desejo de Lobato de que o governo brasileiro investisse no que o autor considerava um filão – o petróleo nacional.

Cabe ao Visconde de Sabugosa, a partir de seus estudos de Geologia e dos seus conhecimentos científicos adquiridos ao longo da vida, descobrir como se perfura poços no Sítio. Sua inteligência e astúcia, respaldadas pelo acompanhamento de técnicos internacionais e das bisbilhotices das crianças do Sítio, resultaram na perfuração dos Caraminguás, nomes dados aos poços que tornaram Dona Benta rica e fizeram do Sítio um lugar invejado pela gente ao redor do mundo.

Nesta medida, o nacionalismo de Monteiro Lobato coincide com as aspirações de sua época, quando se assistia à modernização do país pela introdução de uma indústria local, ao crescimento urbano e ao fortalecimento da classe média. É nesta nova realidade social que ele quer introduzir seu leitor; deste modo, sendo o inconformismo que sustenta a ação de Emília, Pedrinho e o Visconde a condição da perspectiva emancipadora de sua obra, vê-se que o Autor também busca canalizá-la para um certo tipo de produtividade, de caráter burguês, a que a criança – recebedor sempre passivo – se sujeita (ZILBERMAN, 1985, p. 56-57).

Dona Benta mantinha na sua fala a defesa do papel que o saber desempenhava na vida das pessoas e, em *Serões de Dona Benta*, a avó diz que “a ciência está nos livros” e que o progresso é a aplicação da ciência à vida do homem. Pressupõe-se, então, que o Visconde fazia ciência o tempo todo, pois cada contato seu com algum livro novo ou assunto diferente provocava mudanças na dinâmica da vida no Sítio. O texto lobatiano, nesse caso, ia além das estripulias das crianças. O autor investia numa literatura que valorizava a realidade brasileira. Para Zilberman (1985, p. 54-55), ao priorizar uma literatura nacional, Lobato rompia com os tradicionais padrões europeus que se imiscuiam na sociedade brasileira e, conseqüentemente, na nossa literatura.’

Valorizando a ambientação local predominante na época, ou seja, a pequena propriedade rural, Monteiro Lobato constrói uma realidade ficcional coincidente com a do leitor de seu tempo e inventa o Sítio do Picapau Amarelo. Além disto, não apenas utiliza personagens nacionais, como também cria uma mitologia autônoma que se repete em quase todas as narrativas; eis por que a presença constante de Pedrinho, Emília,

Narizinho, Dona Benta, Tia Nastácia, o Visconde. É igualmente razão de seu êxito literário e estético o emprego de crianças como heróis, o que possibilita uma identificação imediata com o leitor.

O movimento da sociedade, captado pela pena do autor, que o transcrevia em suas histórias contadas e recontadas, mediante as correções que fazia no texto a cada nova edição, reflete o olhar de um homem sobre a sociedade e o mundo em que estava inserido. O Visconde de Sabugosa nasceu para ser a caricatura do homem de ciência ou passou a sê-lo à medida que o autor criava um novo livro? Ao que consta, Lobato dava voz, na literatura, a inúmeras outras vozes que permaneciam caladas, ou subjugadas, como acontecia desde o final do século 19 e começo do 20, e seus personagens parecem não estar livres das influências sociais.

Elemento ativo neste processo, a literatura daquele momento vai assumindo um duplo papel, pois, ao mesmo tempo em que se faz veículo de idéias e saberes científicos, produz contextos nos quais estão representados uma sociedade e um modo de viver, em que a ciência, enquanto expressão da modernidade e do progresso se faz presente. Ao incorporar ao texto literário elementos que são próprios da ciência, põe em circulação muitas daquelas discussões que estavam restritas a pequenos grupos, permitindo que idéias e saberes científicos passem a compor os debates que se travam fora das academias (PINTO NETO, 2004, p. 8).

Não é em vão que diversas vezes Dona Benta convida as crianças a aprender. “A curiosidade diante dum fenômeno que não conhecemos é a mãe da ciência” (LOBATO, 1957q, p. 6). Ela elogia Pedrinho que, ao ouvir o canto de um pássaro, corre para identificá-lo. “Você neste caso fez o papel do cientista que observa, descobre e fica sabendo” (LOBATO, 1957q, p. 7), comenta a avó. Quanto mais explicava, mais atiçava a imaginação das crianças. Elas descobriram, em *Serões de Dona Benta*, que tia Nastácia, ao assar um frango, [...] recorre a uma porção de ciências, embora não o perceba (LOBATO, 1957q, p. 7).

Dona Benta é meticulosa nas suas explicações e ela mesma parece conhecer bem o espírito científico – o andar passo a passo – quando afirma para as crianças que a ciência não surge da noite para o dia. “Para que haja ciência é necessário que os conhecimentos adquiridos por meio da observação se acumulem, passem de uns para outros e pelo caminho se vá juntando os novos conhecimentos adquiridos” (LOBATO, 1957q, p. 6). Segundo o narrador, novamente por meio da fala de Dona Benta, a ciência fruto do pensar humano sai da teoria e vai para a prática. “A ciência foi nascendo, e o que chamamos progresso não passa de aplicação da ciência à vida do homem” (LOBATO, 1957q, p. 6).

\_\_ Sim, meu filho, tudo que sabemos constitui ciência, e quando você estudar física, por exemplo, vai verificar que os livros de física apenas explicam teoricamente muita coisa que praticamente sabemos. Por que motivo na mesa, ontem, quando Emília derramou aquele copo d'água, você gritou para tia Nastácia: "Traga um pano!"

\_\_ Porque é com pano que se enxuga água.

\_\_ Perfeitamente. Você sabe de modo prático uma coisa que na Física se chama *capilaridade*. O pano é feito de algodão, cujas fibras, por causa desse fenômeno da capilaridade, absorvem, chamam para si a água. Quer dizer que você, como toda gente, quando enxuga uma água com um pano, faz uso dum princípio da Física, embora não o conheça teoricamente. Até tia Nastácia, que Emília chama poço de ignorância, sabe um monte de coisas científicas \_\_ mas só as sabe praticamente, sem conhecer as razões teóricas que estão nos livros. Querem ver?

E Dona Benta chamou a preta.

\_\_ Tia Nastácia, que é do pano com que você enxugou a mesa ontem?

\_\_ Está no varal, secando, Sinhá.

\_\_ Bem. Pode ir.

A negra retirou-se com um resmungo e Dona Benta prosseguiu:

\_\_ Vê como ela sabe coisas e como aplica as ciências? Sabe que se deixasse o pano amontoado num canto, ele emboloraria. Sabe que para não estragar o pano tem que mantê-lo seco. Sabe que para secá-lo tem de estendê-lo no varal, ao sol ou ao vento. Mas faz tudo isso sem conhecer as razões teóricas do emboloramento e da evaporação \_\_ coisas que vocês também não sabem, porque ainda não abriram nenhum compêndio de física.

\_\_ Estou compreendendo, vovó \_\_ disse Narizinho. Estudar ciência é aprender as razões das coisas que fazemos de um modo prático.

\_\_ Isso mesmo. E depois de aprendida a *teoria* duma ciência, não só compreendemos perfeitamente a *prática*, como corrigimos essa prática nos pontos em que ela se mostra defeituosa \_\_ e ainda descobrimos novas aplicações práticas. As ciências só têm valor quando nos ajudam na vida \_\_ e é para isso que existem. Mas... Uf! Que calor está fazendo nesta sala! Abra a janela, Pedrinho (LOBATO, 1957q, p. 8-9).

Em *A Chave do Tamanho*, municiada pelos conhecimentos científicos que adquirira, Emília tinha explicação para quase tudo. Ela tanto fez que transformou os seres humanos em miniaturas, pois imaginava que o mundo seria melhor se mexesse no tamanho. Viajou à Casa das Chaves depois de cheirar um novo pó inventado pelo Visconde e que ela roubou enquanto ele dormia<sup>47</sup>. Para a boneca, a alternativa para todos dali para frente seria *adaptar* à nova vida, coisas que parece ter aprendido com o Visconde.

\_\_ Pois é. Hoje qualquer gato vagabundo come um rei, um general, um sábio, um prefeito, com a mesma facilidade com que antigamente o Manchinha comia batatas. Temos, pois de nos defender.

\_\_ Mas como, assim pequeninos?

---

<sup>47</sup> O Visconde, de fato, andava estudando um misterioso superpó, capaz de maravilhas ainda maiores que o velho pó de pirlimpimpim; por isso passava as noites em claro e até recebia cartas científicas do estrangeiro. Mas naquela noite Emília ouviu uns ronquinhos. "Será o Visconde?" \_\_ disse ela \_\_ e foi ver. Era o Visconde, sim, que, depois de noites e noites passadas em claro, dormia um sono de Rabicó. "Se ele está ferrado no sono a ponto de roncar" \_\_ pensou Emília, "é que já resolveu o problema do superpó. Ronco de sábio quer dizer cabeça fresca, invenção já inventada" (LOBATO, 1957v, p. 8).

\_\_ Com a inteligência ou a astúcia, como fazem tantos insetos dêste mundo. O Visconde já me explicou isso muito bem. Uma das melhores defesas, por exemplo, se chama mimetismo.

\_\_ Mime o quê?

\_\_ Tismo. Mi-me-tis-mo. Quer dizer imitação. Uns imitam a côr dos lugares onde moram. Se moram em pedra, imitam a côr da pedra. Se moram na grama, como os gafanhotos, imitam a côr da grama. Por quê? Porque dêsse modo os inimigos os confundem com a grama. E há os que imitam a forma das fôlhas das árvores ou dos galinhos secos.

\_\_ Eu já vi um dêsses \_\_ lembrou Juquinha. O Totó apareceu lá em casa com um galinho sêco na mão. “Que é isto?” me perguntou. Eu olhei e respondi: “É um galinho sêco.” Totó riu-se e largou o galinho no chão \_\_ e sabe o que aconteceu? O galinho começou a andar! Era um bicho pernudo, cascudo, que imitava galho sêco.

\_\_ Pois é. Estava “mimetando” um galho sêco. Mimetismo é isso. Não conhece aquelas borboletas carijós que se sentam nas árvores musguentas e ficam ali quietinhas, tal qual um dêsses musgos cinzentos? Musgo, não. Líquen. Líquen! O Visconde não quer que a gente confunda musgo com líquen. Decore.

\_\_ Sei. No nosso pomar vi muitas.

\_\_ Pois é isso. Êsses fingimentos são as armas de tais insetos. É a defesa do fraco contra o forte \_\_ mas do fraco esperto! A borboleta carijó, por exemplo, não é capaz de sentar-se com as asas erguidas, como mãos postas de quem está rezando. Só se senta de asas bem abertas e coladas à casca da árvore, para melhor se confundir com os líquens. Líquen. Repita.

\_\_ Lí-quens, repetiu Juquinha. E quem ensina os insetos a fazer isso?

\_\_ Ah, isso é o problema que mais tem quebrado a cabeça do Visconde. Mistérios dêste mundo de mistérios, diz êle. O que sei é que os bichinhos vão aprendendo e passando a ciência aos filhos. E os que não fazem isso, vão para o beleléu. Nós três estamos usando um recurso do mimetismo. Estamos usando o processo do “chumacismo.” Estamos fingindo ser o que não somos (LOBATO, 1957v, p. 75-77).

De meros ouvintes das histórias contadas por Dona Benta, alguns dos personagens começam a ler livros, jornais, a exemplo de Pedrinho, e adquirem hábitos, influenciados por essas leituras. O garoto estava com a mania de ler o jornal sentado na varanda com os pés em cima da grade, um hábito dos americanos, o que fazia bem para a circulação, segundo Dona Benta<sup>48</sup>.

As alternâncias entre fatos e situações curiosos revelam que o enredo dos livros infantis de Lobato é complexo, com uma multiplicidade de histórias que traduzem a ciência para o leitor que é, de certa forma, partícipe dos acontecimentos e aprende com os personagens do Sítio do

---

<sup>48</sup> \_\_ Certos sábios afirmam, minha filha, que quando uma pessoa se senta com as extremidades niveladas, a circulação do sangue agradece, e a cabeça pensa melhor. É por êsse motivo que os homens de negócios da América costumam nivelar as extremidades, sempre que têm de resolver um assunto importante. A coisa fica mais bem resolvida \_\_ dizem êles.

\_\_ E é verdade?

\_\_ Os negócios de lá prosperam melhor que os de qualquer outro país; se o tal nivelamento dos pés com a cabeça contribui para isso, não sei. É problema para os fisiologistas resolverem.

\_\_ Que é fisiologista?

\_\_ Os fisiologistas são os sábios que estudam o funcionamento do nosso corpo. Aquêle livro que estou lendo, *Man the Unknown*, (\*) foi escrito por um grande fisiologista, Alex Carrel (LOBATO, 1957p, p. 1).

Picapau Amarelo. A ciência se metamorfoseia e as situações se dão de tal maneira que nos levam a ver as idéias como camaleões, que se disfarçam até nos apresentar um dado sentido.

A leitura da obra completa oferece um rico arsenal de exemplos de como o saber é expresso por meio do Visconde e dos demais personagens. Não é uma tarefa fácil, porque não é o caso de olhar para um diálogo e simplesmente analisar se o autor quis dizer isto ou aquilo. É mergulhar em águas profundas, em busca de algo que nos clareie a compreensão do oceano inteiro. E é por meio de indícios que sigo esse caminho, identifico as pistas, uma estratégia empregada na pesquisa para evidenciar os momentos em que o conhecimento científico se expressa de maneira mais clara, como em um dos trechos em que a ciência do Visconde é dedutiva, quando ele acaba com a farsa do gato falso que aparece no Sítio.

Pedrinho estava naquele momento em conversa com o Visconde no quintal.

\_\_ Na minha opinião \_\_ dizia êle \_\_ isto é alguma rapôsa que vem visitar o galinheiro de noite.

\_\_ Pois eu acho que não é rapôsa nenhuma \_\_ afirmou o novo Sherlock Holmes. Examinei tudo muito bem examinado, e encontrei um pêlo de animal que não é rapôsa, nem gambá, nem ratazana.

\_\_ Que é então?

\_\_ Ainda não sei. Tenho que examinar êsse pêlo ao microscópio e preciso que você me faça um microscopinho.

\_\_ Vovó tem um binóculo. Quem sabe se serve?

\_\_ Há de servir. Vá buscá-lo.

Pedrinho foi e trouxe o binóculo de Dona Benta. O Sherlock pôs o pelinho em frente do binóculo e examinou-o atentamente. Depois disse:

\_\_ Acho que estou na pista do ladrão...

\_\_ Quem é?

\_\_ Não posso dizer ainda, mas é um bicho de quatro pernas da família dos felinos. Vá brincar e deixe-me só por aqui. Preciso “deduzir” e pode ser que de noite já esteja com o problema resolvido (LOBATO, 1957a, p. 165).

Aquela ciência do Visconde, que nascera do seu contato com os livros, seguia caminhos os mais diversos. O seu gosto pela leitura permitiu-lhe assumir a postura de sábio logo que nasceu, tanto que a evolução das histórias o caracteriza como sábio e professor. Os livros que compõem a fase intermediária da obra lobatiana apresentam o personagem como um ser mais ativo, mais dinâmico do que antes, um cientista que faz pesquisas e experimentos, o que persiste na fase seguinte, com algumas diferenças, a exemplo de uma das passagens de *O Minotauro*.

O Visconde de Sabugosa, que era realmente um cientista, andou uns tempos lá no Picapau Amarelo estudando rádio, e tanto lidou que conseguiu introduzir nêle um melhoramento prodigioso. O rádio que o mundo conhecia limitava-se a transmitir sons dum ponto da terra a outro, isto é, só *atuava no espaço*. O Visconde achou pouco. Achou que o rádio devia também transmitir sons no tempo, isto é, dum *momento do tempo a outro*. E tanto fêz, tanto mexeu, que realizou a grande invenção. Construiu um

aparelhinho muito simples, que pegava o som dum dado momento do tempo e o transmitia a outro momento do tempo, ainda que a separação fôsse de séculos. De modo que Pedrinho podia do tempo em que se achava (século XV antes de Cristo) expedir mensagens para o século em que se achava Dona Benta (século IV antes de Cristo). O aparelho emissor, pequeniníssimo, viera armado dentro da cartola do Visconde; o aparelho receptor ficara numa das cabinas do iate. Para chegar ao “Beija-Flor-das-Ondas”, a mensagem de Pedrinho teria, portanto, de varar uma camada de dez séculos de tempo.

\_\_ Vamos, Senhor Visconde! \_\_ disse o menino. Prepare depressa o aparelho.

O Visconde tirou da cabeça a cartola e colocou-a no chão, de bôca para cima. Depois sacou do bôlso um rolinho de fios e fêz as ligações. O pastor olhava, olhava, sem entender coisa nenhuma. Tudo pronto, Pedrinho curvou-se para a cartola e recitou a sua mensagem para Dona Benta, como se estivesse falando ao microfone.

\_\_ O. K. ! \_\_ exclamou ao terminar. Rabicó já deve ter apanhado a mensagem, e a mandará à vovó por um daqueles basbaques do Pireu. Podemos seguir viagem (LOBATO, 1957t, p. 129-130).

Na *Reforma da Natureza*, Visconde e Emília decidem pôr em prática os conhecimentos do sabugo sobre glândulas, visto que ele estudava Fisiologia e o assunto encantou a boneca. As experiências<sup>49</sup> eram feitas com técnicas rudimentares, mas os resultados assombravam os cientistas estrangeiros, como o doutor Zamenhof, que visitou o Sítio depois da notícia dos animais gigantes circular pelos jornais do mundo. “Sabe que resolveu problemas tremendos e que daqui por diante a ciência vai basear-se nestas suas maravilhosas experiências?” (LOBATO, 1957u, p. 295), disse o cientista ao Visconde.

O espírito do texto é científico, portanto, personagens e autor estão envolvidos em contextos não muito distintos. Na opinião de Camenietzki (1988), a visão científica de Lobato se altera durante a obra, o papel desempenhado pelos personagens evolui e a cultura, o saber e a ciência são tratados com destaque na construção dos textos. O autor explica que o Visconde, o sábio do grupo, representa, no transcorrer das histórias e ao longo da obra, a forma como Lobato via a ciência.

---

<sup>49</sup> E tanto o Visconde falou naquilo, que lhes veio a idéia de organizarem um laboratório para experiências em animais.

\_\_ Se são as glândulas que tudo regulam nos seres vivos \_\_ disse Emília \_\_ nós podemos estudar as glândulas e enxertar umas nas outras, e fazer mais coisas, para ver de que maneira os animais ficam.

O Visconde, que era realmente um sábio, nunca rejeitou ocasião de aprender coisas novas; por êsse motivo aprovou a idéia da Emília.

\_\_ Mas... e o microscópio? \_\_ disse êle. Sem microscópio nós não nos arranjamos.

\_\_ Temos o binóculo de Dona Benta \_\_ disse Emília. Com um pouco do caldinho da Glândula Faz-de-Conta, podemos transformá-lo num maravilhoso microscópio.

\_\_ E o lugar do laboratório?

\_\_ Na Cova-do-Anjo. É o único ponto seguro aqui no sítio (LOBATO, 1957u, p. 258).

Lobato criou um personagem cuja principal característica é a sapiência, é encarnar em si a ciência. O Visconde de Sabugosa circula nos textos, participa de quase todas as aventuras; é peça integrante e necessária dos acontecimentos. Junto ao seu destino está, em parte, a valoração que Lobato faz da ciência e do saber em geral. Entretanto o Visconde não concentra em si todas as expressões da visão científica de Lobato e de sua evolução. Ela se espalha pelos demais personagens, pela trama, chega ao próprio narrador (CAMENIETZKI, 1988, p. 21).

Na edição de 1957a das Obras Completas de Monteiro Lobato, os editores da Brasiliense reforçam, mais uma vez, o marco que representou a obra lobatiana, como se vê nas “Notas dos Editôres”:

*Reinações de Narizinho* é um cacho de histórias. Os primeiros três capítulos compõem-se das primeiras histórias infantis que Lobato escreveu; e apesar de mais tarde refeitas, mostram-no ainda pouco seguro naquele campo, apalpando, por assim dizer, o terreno. Essa parte foi escrita e publicada em 1921 e 1922, e remodelada muito mais tarde. Os restantes capítulos, a partir de *O Casamento de Narizinho*, foram escritos anos depois, entre 1927 e 1929 e num ambiente estrangeiro – em Nova Iorque. Lobato já aparece perfeitamente seguro no gênero que criou e do qual nunca mais saiu. Todos os seus livros posteriores, inclusive o último, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, mostram o mesmo Lobato de Nova Iorque. E como não ser assim, se havia acertado a mão, se havia descoberto uma grande coisa: a arte lobatiana de tratar a literatura infantil dum modo capaz não só de interessar vivamente as crianças de qualquer país, como também o adulto universal.

O mundo acompanhava a Segunda Guerra Mundial e Lobato via sua vida desmoronar. Seu filho Edgard morreu em 1942, ano em que o Brasil declarou guerra à Alemanha (o filho Guilherme tinha morrido em 1939; ficaram as duas filhas). Mudou-se para a Argentina em 1946 e regressou ao Brasil em 1947. Morreu em 4 de julho de 1948, em São Paulo, vítima de derrame. A personagem Dona Benta refletia, em *A Chave do Tamanho*, a tristeza que parecia ser também a tristeza do autor nos últimos anos de sua vida:

Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente essa tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. Emília jurara consigo mesma que daria cabo da guerra e cumpriu o juramento — mas por um triz não acabou também com a humanidade inteira (LOBATO, 1957v, p. 7).

## 1. 5. A literatura escolar como sobrevivência

Como enfatiza José Roberto Whitaker Penteadado Filho em *Os Filhos de Lobato – O Imaginário Infantil na Ideologia do Adulto*, no começo do século 20 alguns escritores

“reclamavam” por melhores livros escolares. A primeira resposta, segundo ele, veio de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, que criou os primeiros livros escolares nacionais, entre eles *Contos Práticos* (1904), *Teatro Infantil* (1905) e *A Pátria Brasileira* (1910), com Coelho Neto. Bilac também escreveu *Através do Brasil* (1910). “Embora criticados, mais tarde, pelo patriotismo de tipo ufanista que permeia as obras, os textos são considerados de boa qualidade, e o seu conteúdo pedagógico mais adequado à realidade vivida pelos jovens brasileiros” (PENTEADO FILHO, 1997, p. 148).

Registram-se, também, conforme Penteado Filho (1997), como outras tentativas de uma literatura nacional, os livros *Pátria* (1901), de João Vieira de Almeida, *Por que me Ufano de meu País* (1904), do Conde de Afonso Celso, e *As Histórias de Nossa Terra* (1907), de Julia Lopes de Almeida. Ele destaca ainda a revista de histórias em quadrinhos *Tico-Tico*, criada em 1905.

Pouca coisa mais, digna de nota, ocorreria até 1920, ano em que Monteiro Lobato & Cia edita *A Menina do Narizinho Arrebitado* como “álbum de figuras”, seguindo-se, em 1921, *Narizinho Arrebitado* – como “segundo livro de leitura para uso das escolas primárias (PENTEADO FILHO, 1997, p. 149).

De 1920 até a década de 1950, os livros de Monteiro Lobato eram verdadeiros *best-sellers*<sup>50</sup> entre as obras de autores brasileiros editadas para crianças, embora aparecessem de forma isolada. *Reinações de Narizinho* vendeu 50 mil exemplares. “Os especialistas brasileiros no assunto costumam dizer que a literatura infantil em nosso país só pode ser estudada em dois períodos: antes de Lobato e depois de Lobato...” (PENTEADO FILHO, 1997, p. 151). A literatura lobatiana inovava, segundo Penteado Filho (1997), por apresentar elementos novos, críticos, que se sobrepunham aos antigos valores incutidos pela sociedade tradicional na mente das crianças e jovens, tratados como pessoas que não podiam pensar por si mesmas.

Os leitores entrevistados para *Os Filhos de Lobato* disseram que foram tocados pela leitura dos livros lobatianos e se sentiram despertados para uma nova visão de realidade, a ponto

---

<sup>50</sup> Monteiro Lobato conheceu a popularidade, entre os anos de 1935 e 1948 – enquanto ainda vivo –, e a predominância dos seus textos infantis entre os demais estendeu-se até a boa parte da década de 50. Nesse período de aproximadamente 20 anos – entre 1935 e 1955 – pelo menos duas gerações de brasileiros foram ávidos leitores da obra infantil de Lobato, editada aos milhões de exemplares. Um número substancial de pessoas que, em 1996, estavam na faixa etária aproximada de 40 a 70 anos foram seus leitores – numa época em que a televisão ainda não existia ou tinha presença limitada, e eram poucas as opções de lazer ou entretenimento relacionadas com os meios de comunicação que, sobretudo antes de 1950, com exceção de alguns horários no rádio e de número reduzido de títulos de revistas, eram quase inexistentes (PENTEADO FILHO, 1997, p. 5).

de serem influenciados em coisas básicas da vida, como a escolha das profissões<sup>51</sup>. Nesse sentido, ao estudar a obra lobatiana, Penteado Filho estabelece marcos significativos no período de produção, edição e publicação, que vai de 1920 até 1944, ou seja, quase duas décadas e meia.

A primeira fase é a dos primeiros livros, curtos, ilustrados e educativos, como *Reinações de Narizinho*, *Fábulas*, *O Saci*, *As Caçadas de Pedrinho* e *Hans Staden*, que trouxeram a Lobato sucesso editorial. A segunda fase, após seu retorno dos Estados Unidos, onde permaneceu de 1927 até o final de 1930 como adido cultural, é marcada por “uma série de livros de conteúdo didático, alguns traduzidos de obras que certamente conheceu e adquiriu durante sua estada em Nova Iorque” (PENTEADO FILHO, 1997, p. 273). A terceira fase, na década de 1940, é considerada a da maturidade.

De volta ao Brasil, Lobato decidiu que também iria escrever para competir nesse mercado editorial e, como dito anteriormente, o autor via na literatura infantil um filão de mercado. A realidade brasileira emerge na obra lobatiana, como se identifica em diversas passagens. Penteado Filho (1997) esclarece que Lobato manifesta uma visão positivista em sua obra, influenciado por sua formação acadêmica e fruto de sua convivência com os mestres da Faculdade de Direito, em São Paulo, onde estudou, a partir de 1900, e com os quais compartilhava de uma visão “progressista”, que resultou especialmente nas idéias sobre evolucionismo e cientificismo que aparecem na obra.

Lobato via no livro, agora mercadoria, razão para o deslumbramento de uma população que dos anos 20 até os 50 contou apenas com o rádio como veículo de comunicação mais moderno. O livro é também fonte de poder<sup>52</sup>, inclusive os livros literários que começaram a ser

---

<sup>51</sup> Os entrevistados concordam que leram os livros de Lobato numa época em que havia poucas alternativas de leitura – ou mesmo de lazer – para crianças (e, em certos casos, mesmo para adultos). O imaginário lobatiano terá funcionado, assim, sem a “concorrência” de outros tipos de mídia, com sua capacidade de estímulo integral. Uma entrevistada, mais idosa, acredita ter iniciado a leitura através dos livros-álbums que narravam as primeiras aventuras da turma do Pica-pau Amarelo, em episódios, antes de que fossem reunidas em *Reinações de Narizinho*, em 1931. Monteiro Lobato deu-lhes o que a escola não dava: saber e conhecimento através de um veículo prazeroso. Há menções de que membros da família – os pais e os avós – leram Lobato em voz alta, antes de que fossem capazes de ler, e de que não se sabe – nem é mais possível, verificar – se tudo que era assim transmitido seria discurso de Lobato, ou haveria inserções, pelos adultos, de suas próprias vozes e discursos. A notar, também, a informação repetida – como experiência comum – de que as crianças “pediam” os livros de Lobato aos adultos. E de que os livros eram grossos, substanciais – o primeiro autor de quem se leram *livros inteiros* (PENTEADO FILHO, 1997, p. 342-343).

<sup>52</sup> O perigoso poder do livro é uma constante que podemos notar no Próspero de *A Tempestade*, já que deve atirar ao mar seu livro, seu único livro, para anular seu poder e, ao mesmo tempo, para reconquistar uma liberdade humana. É o tema de Borges em *O livro de areia*, no qual, à maneira de Próspero, deve deixar oculto um livro, enterrando-o sob a Biblioteca Nacional, em Buenos Aires, na rua México. É um tema que se vincula à idéia da relação com um livro em particular, o livro mágico (CHARTIER, 2001, p. 113).

vendidos às escolas e se tornaram uma espécie de filão do mercado e um complemento aos livros didáticos empregados nas escolas brasileiras. Lobato percebeu esse vácuo e fez exatamente o contrário – aproximou a ciência do seu leitor com uma linguagem que facilitava a compreensão, ainda que seus textos não sejam tão simples assim.

Seus personagens-crianças, Narizinho e Emília, tinham como companheiro permanente o sábio Visconde de Sabugosa que os introduzia às ciências durante suas aventuras, aproveitando fatos do cotidiano para ensinar. Às vezes, como na "Viagem ao Céu", o Visconde criava toda uma aventura para ensinar astronomia. Já na "Chave do Tamanho" ele ensinava fatos sobre o meio ambiente e sobre a criação de novas tecnologias, apropriadas ao meio em que viviam. É interessante notar como os personagens de Monteiro Lobato aprendiam, e muito, durante as suas férias. Talvez aprendessem até mais do que aprendiam na escola, que na sua época era séria e exigente, mas livresca e pouco chegada às realidades da matéria e dos seres vivos (KRIEGER, 2004, p.3).

O livro, esse aparente veículo de prazer e de informação, que exerce fascínio sobre inúmeras pessoas, carrega em si um conjunto de idéias, visões de mundo, fatos e acontecimentos que podem escorrer livremente pelas páginas, mas ele pode estar eivado de preconceitos muitas vezes difíceis de serem assimilados. Em *A Chave do Tamanho*, em que os seres humanos viraram miniaturas, questiona-se o valor dos livros e o fim da ciência.

\_\_ Mas a ciência vai levar a breca, porque a ciência está nos livros e os livros já não podem ser usados \_\_ observou Emília. Pedrinho fez a experiência lá na cômoda. Leu dois ou três períodos dum livro e cansou.

\_\_ Para tudo haverá jeitos. Antes de existirem os livros já existia cultura. Temos as nossas cabeças, e dentro delas está a memória. Iremos transmitindo a ciência de uma cabeça para outra. E muita coisa poderemos escrever em palhinhas ou pétalas secas (LOBATO, 1957v, p. 182).

No universo literário, o poder do livro vai além. Ao folhear as páginas, é como se o leitor abrisse uma porta para um outro mundo, onde há imaginação, fantasia, mas há muito também de proximidade com a realidade. A obra de Lobato não deixa de manifestar essa característica. No Sítio do Picapau Amarelo convivem pontos de vista, opiniões, mensagens de crença ou descrença na ciência, no homem, no mundo e na vida. A diferença da realidade é que os personagens eram mais donos dos seus destinos, o que não acontece com os humanos.

De maneira característica, a literatura infantil definiu-se historicamente pela formulação e transmissão de visões de mundo, assim como modelos de gostos, ações, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor. Construiu-se a concepção de um texto literário em que o caráter pedagógico fez-se especialmente presente. Mudança esta produzida no diálogo com as transformações experimentadas nas práticas culturais mais amplas (GOUVÊA, 2005, p. 3).

A iniciativa de Lobato de investir na produção de livros que complementassem os livros didáticos utilizados nas escolas das primeiras décadas do século 20 marcou um período em que o sistema literário buscava se afirmar, num Brasil que dava os primeiros passos rumo a uma literatura nacional de melhor qualidade.

Esse encontro do leitor com particularidades de seu contexto, a possibilidade sedutora de viver vidas alheias na ficção, envolve-o, abrindo suas portas para a construção de novos significados e de maior compreensão de si mesmo, da vida, do mundo, enfim, para o amadurecimento (SCHALL, 2005, p. 14).

O autor estimulava a entrada do leitor naquele mundo fictício, para que ele se sentisse como um dos integrantes das histórias. Mais um pouco e o leitor estaria lá dentro do Sítio do Picapau Amarelo, a comer os bolinhos de tia Nastácia e, por que não, a ajudar Emília nas suas invenções amalucadas. “Multiplicam-se assim passagens nas quais Lobato cifra questões de leitura, a partir de situações de leitura vividas pelas personagens-leitores, e que podem contagiar os leitores-leitores” (LAJOLO, 1994, p. 100-101).

Para Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997, p. 317), o mundo lobatiano atraía os leitores para o desconhecido e o misterioso.

Se nas histórias infantis Lobato quebrava os limites da ficção, ele também transmitia, através delas, uma série de valores e ensinava as crianças a refletir. E o fazia pelo viés da emoção, seguindo à risca sua máxima de despertar a curiosidade e respeitar a inteligência dos pequenos leitores. “Nos livros as crianças querem que lhe demos cartolas – coisas mais altas do que elas podem compreender. Isso as lisonjeia tremendamente”, explicaria Rangel.

Na citação acima, Lobato diz que “nos livros as crianças querem que lhe demos cartolas – coisas mais altas do que elas podem compreender”. É interessante refletir sobre essa opinião do autor, pois ela nos faz lembrar que o Visconde de Sabugosa usava uma cartola da qual não se desgrudava por nenhum motivo. Pressupõe-se que o autor queira, com os livros, incutir conhecimentos nas crianças que as levem a pensar grande, a ir além do lugar-comum, como se percebe em inúmeras passagens da obra. O Visconde seria, então, o homem do saber, do conhecimento, o homem que estava acima do comum, por isso a simbologia da cartola.

Dos mestres, o que lhe causou mais viva impressão foi o Dr. Quirino. Muitos anos depois, recorda-o numa página de comvente tributo: “Eu era bem criança quando o vi pela primeira vez: um homem alto, de cartola. A cartola impressionou-me profundamente por ser novidade para mim. Nossa casa ficava no Largo da Estação, em bom ponto estratégico para “ver o Doutor Quirino”, quando êle vinha da chácara do Barranco, sede do famoso Colégio de “São João Evangelista”, fundado por Edmundo

Morewood. Quando o homem de cartola apontava na estrada, havia sempre uma criadinha, ou uma criança qualquer, que gritasse:  
“\_\_ Vem vindo êle!” (CAVALHEIRO, 1955, p. 25).

É importante destacar que Lobato criou parte de sua obra sob influência dos idealizadores do movimento da Escola Nova e de sua amizade com um dos expoentes, Anísio Teixeira. Para eles, a ciência deveria criar condições mais promissoras para a sociedade e fazer emergir o que é “natural” no homem do século 20, que assume o lugar de Deus e a quem cabem todas as explicações.

O escolanovismo, como teoria, dedica confiança inabalável nos postulados da ciência e, em particular, aos resultados da psicologia, como instrumentos da educação. Estes forneceriam a racionalidade e a objetividade necessárias ao trabalho educativo (GANDINI, 1979, p. 114).

Lobato via no livro um caminho a ser percorrido para alcançar o leitor. Não era ingênuo, pois estava claro que o livro era uma mercadoria e, ao observar a obra lobatiana, percebe-se que o autor não tinha um projeto elaborado para a produção dos 22 volumes de *O Sítio do Picapau Amarelo*. Os livros foram escritos como se cada um tivesse vida própria, o que leva a crer que os títulos eram publicados de acordo com os projetos momentâneos do escritor.

Livro é sobremesa: tem que ser pôsto debaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice. [...] Deve-se enfiar o livro nas mãos do possível comprador, meio à força, como fazem os cambistas sabidos com os bilhetes de loteria. Não tenha dúvida que vai ser êsse o nosso ôvo de Colombo... (VAZ, 1957, p. 84).

No livro está a representação de mundo<sup>53</sup> do autor, que reflete os conflitos da época e as condições em que a sociedade vivia. Os autores Lúcia de La Rocque e Luiz Antonio Teixeira acreditam que o fato de uma obra ser de autoria feminina ou masculina já determina “uma peculiar caracterização do mundo científico”. Para eles (2001, p. 3), a produção literária e as representações sobre a ciência estão condicionadas pelas formas como a sociedade está organizada, segundo classe, trabalho, gênero, raça, entre outros.

Gouvêa ( 2005, p. 3) explica que no começo do século 20, na transição entre o regime escravocrata para o de libertação dos negros, é evidente na literatura as manifestações de indiferença quanto aos escravos, numa situação que mantinha a prevalência dos brancos. Na obra

---

<sup>53</sup> Segundo Olson, a questão central girava em torno da forma como o mundo era representado. Pensava-se, na Idade Média, que as palavras e as imagens tinham uma ligação direta com as coisas e só na Idade Moderna é que os signos tornaram-se arbitrários. As palavras, então, passam a ter o seu sentido associado a idéias e não mais apenas a coisas. Os signos passam a ser vistos como convenções e perdem a característica anterior de serem considerados naturais para seus objetos. “Portanto, ‘ler’ a natureza e escrever a seu respeito se baseava na distinção em contrastar o que havia na mente com o que existia no mundo” (OLSON, 1997, p. 189).

de Lobato, tia Nastácia e tio Barnabé são representantes de uma cultura inferior e não raras vezes a cozinheira do Sítio do Picapau Amarelo é tratada com preconceito, especialmente pela boneca Emília. “A negra e o negro velho transformaram-se em personagens constantes, como agentes socializadores das crianças brancas, numa posição de servidão que revela a continuidade com o modelo escravocrata” (GOUVÊA, 2005, p. 3).

## **1. 6. A graça, o encanto e a surpresa dos picapaus amarelos**

Complexo em seus enredos, Lobato deixa uma margem de interpretação infinita para os personagens, os cenários, as histórias desenvolvidas. Por mais que se queira entrar nesse universo, ele parece mesmo ter sido imaginado não para ser explicado, mas para ser absorvido, deglutido e reelaborado. Quem sabe assim o autor quisesse estimular o leitor a não se contentar com a vida tal qual ela se apresenta, mas ir além, vislumbrar novos caminhos, reformar a própria natureza humana.

Logo na abertura de *Reinações de Narizinho*, a avó dos meninos do Sítio do Picapau Amarelo aparece e Monteiro Lobato a descreve como uma senhora de 60 anos, que fica sentada na varanda. Ela usa óculos de ouro na ponta do nariz e traz no colo uma cestinha de costura. Segundo ele, quem passa pela estrada pode vê-la e até pensar que ela é triste, embora seja bem feliz. Ela mora com a neta Narizinho e, além delas, vivem também tia Nastácia e a boneca Emília. Mas, ao longo da obra, percebe-se que Dona Benta é muito mais complexa do que uma simples avó que fica sentada na varanda. A maior parte das aventuras dos netos e dos demais integrantes dos livros nasce de escutar as histórias contadas pela sábia senhora.

O autor condensa nessa personagem seu próprio apreço pela literatura e sua crença de que os livros transmitem mais do que conhecimento às crianças. Os livros contagiam os leitores-mirins. Isso significa terminar de ouvir uma história e desejar pô-la em prática. Por isso, não é incomum que, de repente, Peter Pan torne-se um conhecido de Pedrinho ou que o lobo que comeu a avó de Chapeuzinho Vermelho – ou Capinha Vermelha, como diz o autor – vá atacar no Sítio. Da ficção para a realidade é um pulo. Claro que, nesse caso, a realidade também é ficção, visto se tratar de uma obra literária.

Dona Benta é a avó cheia de sapiência e os netos adoram ouvi-la contar histórias e soltar a imaginação. Daí a inventar viagens fantásticas é um passo. As crianças parecem, num primeiro

momento, anestesiadas pelas narrativas ouvidas e, não raras vezes, o conteúdo assimilado torna-se matéria-prima para que testem seus conhecimentos sobre a vida, o homem, o mundo. Elas viajam ao céu, encontram-se com personagens do mundo das fábulas, do faz-de-conta, vão ao passado viver aventuras com os heróis mitológicos e tantas outras vezes ficam no Sítio mesmo, com suas “reinações”.

Tia Nastácia é, segundo o autor, uma “negra de estimação” de setenta anos, que morava com Dona Benta e ajudou a criar Narizinho. É a responsável pelas deliciosas comidas que as crianças adoram. Ela também está presente em boa parte dos momentos mais intrigantes em que se mete a criança. Foi à lua e conheceu São Jorge em *Viagem ao Céu*, além de ser aprisionada pelo minotauro, em *O Minotauro*. Graças aos seus dotes culinários, a cozinheira teve a sorte de não ser devorada pelo monstro e fez bolinhos para o animal – que engordou e mal podia caminhar –, até ser salva pelos picapauzinhos. Mas o maior mérito dela entre a meninada do Sítio é fazer um Visconde novo toda vez que é preciso.

Pedrinho tem dez anos e nunca tinha saído da casa da mãe, Antonica. Morava na cidade grande, no Rio de Janeiro, e visitava o Sítio só nas férias. O garoto se adaptou ao lugar e não quis mais deixá-lo, como se lá passasse férias sem fim. Chegou pela primeira vez, trotando o seu pangaré, “corado de sol e alegre como um passarinho”. Levou uma boneca de presente para Narizinho. Uma boneca que chorava e abria e fechava os olhos.

A neta de Dona Benta, que também mora no Sítio, é Lúcia, a menina do narizinho arrebitado. Tem sete anos e a pele morena como jambo. Gosta de pipoca e faz bolinhos de polvilho bem gostosos, como descreve o autor em *Reinações de Narizinho*. Tia Nastácia fez para a garota uma boneca de macela por dentro e pintara-lhe nas faces duas rodela de carmim, bem redondinhas. No começo não era gente e nem tinha coração, o que muito orgulhava a boneca. A especialidade de Emília, que pesava no máximo uns cinco quilos, era pegar pulgas. À medida que a obra toma corpo, evolui e “insensivelmente” passa de boneca a gente de verdade, embora tenha conservado o tamanho inicial de 40 centímetros de altura.

Emília se casou com o Marquês de Rabcó, o porco comilão. O casamento durou pouco e ela se tornou irreverente. “É o símbolo da independência e da habilidade para enfrentar tôdas as situações. Praticamente é quem governa o sítio de Dona Benta \_\_ sempre exerceu uma completa ascendência sobre o Visconde”, explica Lobato na abertura de *A Chave do Tamanho*. As falas da

Emília servem para exaltar idéias darwinistas<sup>54</sup>, uma constante na obra lobatiana. O sabugo de milho é descrito pela boneca, em *A Chave do Tamanho*, com uma palavra que denota um conceito de uma época. “O Visconde gostava muito da palavra ‘subsistir’” (LOBATO, 1957v, p. 97), revela a boneca. Emília absorveu tanto as idéias darwinistas que começou a incomodar o sabugo.

O Visconde suspirou.

— *Adaptar-se!* Você usa das palavras da ciência mas não sabe. Repete-as como papagaio. Isso de adaptação é certo, mas é coisa de milhares de milhões de anos, Emília. Pensa então que do dia para a noite essa enorme população humana, que você apequenou e está nos maiores apuros, vai ter tempo de adaptar-se? Morre tudo antes disso, como peixe fora d'água — e adeus *Homo sapiens!*

— *Homo sapiens* duma figa! Morrem muitos, bem sei. Morrem milhões, mas basta que fique um casal de Adão e Eva para que tudo recomece. O mundo já andava muito cheio de gente. A verdadeira causa das guerras estava nisso — gente demais, como Dona Benta vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida agora vai começar de novo — e muito mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvora, e bombas incendiárias. Vamos ter coisas muito superiores — besouros para voar, tropas de formiga para o transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estômago se enche, *et coetera* e tal (LOBATO, 1957v, p. 99-100).

A boneca é um dos personagens que se impregnam de conhecimento e, desditosa no princípio, passa a ver na ciência um recurso para explicar uma série de coisas. Sua convivência com o Visconde, mesmo recheada de desavenças, a transforma num personagem irrequieto, que detém a chave dos mistérios. É ela quem tem a solução para os impasses mais complicados e impressiona todos com o seu faz-de-conta. Seu papel na obra é de destaque, pois monopoliza as atenções em boa parte das narrativas.

Emília permanece sem comer até chegar a *Aritmética da Emília*. Antes disso não podia se deliciar com as pipocas de tia Nastácia. Entretanto, vira gente com o passar do tempo e não há quem contenha o seus ímpetos de grandiosidade. É figura central nos enredos, na maior parte do tempo, e cria problemas os mais diversos, como também contribui para resolvê-los. Em *D. Quixote das Crianças* enlouquece como o personagem de Cervantes.

O Visconde de Sabugosa, como dito anteriormente, é a personificação da sabedoria no Sítio. Primeiro, ficou sábio de tanto dormir espremido entre os livros na prateleira de Dona

---

<sup>54</sup> Soma-se neste movimento a adesão de muitos dos literatos a doutrinas filosóficas de caráter cientificista, sob as quais se forjaram movimentos literários e artísticos. Por isso é comum que o cientificismo de determinados autores seja explicado pela sua participação ou adesão a algum grupo formado em torno de tais doutrinas, como foi a adesão ao positivismo que, no final do século XIX, teve grande penetração no Brasil (PINTO NETO, 2004, p. 8).

Benta. Com o passar do tempo, montou laboratório com poucos recursos e se tornou um cientista. Em *A Reforma da Natureza* se une a Emília para fazer suas experiências tal qual um endocrinologista<sup>55</sup>. Não pesa mais de meio quilo e é um pouco maior que Emília – mede 44 centímetros.

Assim os personagens centrais de Lobato, que moram no Sítio do Picapau Amarelo, estão divididos em pessoas, bonecos e animais. As pessoas são Dona Benta, tia Nastácia, Narizinho e Pedrinho; os bonecos são Emília e Visconde – ela feita de pano e ele de sabugo de milho; os animais são o Marquês de Rabicó, que pertencia a uma família de leitões do Sítio e só não teve o mesmo destino que o dos demais, o de ser comido, porque se livrou de ir para o forno.

O Burro Falante, ou Conselheiro, surgiu em *Viagem ao Céu* e acompanha as crianças em algumas aventuras. Também dava explicações científicas, ficou pendurado na cauda de um cometa e assustou os cientistas da Terra. Tornou-se querido de todos, a exemplo de Quindim, o rinoceronte que apareceu em *As Caçadas de Pedrinho* e que levou o governo federal a criar um grupo de caça ao rinoceronte, que se instalou no Sítio, numa das passagens mais divertidas da obra de Lobato.

Além desses personagens principais há, entre outros, o Saci-Pererê, o negrinho de uma perna só; o tio Barnabé, um senhor negro que ensina Pedrinho a caçar sacis; o compadre Teodorico; e a Cuca, um monstro que vivia numa montanha de pedras nuas e negras, com arvoredo retorcido brotando das brechas, em meio a uma paisagem diabólica, que causava arrepios nas crianças. Os personagens centrais da obra de Lobato são fortes e densos e costumamos nos prender a eles de tal forma que nos esquecemos do resto.

---

<sup>55</sup> \_\_ Visconde \_\_ disse ela \_\_ o Candorra apareceu com a história duma formiga do tamanho dum tatu, e a mulher dêle viu outra ainda maior, assim do tamanho duma capivara. Estou com medo que sejam formigas que nós operamos e fugiram do cercadinho...

\_\_ Há de ser \_\_ disse o Visconde sem tirar o olho do microscópio. Nós fizemos tremendos enxertos de pituitária, e se as formigas não morreram, podem muito bem estar do tamanho de tatus, e até maiores.

\_\_ E como é agora? \_\_ perguntou Emília, assustada.

\_\_ Agora é isso mesmo \_\_ respondeu o Visconde. Elas andarão aí pelo mundo, a assustar os ignorantes, e por fim se extinguirão, porque não podem reproduzir-se. Oh, se se reproduzissem, seria um enorme transtorno para as gentes! Imagine milhões e milhões de formigas do tamanho de tatus, espalhadas por todas as terras! Como iria arranjar-se o *Homo sapiens*? Se sendo as formigas pequeninas como são elas já tanto o atrapalham, imagine se fôssem do tamanho de tatus!

Só nesse momento ergueu os olhos do microscópio.

\_\_ Pois eu queria ver isso \_\_ continuou êle. Se é verdade, nós, sem o querer, fizemos a maior descoberta do século, Emília \_\_ e vamos ganhar o prêmio Nobel! Podemos aplicar o processo nos bois, e obter bois do tamanho de montanhas. Para o abastecimento de carne aos açougues, um boi dêsse vulto seria a maior das minas (LOBATO, 1957u, p. 266-268).

Candido (1995) destaca que os personagens são necessários ao enredo, desde que façam parte de um contexto.

Isto nos leva ao erro, freqüentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, – como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance (CANDIDO, 1995, p. 54).

Por mais que tenham proximidade com a vida real, os personagens são uma criação do autor, são fictícios. Um dos elogios à obra lobatiana é que o autor rompeu com o mundo imaginário dos contos de fadas e trouxe as histórias para o mundo cotidiano das crianças. Mas, ainda assim, é ficção. Mesmo que São Jorge torne-se amigo da meninada do Sítio, em *Viagem ao Céu*; ainda que um anjo de asa quebrada vá para a Terra ou que Chapeuzinho Vermelho apareça recriada em carne e osso, em *Reinações de Narizinho*, tudo é invenção, num enredo marcado, como revela Candido (1995), por afinidades e diferenças essenciais.

Segundo Ataíde (1974, p. 5-6), a obra literária não pode estar livre de ingredientes essenciais que a caracterizem como algo inovador, presente no mundo.

A obra literária é imitação da realidade enquanto processo genético. A sua situação cultural a completa como conhecimento. Abstraindo a gênese e a considerando em si como um objeto, segue-se que a obra deve ter autonomia e vida própria. Tais autonomia e vida própria só são possíveis a partir das qualidades internas que configuram a obra. É por isso que dizemos que uma obra é um novo ser que se insere no mundo. [...] À intenção criadora do artista devem corresponder todos esses ingredientes, pois caso contrário a autonomia e a vida própria da obra cedem ante a contingência histórica.

Candido (1995) enfatiza que os indivíduos da vida real e os personagens da ficção são seres fragmentários, com a diferença de que no romance isso é proposital, pois o autor precisa abarcar o universo do seu personagem, delimitá-lo até um certo ponto, o que não é possível fazer com as pessoas na vida real. Para ele, o romancista, ao abordar um personagem no plano da técnica de caracterização, também o faz de modo fragmentário, insatisfatório e incompleto, assim como nos relacionamos com os nossos semelhantes. A explicação está em que na vida real a visão fragmentária é uma condição à qual estamos submetidos, é própria da existência, enquanto no romance ela é criada, estabelecida e “racionalmente dirigida pelo escritor”.

Mas nem mesmo o escritor consegue ultrapassar a barreira que separa os seres reais dos fictícios de forma a torná-los seres completos. Ele estaria sujeito a encontrar uma forma de elaborar traços do personagem que facilitem ao leitor identificá-lo, e que podem ser frases, gestos, objetos marcantes que ele carregue ou que sejam associados a sua figura. Supõe-se que a simplificação não implique empobrecimento do personagem, mas um recurso para evidenciá-lo no contexto em que está inserido. A cartola do Visconde de Sabugosa, por exemplo, a roupa, o pigarro e os gestos dele se enquadram nesse tipo de caracterização que marca um personagem.

Penteado Filho (1997) observa que na obra lobatiana há uma alternância entre a fantasia e o realismo, mas predomina o segundo elemento, tanto que seu discurso é carregado de uma ideologia visível na ficção narrativa.

A ideologia do discurso contido na ficção narrativa de Lobato sempre esteve presente, disponível para críticos e simpatizantes. Em que pesem eventuais ambigüidades, as convenções utilizadas geralmente tornam bastante aparentes quais as práticas sociais que o autor cooptava ou censurava (1997, p. 183)<sup>56</sup>.

Na criação literária, por mais que haja proximidade com o mundo real, abre-se um espaço para o exercício do imprevisível, do impossível. O Visconde de Sabugosa, por exemplo, é uma espécie de herói para as crianças do Sítio. É ele que resolve os dilemas mais difíceis, tem as melhores alternativas e explicações para os problemas, é ele que assume as tarefas mais arriscadas durante as aventuras porque ele é o único personagem que pode morrer e voltar a viver.

Por outro lado, o sábio que é chamado para resolver todas as questões é também o mais patético de todos os personagens. Ele nasce velho e é reumático. É uma espécie de escravo da Emília, a quem teme e a quem às vezes desafia, como se houvesse uma competição entre os dois, que vivem numa espécie de simbiose, como se um fosse extensão do outro. Esse sabugo patético é um exímio observador e não raras vezes frustra as expectativas das crianças porque, ao invés de prestar atenção em algum inimigo que se aproxima, se distrai na tentativa de descobrir o nome científico de alguma baratinha que passa à sua frente.

---

<sup>56</sup> O autor cita Eliana Yunes, para quem Lobato “encorajava a formação do pensamento das crianças”, visto que suas histórias privilegiavam uma visão mais idealista do que realista, em que prevalecem dois tipos de discurso – metáfora e metonímia.

Os signos, as significações, tudo isso se configura no domínio da linguagem que o autor emprega para constituir os diálogos entre os personagens ou quando ele mesmo aparece como narrador e exprime suas visões de mundo.

A fantasia é o setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado, porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário onde o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais. Conseqüentemente, não é a saída que coloca o herói perante o mundo, mas sua volta...<sup>57</sup> (ZILBERMAN, 1985, p. 132).

Olson (1997, p. 183) enfatiza que, como os signos deixam de ser, a partir do século XVII, considerados naturais para os seus objetos, tornam-se simplesmente convenções e “a idéia da representação correta se sobrepôs ao conceito de simbolização”.

Como explicar esse desenvolvimento? Os relatos que resenhamos focalizam a nova compreensão do mundo, da linguagem e das idéias. Eu preferiria inverter a ênfase e sugerir que a nova atitude com relação às idéias e à realidade foi provocada por uma nova forma de leitura – a leitura dos signos em termos das suas propriedades superficiais, seus sentidos literais. O que exige também certa explicação (OLSON, 1997, p. 183).

Ao criar o personagem Visconde de Sabugosa e fazer com que ele morra e renasça várias vezes na obra, Lobato nos apresenta a caricatura de um sábio que vive situações as mais diversas e que sugere ser uma mistura de personagem plana com esférica, como a caracteriza Candido (1995), ou seja, ao mesmo tempo em que é previsível, carrega em si a imprevisibilidade da vida. A personagem fictícia, ainda que não seja verdadeira, precisa dar a impressão de sê-lo.

As personagens planas, de acordo com Candido (1995), recebiam os nomes de *temperamentos* ou *humours*, no século XVII, de tipos e, em alguns casos, de caricaturas. “Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única idéia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera” (1995, p. 62). Isso acontece com o Visconde, um misto de caricatura e cômico que surpreende. As planas são personagens (Candido, 1995) que não sofrem alterações no espírito e não mudam com as circunstâncias. As

---

<sup>57</sup> A renovação dos moldes tradicionais é feita por Lobato em dois planos: o da retórica, entendendo-se por isso as soluções comunicativas no plano lingüístico; e o da ideologia, entendida na ampla acepção de conjunto de idéias que dão conformação ao texto. No plano retórico, observa-se o cuidado em despir a língua de qualquer rebuscamento que pretende, apenas, o efeito literário; em lugar do ornamento verbal, ganha a primazia a linguagem afetiva, e a elegância da frase literária é relegada pela espontaneidade do estilo infantil. A sintaxe se aproxima das construções do discurso oral, conferindo ao texto um tom de coloquialidade (ZILBERMAN, 1985, p. 137).

personagens esféricas são mais complexas, surpreendem o leitor e são imprevisíveis. Agradam mais se forem cômicas, como é o caso do Visconde de Sabugosa.

Candido (1995), em referência à obra *Aspects of the Novel* (1949), de E. M. Forster, explicita que cada autor toma um modelo na realidade e a ele acrescenta nuances peculiares no plano psicológico, carregado de mistério. Nesse caso, o Visconde não pode ser um cientista de verdade, igualzinho ao real, senão perde a graça.

Se a personagem de um romance é, exatamente, como a rainha Vitória (não parecida, mas exatamente igual), então ela é realmente a rainha Vitória, e o romance, ou todas as suas partes que se referem a esta personagem, se torna uma monografia (CANDIDO, 1995, p. 65).

Enquanto na vida real as pessoas são uma incógnita quase sempre, no romance a personagem é delimitada pelo autor e o romancista sabe tudo a seu respeito. “É como se a personagem fosse inteiramente explicável; e isto lhe dá uma originalidade maior que a da vida, onde todo conhecimento do outro é, como vimos, fragmentário e relativo” (CANDIDO, 1995 apud FORSTER, 1949, p. 66). Não se pode negar que algumas personagens reproduzem os modos de ser e até a aparência física de uma pessoa real, em que se emprega o recurso da memória na criação.

Mas, para confirmar com quem a personagem se aproxima, precisamos da indicação do próprio autor, como explica Candido (1995). O romance se torna realidade, como acrescenta, a partir de um trabalho criador, em que são combinadas, em graus variáveis, a memória, a observação e a imaginação. Para ele, o próprio autor não poderia determinar a proporção exata de cada elemento, “pois esse trabalho se passa em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir” (1995, p. 74).

O que é possível dizer, para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo. Será, em consequência, menos aprofundado psicologicamente, menos imaginado nas camadas subjacentes do espírito, — embora o autor pretenda o contrário (CANDIDO, 1995, p. 74).

A literatura em si é uma forma de pôr o homem diante do mundo, de levar o mundo até o homem. Ao apresentar um Sítio idealizado, em que personagens-crianças, bonecos e animais meio humanos vivem e agem como seres mágicos, Lobato transfere para aquele lugar imaginário

um conjunto de valores, crenças e pensamentos dele ou vigentes no período em que a obra foi escrita e publicada.

O desenvolvimento das formas literárias não pode ser pensado independentemente das condições de recepção e do papel peculiar à literatura na vida social. Ainda no século passado, no Brasil, a publicação das histórias infantis sofria restrições, pois a função lúdica desses textos conferia-lhes o cunho de inutilidade. O surgimento de uma obra literária infantil nacional ocorreu há pouco mais de cinquenta anos, não se justificando, pois, falar de uma história do gênero em nosso país, mas da presença de alguns autores cuja originalidade e fôlego narrativo atestam a formação de uma literatura infantil brasileira (ZILBERMAN, 1982, p. 152)<sup>58</sup>.

A presença de Lobato num mundo real, de adultos e crianças de carne e osso, fornece-lhe elementos para enredar um outro mundo, o da fantasia, e brincar com a linguagem. Ele cria novas palavras, os neologismos, personaliza os participantes das histórias, dá asas à expressão de um senso crítico muitas vezes exacerbado. Em *Emília no País da Gramática* encontram-se algumas expressões engraçadas, como Portugália, o nome da cidade onde moram as palavras da Língua Portuguesa; Anglópolis, a cidade das palavras inglesas; Galópolis, a das palavras francesas e por aí vai.

Emília, quando entrevista o Verbo Ser, chama-o de “Vossa Serência” e, quando o Visconde desaparece, menciona a “sumiçõ” do sabugo. É por meio da boneca, e de uma linguagem que lhe é peculiar, que Lobato sugere a reforma da Língua Portuguesa. Em *A Reforma da Natureza*, a boneca se irrita com algumas palavras e decide falar como bem entende. Sua amiga Rãzinha a questiona e ela não se intimida em demonstrar seu desconforto com a linguagem.

\_\_ Na carta que você me escreveu, Emília, encontrei a palavra “bissolutamente” em vez de “absolutamente” e agora você disse “bissurdo” em vez de “absurdo.” Está reformando as palavras também?

\_\_ Ainda não, mas já pensei nisso. Por enquanto me limito a cortar uma ou outra letra com a qual me implico. O “a” de certas palavras me obriga a abrir muito a bôca \_\_ e meu queixo pode cair, como o da filha de Nhá Vera. Experimente dizer absurdo sem abrir a bôca (LOBATO, 1957u, p. 209).

---

<sup>58</sup> A autora faz esta citação na primeira edição de seu livro *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*, publicado pela Editora Ática em 1982, edição com a qual trabalhei. Portanto, quando ela se refere ao século passado, significa o século 19.

As falas na obra lobatiana não se restringem aos personagens. É constante a presença do autor como narrador. Como define Penteado Filho (1997), a “voz” apenas mudava de dono<sup>59</sup>. Houve um momento em que Lobato, que mantinha correspondência com os leitores-mirins e até com suas famílias, levou-os para dentro das histórias, inclusive o seu neto Rodriguinho<sup>60</sup>. “O leitor-sujeito da obra é uma criança, a princípio internalizada no autor, que se vai concretizando ao longo do tempo, através de um processo de *feedbacks* sucessivos” (PENTEADO FILHO, 1997, p.184). Entre o autor e o leitor, a recíproca paixão pela palavra escrita e pela fantasia.

As soluções narrativas de Lobato permitem o diálogo entre o leitor e a obra, o tom questionador de suas frases revestem a carga informativa em elementos de função social, porque estimulam a criação de uma consciência histórica e, desse modo, um conceito global do mundo. Isto não é feito sem a consideração e a associação ao modelo cultural brasileiro. O contato com o passado de forma reflexiva consegue acirrar o conhecimento da realidade imediata. Não se trata, portanto, de eruditismo, mas de fornecer elementos para a análise e compreensão de valores antigos, a fim de capacitar a apreciação do momento presente (ZILBERMAN, 1982, p. 60).

Há um espaço constituído no Sítio em que a avó Dona Benta estimula os netos em direção ao conhecimento<sup>61</sup>. Emília também participa das leituras, mas o Visconde, vez ou outra, é pego cochilando nesses momentos. De onde viria a ciência do Visconde? Desde o começo da obra, pressupõe-se que ele tenha sido impregnado pelos livros pelo simples fato de conviver com eles e, aos poucos, adquiriu vida própria. Mesmo quando morre, é como se não morresse de verdade.

---

<sup>59</sup> Seu discurso narrativo – onde o autor está sempre presente, mas não participa diretamente das ações – conta com uma diversidade de personagens suficiente para oferecer ao leitor escolhas entre uma variedade de posições. Do ponto de vista do sujeito narrativo, prevalecem duas instâncias em Lobato: na grande maioria dos textos, o narrador é o próprio Lobato, que, contudo, não se identifica nem justifica a não ser pela assinatura e eventuais notas introdutórias ou em apêndice, proporcionados pela casa editora. Nos livros recontados, a condução da narrativa passa do autor para o personagem de Dona Benta, retornando ao autor entre-atos, geralmente no início e no encerramento dos capítulos. As duas exceções são as histórias contadas por Tia Nastácia, onde a empregada doméstica assume o papel geralmente desempenhado por Dona Benta ou Emília, nas suas “memórias” – que adota parcialmente a estrutura formal da narrativa usual de Lobato (PENTEADO FILHO, 1997, p. 183).

<sup>60</sup> Quem pode, por exemplo, com a Maria de Lurdes? Ou com a Marina Piza, ou a Maria Luísa, ou a Bjornberg de Coqueiros, ou o Raimundinho de Araújo, ou o Hélio Sarmiento, ou a Sarinha Viegas, ou a Joyce Campos, ou a Edite Canto, ou o Gilbert Hime, ou o Ayrton, ou o Flávio Morretes, ou a Lucília Carvalho, ou o Gilson, ou a Leda Maciel ou a Maria Vitória, ou Nice Viegas, ou os três Borgesinhos (Estila, Mário e Marila), ou o Davi Appleby, ou o Joaquim Alfredo, ou a Hilda Vilela, ou o Rodriguinho Lobato e tantos e tantos outros?

Essa criançada achou meios de descobrir onde era o sítio de Dona Benta; e comandados pela Maria de Lurdes, ou a Rãzinha, lá foram ter. Infelizmente erraram de época e apareceram justamente na pior das ocasiões – quando o pessoal do sítio estava no palácio do Príncipe Codacidade (LOBATO, 1957s, p. 155-156).

<sup>61</sup> O lugar do leitor é mimetizado pelo próprio relato e, ao mesmo tempo, multiplicado em várias posições, o que motiva as diferentes reações de Pedrinho, Emília e outros. Estas podem dar-se de vários modos: através dos comentários sobre as ações, das exigências de explicação para as situações desconhecidas, do desejo de continuação, etc. Pedrinho e Emília são os ouvintes ativos, sendo que a segunda ainda passa do domínio da ficção (para ela) à realidade, quando, furtivamente, rouba pedaços da sombra de Tia Nastácia. Narizinho não tem uma atuação tão exigente, e o Visconde é mais solicitado como detetive (ZILBERMAN, 1982, p. 97-98).

Permanece viva a memória do Visconde na fala das crianças. Elas sentem a falta do sábio e até a boneca de pano, apesar de maltratá-lo, sem ele não consegue viver, como transparece na fala de Emília em *Viagem ao Céu*.

No abril daquele ano o Visconde não pôde tomar parte no repouso por uma razão muito séria: porque já não existia. Dêle só restava um “tôco”, aquele tôco que a boneca recolhera na praia depois do drama descrito na última parte das REINAÇÕES DE NAZIRINHO.

Mas *era preciso* que o Visconde existisse! O Sítio ficava muito desenhado sem êle. Todos viviam a recordá-lo com saudades, até o Burro Falante, até o Quindim. Só não se lembrava dêle o Rabicó, o qual só tinha saudades das abóbaras e mandiocas que por qualquer motivo não pudera comer. E como era preciso que o Visconde ressuscitasse, na segunda manhã daquele belo mês de abril, Emília, depois de um grande suspiro, resolveu ressuscitá-lo (LOBATO, 1957f, p. 4-6).

## 2. O Visconde toma corpo e “exala” ciência

Quando veio ao mundo, o Visconde não passava de um boneco de meio quilo, sem importância. A aparição do personagem se deu na primeira obra de Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, que recebeu como título definitivo *Reinações de Narizinho*, em 1931. O sabugo de milho, como já dito, nasceu de uma brincadeira dos primos Pedrinho e Narizinho, que desejavam casar Emília com o Marquês de Rabicó, pois a menina receava que a boneca ficasse para tia e, como andasse gorda e corada, achou que fosse hora de casá-la. A única maneira de convencer Emília foi inventar um título de nobreza para Rabicó.

Narizinho pediu a Pedrinho que arranjasse “um bom visconde de sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa” (LOBATO, 1957a, p. 83). O sabugo veio, “ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba”, com braços, pernas, nariz, boca, olhos e com o sinal de coroa de rei bem na testa. Era viúvo e sua mãe, Dona Palha de Milho, tinha morrido num horrível desastre, devorada pela vaca mocha. Isso o levou a temer as vacas e as galinhas pelo resto da vida, visto serem os sabugos e os grãos de milho a comida preferida desses animais.

Os garotos, como mencionado anteriormente, inventaram que Rabicó era um príncipe de verdade, que tinha sido transformado em porco por uma fada má e o feitiço só seria desfeito assim que ele achasse “um anel mágico escondido na barriga de certa minhoca. Por isso é que Rabicó vive fossando a terra atrás de minhocas” (LOBATO, 1957a, p. 82). Disseram à boneca que o Visconde fingia de visconde, mas era mesmo rei e vivia num reino atrás do morro, tanto que trazia um sinal de coroa ao redor da testa. “Para esconder êsse sinal êle usa cartola, que não tira nunca, nem na igreja. Dêsse modo, como ninguém vê o sinal da coroa, ninguém desconfia (LOBATO, 1957a, p. 82).

O personagem nasce com a característica de um sábio patético e distraído, mas logo começa a mudar. O contato permanente com os livros define o perfil de sábio passo a passo na obra. Mal tinha nascido e já falava de Química e de Física, ciências que o atraíam. As crianças lhe atribuíam tarefas o tempo inteiro, umas mais fáceis, outras mais difíceis. O sabugo às vezes reclamava da sua sina<sup>62</sup> e, mesmo em situações as mais adversas, o que incluía ficar em cima de

---

<sup>62</sup> O “sabinho” estava no pasto, a conversar com o Conselheiro.

uma árvore com um binóculo para observar a estrada, o sábio não perdia seu interesse em observar a natureza e estava sujeito a acidentes frequentes, como o autor registra em *Reinações de Narizinho*:

Enquanto discutiam e marcavam a data do pega, um acidente muito grave aconteceu na sala. O pobre Visconde dormira em cima do binóculo, tão bem dormido que, de repente, *plaf!*... caiu lá do alto um grande tombo no chão. Caiu e ficou desacordado. As princesas correram a acudi-lo com água e esfregações pelo corpo. Mas como o pobre sábio não voltasse a si, foi uma consternação geral (LOBATO, 1957a, p. 191).

Nas primeiras histórias o sabugo ainda não é imprescindível e os demais personagens não sentem sua falta. É com o tempo que ele conquista um espaço na obra, adquire qualidades de detetive apenas por ter sido enrolado por Narizinho no fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes*, em *Reinações de Narizinho*, e começa a desvendar mistérios, como o aparecimento de um falso Gato Félix no Sítio do Picapau Amarelo. Com aquele seu “microscopinho”, o “novo Sherlock Holmes” examinava as pistas do suposto farsante.

Seus estudos “científicos e criminológicos” resolveram a questão da farsa e o Visconde tornava-se, a cada nova história, um personagem requisitado pelos moradores do Sítio. Nessa fase inicial, o conhecimento adquirido pelo sabugo provém ainda de sua estreita proximidade com os livros e de ouvir histórias contadas por Dona Benta. Nas primeiras referências ao Visconde, em *Reinações de Narizinho*, a impressão dada pelo autor é a de que a sabedoria do personagem vem apenas de encostar nos livros, de dormir na estante ou de cair atrás dela.

A grande idéia de Emília não deixou mais a cabeça de Pedrinho. Só pensava em ir à Itália, ver se no quintal do homem que fez o Pinocchio não existiria ainda um resto do tal pau. Mas ir como? A pé não podia ser, porque era muito longe e teria de atravessar o oceano. De navio também não, porque Dona Benta tinha um medo horrível de naufrágios e jamais consentiria que ele embarcasse. Como resolver o problema? Desta vez foi o Visconde quem teve a melhor idéia. Esse sábio estava ficando cada vez mais sabido, depois da temporada que passou atrás da estante, entalado entre uma Álgebra e uma Aritmética. Por isso só falava cientificamente, isto é, de um modo que tia Nastácia não entendia.

\_\_ Eu acho \_\_ observou ele cuspidando um pigarrinho, que não é preciso ir à Itália para descobrir madeira com “propriedades pinocchianas.” A Natureza é a mesma em toda parte; e se lá há disso, não vejo razão plausível para que não o haja aqui também. Logo, se você procurar, bem procurado, é possível que descubra em nossas matas algum “exemplar esporádico da mirífica substância.”

---

\_\_ Acabou-se o nosso sossêgo \_\_ dizia o Burro Falante, cheio de saudades do tempo antigo. Com a mudança do País-das-Maravilhas para cá, as encrencas começam a suceder-se uma atrás da outra.

\_\_ Também penso assim \_\_ concordou o Visconde \_\_ e a maior vítima sou sempre eu. Para as coisas perigosas, só se lembram de mim. Fizeram-me trepar no Cedro Grande para dar o recado ao Polegarzinho. Houve lá um quiproquó e levei botada no nariz. Caí. Quebrei uma perna. Destronquei um pé. Felizmente Nastácia já me consertou.

\_\_ É essa a razão da escolha do Senhor Visconde para as emprêsas arriscadas \_\_ disse o Burro Falante. O Senhor Visconde é “consertável...” (LOBATO, 1957s, p. 83).

Tia Nastácia, que naquele momento ia passando de trouxa de roupa à cabeça, parou, escutou o discurso, de olhos arregalados, e lá se foi, resmungando: “Que mania essa do Visconde de só falar inglês agora! Credo!” Para a boa negra, tudo que ela não entendia era inglês. Mas Pedrinho compreendeu perfeitamente e até se entusiasmou com o que o sábio disse.

\_\_ Boa idéia, não há dúvida. Vou amolar meu machadinho e amanhã cedo começarei as “investigações” (LOBATO, 1957a, p. 201).

Não demora muito e o sabugo passa a ser considerado confuso e científico demais porque “andava entretido com a leitura de sua álgebra”, o que não impedia as crianças de designá-lo para ser palhaço de circo em *Aritmética da Emília*. É interessante ressaltar que cada referência de Lobato a alguma obra relacionada ao Visconde terá um desdobramento<sup>63</sup> mais adiante, como o próprio autor às vezes ressalta. Por exemplo, quando o sabugo foi enrolado num fascículo com a história de Sherlock Holmes, ele desenvolveu atributos de detetive e desvendou o caso do falso Gato Félix que apareceu no Sítio.

A presença dos livros na vida do sabugo é tão forte que ele se empanturra logo em *Reinações de Narizinho*. A leitura da álgebra quase o matou e as crianças tiveram que chamar o Doutor Caramujo para salvá-lo, aquele mesmo médico que deu a pílula falante à boneca Emília. A crise do sabugo aconteceu depois de uma briga dele com tia Nastácia, irritada com as palavras difíceis que o sábio empregava. Quando a ouviu pronunciar a palavra “mangarítimos”, Visconde ergueu os braços para o céu e caiu no chão com um ataque, numa expressão que denota sua impaciência com a falta de conhecimento da cozinheira.

Rabicó fôra chamar o médico. Meia hora depois chegava o célebre Doutor Caramujo, afobadíssimo, de malinha debaixo do braço.

\_\_ Quem é o doente? \_\_ foi logo indagando.

\_\_ É o Senhor Visconde de Sabugosa, que teve hoje um ataque. Venha vê-lo, Doutor.

O médico dirigiu-se para a lata do Visconde, examinou-o e franziu a testa:

\_\_ Hum! O caso é dos mais graves. Tenho de operá-lo imediatamente. Sua Excelência está empanturrado de álgebra e outras ciências empanturrantes. Tragam-me uma bacia d'água, toalha e também uma pedra de amolar.

Pedrinho trouxe as coisas pedidas; o médico amolou na pedra a sua faquinha e abriu de alto a baixo a barriga do Visconde.

\_\_ Chi! \_\_ exclamou fazendo uma careta. Vejam como está êste pobre ventre. Completamente entupido de corpos estranhos.

Pedrinho e Narizinho espiaram aquela barriga aberta e viram que em vez de tripas o Visconde só tinha lá uma maçaroca de letras e sinais algébricos, misturados com “senos” e “co-senos” e “logarítimos” \_\_ ou “mangarítimos”, como dizia a tia Nastácia.

\_\_ Coitado! \_\_ exclamaram ambos, compungidos. Está mesmo muito mal.

O Doutor Carmujo tomou uma colherzinha e começou a tirar para fora tôda aquela tranqueira científica, depositando-a num pequeno balde que Pedrinho segurava.

---

<sup>63</sup> O relógio bateu as dez horas, e enquanto os meninos se recolhiam a velha pegou o Visconde e guardou-o bem guardadinho na sua estante, entalado entre uma *Aritmética* e uma *Álgebra* – fato que iria ter notáveis conseqüências futuras (LOBATO, 1957a, p. 171).

\_\_ Não tire tôdas as letras \_\_ advertiu o menino. Se não êle fica bôbo demais. Deixe algumas para semente.

\_\_ É o que estou fazendo. Estou tirando só o que é álgebra. Álgebra é pior que a jabuticaba com caroço para entupir um freguês.

Terminada a operação, o Doutor colou a barriga do doente com um pouco de Cola-Tudo (LOBATO, 1957a, p. 229-232).

Feita a operação, o Doutor Caramujo recomendou que o Visconde ficasse de repouso. Na passagem abaixo, quando Narizinho diz que os únicos livros que não fazem mal são “os que têm diálogos e figuras engraçadas”, pressupõe-se que o autor se refira a *Alice no País da Maravilhas*, do escritor inglês Lewis Carroll (1832-1898), em que a personagem se ressentida, na abertura, que os livros sem figuras e sem diálogos não têm graça. *Alice* foi uma das obras estrangeiras que Lobato traduziu para a Língua Portuguesa.

\_\_ Temos agora de deixá-lo em repouso durante três dias \_\_ recomendou. Depois dêsse prazo poderá dar seus passeios pelo campo, a fim de tomar sol e respirar as brisas da manhã. Também é preciso esconder quanto livro de álgebra exista por aqui, para evitar recaída.

Pedrinho pediu a conta, pagou-a e despediu-se do Doutor, recomendando-lhe que desse muitas lembranças ao Príncipe Escamado, a Dona Aranha e outros personagens do reino.

\_\_ Que bom médico! \_\_ exclamou a menina logo que o Doutor Caramujo partiu. Com um Doutor assim até dá gôsto ficar doente. Mas estou notando que esquecemos duma coisa, Pedrinho.

\_\_ Que foi?

\_\_ Esquecemos de botar casos engraçados dentro da barriga do Visconde. Como vai ser palhaço de circo, ficaria ótimo se nós o recheássemos como tia Nastácia faz com os perus.

\_\_ Recheio de que \_\_ indagou o menino.

\_\_ De anedotas, por exemplo.

\_\_ Bem pensado! Mas ainda está em tempo, porque a cola não secou.

E abrindo de novo o Visconde, puseram dentro três páginas bem dobradinhas dum livro do Cornélio Pires. Depois colaram-no outra vez e deixaram-no a secar em paz.

\_\_ Venha ver, Emília, quanta letra saiu de dentro do coitado \_\_ disse a menina, indo ao quintal despejar o balde. Eu bem que digo que é muito perigoso ler certos livros. Os únicos que não fazem mal são os que têm diálogos e figuras engraçadas.

Passados três dias de repouso, o Visconde pulou da sua lata e foi passear pelo terreiro, conduzido pela Emília, ainda muito fraco mas perfeitamente curado das suas manias.

\_\_ Agora sim \_\_ disse Pedrinho \_\_ nosso circo vai ter um palhaço ainda melhor do que o tal Eduardo das Neves que tia Nastácia tanto gaba. Você, Narizinho, precisa fazer-lhe uma roupa bem pândega.

\_\_ Estou pensando em fazer-lhe uma roupa de palhaço de verdade, com um grande sol amarelo atrás (LOBATO, 1957a, p. 230-232).

O sabugo, que no início não faz falta nenhuma quando se machuca ou morre, adquire mesmo importância e torna-se indispensável, pois é o personagem “consertável”, aquele em quem as crianças confiam para as missões mais difíceis. Ele pode morrer a qualquer momento, sumir, se despedaçar ou ser destinado a alguma missão complicada. Qual o destino do

personagem? Nunca se sabe. São vários viscondes sendo construídos em um só? Lobato deixa em aberto o futuro do Visconde e Dona Benta explica que ele é o único que, se morrer, tia Nastácia faz um novinho para as crianças.

É com o recurso de criar e recriar o personagem que Lobato o transforma num porta-voz de um discurso científico que vigorava na época e, por meio de suas aparições, brotam diálogos, idéias, críticas que representam a ciência naquele contexto. Há uma aura de mistério e de humor em torno do personagem. Seu futuro não é previsível. Indiferente ao seu destino, o sabugo, apesar da inteligência, é o sábio conformado diante das circunstâncias, como se tivesse consciência da sua condição temporária.

Ressurgido em *Viagem ao Céu*<sup>64</sup>, o Visconde, que tinha morrido num acidente em *Reinações de Narizinho*, surpreende na sua nova roupagem. “E foi dêsse modo que surgiu no Sítio do Picapau Amarelo aquêle grave personagem de fraque xadrex, botões de milho no peito e chapéu de cortiça com fitinha caída atrás” (LOBATO, 1957f, p. 11).

No paiol, tia Nastácia debulhou uma bela espiga de milho vermelho para obter um sabugo novo, e teve a luminosa idéia de deixar uma fileira de grãos, de alto a baixo, a fim de servirem de botões. Também teve a idéia de traçar<sup>65</sup> as palhinhas do pescoço em forma de “barba inglesa”, isto é, repartida em duas pontas. E como o sabugo era vermelho, ou ruivo, saiu um Visconde muito diferente do primeiro, que era de sabugo de milho branco.

Depois de arrumá-lo muito bem, com duas compridas pernas, dois belos braços e cartolinha nova na cabeça, foi mostrá-lo aos meninos.

Emília torceu o nariz. “Está falsificado. Não presta.” Mas Pedrinho aprovou: “Está ótimo, embora pareça mais um banqueiro inglês do que um sábio da Grécia” (LOBATO, 1957f, p. 11).

O novo Visconde ou Dr. Livingstone – nome emprestado de um explorador africano de que tanto falava Dona Benta às crianças – renasceu protestante e vivia com a sua “bibliazinha” nas mãos, como descreve Lobato, que revela a convivência do personagem com a ciência e a religião, o que causava pavor em tia Nastácia. [...] e depois que Narizinho lhe disse muito em segredo que o Dr. Livingstone era protestante, a pobre preta não passava perto dele sem fazer um pelo-sinal disfarçado e murmurar baixinho: “Credo!” (LOBATO, 1957f, p. 12).

---

<sup>64</sup> Os leitores destas histórias devem estar lembrados do que aconteceu ao pobre sábio naquele célebre passeio ao País-das-Fábulas, quando o Pássaro Roca ergueu nos ares o Burro Falante e o Visconde. Os viajantes haviam-se abrigado debaixo da imensa ave julgando que fôsse um enormíssimo jequitibá de tronco duplo – troncos inconhos. Tudo porque o Pássaro Roca estava imóvel, dormindo de pé! Mas quando a imensa ave acordou e levantou vôo, lá se foi pelos ares o pobre burro pendurado pelo cabresto, e agarrado ao burro, lá se foi o pobre Visconde (LOBATO, 1957f, p. 8).

<sup>65</sup> No texto aparece “traçar” mas, ao que tudo indica, há um erro de escrita. O mais sensato seria “traçar”.

Na primeira semana em que tinha renascido, em *Viagem ao Céu*, o sabugo passou por uma “tragédia” que por pouco não lhe custou a vida recém-reconquistada. Enquanto lia sua bibliazinha no quintal, um frango Leghorn, descendente de um outro vindo dos Estados Unidos, [...] e que, portanto, devia entender alguma coisa da língua de seus avós (LOBATO, 1957f, p. 12), avançou para comer os “botões” de milho vermelhos que havia no peito do “inglês”.

\_\_ Do you like my buttons? \_\_ perguntou com a maior ingenuidade o sabugo, como quem diz: “Está gostando dos meus botões?” Mas em vez de responder e elogiar a beleza daqueles botões, sabem o que o frango fez? Avançou de bicadas contra o pobre sabugo e comeu-lhe cinco botões, um depois do outro! Os berros do Dr. Livingstone atraíram a atenção de tia Nastácia, que veio correndo com a vassoura e tocou o frango a tempo de salvar o resto dos botões. Como fôssem treze, ainda ficaram oito \_\_ mas falhados. O maldito frango tinha desfeito a obra-prima de tia Nastácia...

\_\_ Deixa estar, mal-educado! \_\_ berrou ela furiosa. Assim que crescer mais, eu te pego e prego na caçarola \_\_ e o senhor doutor aqui há de comer a moela. Desrespeitar desse modo uma criatura de tanta sabedoria, que não faz mal a ninguém e vive quieto no seu canto lendo a sua bíblia! É ser muito sem compreensão das coisas... Credo! E tia Nastácia deu um tapa na bôca porque achava inconveniente pronunciar essa palavra perto dum protestante (LOBATO, 1957f, p. 14).

As explicações do sabugo em *Viagem ao Céu* estão circunscritas à religião, pelo menos num primeiro momento, como numa das conversas que aconteceram no Sítio, em que Pedrinho inventou um telescópio e consultou o Visconde para decidir que astro veriam primeiro.

\_\_ Eu acho que o primeiro tem que ser o sol, que é o pai de todos \_\_ disse Narizinho.

\_\_ E eu acho que deve ser a Grande Ursa, porque é um bicho raro \_\_ propôs Emília. Pedrinho riu-se com superioridade.

\_\_ A Grande Ursa não pode, bôba, porque fica nos céus do Norte. Êstes céus aqui são os céus do Sul. E o senhor que acha, Dr. Livingstone? \_\_ perguntou êle ao Visconde. O Dr. Livingstone respondeu batendo na bibliazinha.

\_\_ Deus fez por último as estrêlas, como diz aqui o Gênesis, mas Cristo disse que os últimos serão os primeiros. Logo, temos de começar pelas estrêlas (LOBATO, 1957f, p. 30-31).

A obra evolui e o Visconde assume gestos e hábitos que ajudam a incorporar a imagem que se passa a ter dele e que marca sua identidade. De tanto estudar Matemática, por exemplo, agia com “precisão matemática” e através de suas leituras se impregnava de ciência e recriava a si mesmo. Ao que consta, era mais afeito às Ciências Exatas, pois andava com sua Álgebra, Aritmética, Geologia e a estudar Fisiologia, e jamais com livros de outras áreas do conhecimento humano, embora demonstrasse um interesse amplo por temas diversificados.

E como nem mesmo na ficção ninguém é perfeito, as limitações físicas do sabugo são evidenciadas em *Aritmética da Emília*, tanto que Pedrinho construiu para ele uma cadeira de rodas que, no lugar das rodas, tinha batata doce, porque as rodas de madeira eram [...] difíceis de

cortar e [...] nunca saem redondinhas (LOBATO, 1957l, p. 163). Mesmo assim, o sabugo não deixou de ter idéias, como a de organizar um circo para “passear” no País-da-Matemática com as crianças.

\_\_ Que idéia batuta! \_\_ exclamou Emília encantada. Tôdas as viagens deviam ser assim. A gente ficava em casa, no maior sossêgo, e o país vinha passear na gente. Mas como vai resolver o caso, maestro?

\_\_ Da maneira mais simples \_\_ respondeu o Visconde. Vou organizar um circo Sarrazani para que o pessoal do País-da-Matemática venha representar diante de nós. Inventei êsse novo sistema porque ando reumático e não posso locomover-me. Todos aceitaram a explicação do Visconde, o qual tinha tido realmente uma dessas idéias que merecem um doce. Dona Benta voltou à costura. Pedrinho correu para o pomar e o grande sábio de sabugo foi dar comêço à organização do circo. Só ficaram na sala Narizinho e Emília.

\_\_ Por que razão, Emília, você tratou o Visconde de “maestro”? O pobre Visconde dará para tudo, menos para música. Nem assobia.

\_\_ É porque êle teve uma idéia *batuta* \_\_ respondeu a boneca (LOBATO, 1957l, p. 160-162).

Em *Aritmética da Emília* ele é o sábio e professor, um mestre criativo, que inventa um ambiente onde cada integrante da Matemática – algarismos, frações – é um artista que ensina às crianças como fazer contas. E como o Visconde é um personagem que congrega ingredientes de imprevisibilidade, previsibilidade e mistério, no fim da viagem ao Bairro dos Adjetivos, em *Emília no País da Gramática*, ele rouba o ditongo ão e por pouco não provoca um problemão na Língua Portuguesa.

A evolução dos conhecimentos científicos do sabugo o conduz além do espaço limitado do Sítio e lhe permite ser reconhecido fora do País. Em *Geografia de Dona Benta* ele é o sabugo científico homenageado pelo presidente dos Estados Unidos, com pompa e circunstância.

Os professôres de Princeton estranharam ser o Visconde um simples sabugo de milho, e duvidaram da sua ciência. Mas diante da preleção que o Visconde fêz sôbre os peixes do rio Amazonas \_\_ o pirarucu, o peixe-boi, a piranha e centenas de outros, convenceram-se de que realmente estavam diante de um sábio, e deram-lhe um título honorífico \_\_ e uma cartolinha nova. E quando souberam que o Visconde havia nascido num milharal de Dona Benta, admiraram-se. Um professor de grande autoridade científica tomou a palavra e disse:

\_\_ Meus sinceros parabéns, minha senhora. Sou o professor de Agricultura Comparada desta universidade e, apesar de conhecer tôdas as espécies de milho que existem no mundo, jamais tive conhecimento de nenhuma que produzisse sabugos falantes \_\_ e sábios. Meus sinceríssimos parabéns! (LOBATO, 1957m, p. 119).

Lobato transporta o personagem de um extremo a outro. Ao mesmo tempo em que é reconhecido internacionalmente, é quase um escravo da Emília, que o obrigou a escrever as

*Memórias da Emília*, em que foi uma espécie de *gostwriter*. A não ser quando a boneca cisma de escrever um capítulo com histórias mentirosas, os demais cabem ao sabugo. Problema similar tinha acontecido anos antes, quando a boneca também roubou-lhe o título de *Aritmética*<sup>66</sup>, que era do sabugo.

Este Visconde culto e sábio, achatado sem mais nem menos pelos volumes de D. Quixote – em *D. Quixote das Crianças* –, cai da estante de Dona Benta ao atender a mais um capricho da Emília, além de carregar sua canastra e jamais dizer “não”. O autor sugere, em uma das passagens, a razão de o sabugo ceder aos pedidos da boneca. “O velho sábio parece que tinha uma paixão oculta pela boneca, pois se apressou a fazer a medida e a declarar, todo delambido: \_\_ Dona Emília manda, não pede” (LOBATO, 1957a, p. 202).

Depois de descobrir um volume sobre Geologia entre os livros de Dona Benta, em *O Poço do Visconde*, o sabugo se interessou pelo assunto. “E de tanto estudar ficou com um permanente sorriso de superioridade nos lábios – sorriso de dó da ignorância dos outros. Êle já entende de terra ‘mais que tatu’, dizia a boneca” (LOBATO, 1957p, p. 2). Nessa obra, o personagem é considerado “livresco demais” e teve mesmo que ceder à greve das crianças para que saísse da teoria e fosse para a prática, ou para a ciência aplicada, e perfurassem o poço de petróleo no Sítio.

Em terra ou em alto-mar, o Visconde é chamado para dar sua opinião e é bizarra a imagem que se faz dele, como numa passagem de *O Picapau Amarelo*, com este comentário do narrador: “Os sábios são criaturas indecisas; não resolvem nada” (LOBATO, 1957s, p. 175). Na primeira viagem ao mundo grego, em *O Minotauro*, é apresentado como o “neto vegetal” de Dona Benta. E continuava ele a ser o escolhido para as tarefas mais complicadas, como se vê no trecho em que é convocado a ir à velha Hélade com Emília e Pedrinho em busca de tia Nastácia, que havia sido raptada pelo minotauro na festa de casamento da Branca-de-Neve com o Príncipe Codadade:

O sabuguinho científico suspirou resignadamente.  
Pércles e Fídias não entenderam grande coisa daquela prosa, nem o suspiro do Visconde.  
Dona Benta teve de explicar, e falou das funções do velho fidalgo nas eternas aventuras dos meninos.

---

<sup>66</sup> Ah, a Emília acabava de fazer uma das suas célebres maroteiras. Fôra ao escritório do Visconde e, vendo lá o manuscrito da “ARITMÉTICA DO VISCONDE”, cortou o “T” da palavra Aritmética e substituiu o nome do autor pelo seu. Eis a explicação da ARITMÉTICA DO VISCONDE ter saído com o frontispício duplamente errado \_\_ sem o “t” e sem o nome do verdadeiro dono (LOBATO, 1957l, p. 302).

\_\_ Como é o único que é *consertável* \_\_ disse ela \_\_ os meninos sempre recorrem ao Visconde nas ocasiões de maior perigo.

\_\_ Por quê?

Porque se êle perecer, tia Nastácia faz outro. Êsse corpinho que os senhores estão vendo já é o terceiro ou quarto... (LOBATO, 1957t, p. 77).

Em *A Reforma da Natureza*, escrito durante a Segunda Guerra Mundial, o Visconde acompanha Dona Benta e tia Nastácia ao exterior. As duas senhoras tinham sido convidadas pelo Rei Carol, da Romênia, como as únicas pessoas capazes de propor uma solução adequada para a paz no mundo. O sabugo científico viajou “com uma gorda pasta de ciência debaixo do braço”, na qualidade de consultor científico. Presume-se que seu conhecimento era de peso.

Uma nova viagem ao estrangeiro mais uma vez o consagrou como um sábio importante. Em *A Reforma da Natureza* ele conheceu vários cientistas do exterior “notabilíssimos”, aprendeu “grandes coisas” e concentrou seus estudos na Fisiologia, [...] isto é, na ciência que estuda o funcionamento dos órgãos nos seres vivos (LOBATO, 1957u, p. 253). De volta ao Sítio, depois da viagem à Europa, o Visconde pesquisava um superpó no qual Emília estava de olho, melhor do que o de pirlimpimpim<sup>67</sup>. O sábio andava todo mistérios, passava noites em claro e até recebia cartas científicas do exterior.

A figura do Visconde como sábio estava mais consolidada em *A Chave do Tamanho*, quando ele é o único que não tem seu tamanho reduzido<sup>68</sup>, por ser um boneco, e cabe ao sabugo salvar a humanidade da loucura da Emília, que tinha modificado toda a estrutura dos seres humanos na Terra. Em meio aos estragos, o sabugo caminhava, observava a natureza e não perdia a calma. A ciência impregnava o seu espírito.

Felizmente o Visconde era um sábio, e os sábios não sabem andar na toada firme e contínua dos ignorantes. O Visconde andava um pouco e parava para observar qualquer coisa. Aqui, um coleóptero novo que êle via pela primeira vez \_\_ e ficava de cócoras examinando o bichinho e tomando notas em seu caderno. Depois, uma pedrinha qualquer \_\_ ou um “mineral”, como êle dizia. Ou era um “efeito de ótica” numa teia-de-aranha. E cada vez que parava, Emília o alcançava, êle punha-se de novo a andar, até que nova “curiosidade da natureza” o detivesse. Parecia êsses curiangos que ao anoitecer vão voando nas estradas à frente dos viajantes (LOBATO, 1957v, p. 93-94).

---

<sup>67</sup> Penteado Filho (1997) destaca que o pó foi censurado pelos militares na adaptação da obra para a televisão. “Na era das posições e dos conceitos ‘politicamente corretos’ surgem, hoje, freqüentes críticas ao texto infantil de Lobato como ‘preconceituoso’ – não só acerca da negritude servil de tia Nastácia, como em relação a outros aspectos do texto” (1997, p. 218). O autor cita a escritora Nelly Novaes Coelho, para quem a literatura de Lobato reflete os valores de uma época e destaca que o autor não pensava isoladamente.

<sup>68</sup> Era sim. Era o Visconde de Sabugosa! Era o Visconde que vinha vindo \_\_ mas que Viscondão, meu Deus! O maior visconde do mundo! Um gigante gigantesco (LOBATO, 1957v, p. 91).

N'Os 12 Trabalhos de Hércules, obra final de Lobato, é quando o sábio passa por mudanças significativas. Aquele Visconde de laboratório que fazia experiências com Emília, que criava pulgas gigantes, readquire aspectos de uma cultura clássica, à grega, visto a história se passar na Grécia Antiga. Aos poucos, ele perde a “casmurrice antiga” – como diz Lobato –, dança rumba, bate palmas, bebe e brinca feito criança “no seu comêço de loucura heróica”. O sábio andava meio fraco do coração, até que enlouqueceu de vez.

Todos estranharam aquilo \_\_ aquêles modos e aquelas palavras tão impróprias de um sábio. E mais ainda quando o Visconde segurou as palhinhas do pescoço, como se fôssem barbas repartidas ao meio, e disse com ar satisfeito: “As armas e os barões assinalados...” barões e viscondes. Viscondes e condes de Monte Cristo. Condes de Monte Cristo e duques e marqueses, e comendadores, e coroneis e cabos-de-esquadra e eu... e eu... e eu. Bumba meu boi! Zubumba! Os Zombis... os Zombis... os Zombis...” e seus olhos pareciam querer saltar das órbitas (LOBATO, 1957x, p. 236).

A loucura do sabugo científico consternou todos os seus amigos. Emília acreditava que fosse “fingimento” ou uma estratégia para ficar na história. “Como sabe que todos os heróis acabam loucos, ou passam durante a vida por um período de loucura, está ‘bancando’ o louco, para ficar igual a Hércules, a Rolando, a D. Quixote...” (LOBATO, 1957x, p. 236-238). Mas até em suas loucuras o sabugo não se esquecia da ciência.

O Visconde não dava o menor tento ao que dêle diziam. Continuava a pronunciar palavras sem nexos, quase sempre científicas: “A metempsicose tem suas raízes na Índia... A sobrevivência do mais forte... Hormônios... Fava de Santo Inácio...” isso em meio a uma série de gargalhadas históricas e arrepiantes. Depois, ah, depois fez tal qual D. Quixote quando o famoso herói da Mancha se despediu de Sancho para ficar de retiro e penitência na montanha. D. Quixote despediu-se de Sancho e pôs-se a virar cambalhotas, em fraldas de camisa... Pois o Visconde fez a mesma coisa; deu uma série de cambalhotas e ficou a fazer experiência de andar com as mãos no chão e os pés no ar...

Nesse ponto Pedrinho não reteve as lágrimas \_\_ chorou, e Hércules desviou o rosto para que não vissem a lágrima que também lhe veio. Mas Emília, nada! Nada de comover-se. Estava a rir-se irônicamente e a caçoar do pobrezinho.

\_\_ Cambalhotas mais feias nunca vi. Um verdadeiro sábio não enlouquece dêsse jeito tão bôbo. Se não fôssem as suas defesas orgânicas (Pedrinho e Hércules), eu o agarrava agora e depenava...

Ao ouvir aquêles “depenava”, o Visconde interrompeu as cabriolas e pôs-se a tremer como geléia. Era o antigo pavor que mesmo na demência reaparecia: o velho mêdo de ser “depenado” de suas pernas e seus braços. Tanto Emília o ameaçou com isso, desde os começos da vida do Visconde, que o terror ficou incrustado em seu subconsciente \_\_ e agora, na loucura, manifestava-se naquele tremor. Depois o coitadinho caiu de joelhos, começou a rezar e a fazer pelo-sinais (LOBATO, 1957x, p. 238-239).

A cura veio depois que foi fervido no caldeirão de Medéia, mas o novo sábio voltou estranho, com um caráter diferente. Apaixonou-se por uma pastorinha da Arcádia, escreveu cartas românticas, deu um beijo no rosto dela, atitudes inéditas para todos, o que faz imaginar que o autor desejava humanizar o sábio. Aos poucos, voltou a ser como antes. No fim da obra, quando Hércules agradece pela ajuda dos personagens do Sítio em cada uma de suas batalhas e enaltece a importância da educação na vida das pessoas, fica evidente como o saber forjou um sabugo excepcional.

De caminho ia Hércules revelando tudo o que lhe tumultuava no coração. Confessou-se gratíssimo pelo que os pica-paus haviam feito. Chegou até a declarar que pelo menos um terço de seus triunfos cabia mais a êles do que a êle.

— Sim, porque se não fôsse Emília, é bem possível que o javali do Erimanto me houvesse pegado. E no caso do boi de Creta, o verdadeiro herói foi Pedrinho.

— E o Visconde também — acrescentou Emília. Não se esqueça da argola. Hércules concordou.

— Sim, todos três me ajudaram muito. Todos três revelaram grande inteligência, fazendo-me compreender que se a força é uma grande coisa, a inteligência é a força das forças. Vem daí a minha idéia sobre a educação...

Quando Hércules se punha a desenvolver a sua idéia sobre a educação, os três pica-pauzinhos bocejavam. Tudo quanto êle dizia, certo de que eram idéias originais e pela primeira vez saídas de um cérebro, não passava de idéias emboloradas e até já aposentadas no mundo moderno. Emília fechou a discussão daquele ponto com um exemplo:

— Claro que sim, Lelé. Pois não vê o Visconde? Nasceu sabugo, como todos os sabugos do mundo, mas com a educação recebida de Dona Benta virou o que é: um sábio de cartola (LOBATO, 1957x, p. 278-279).

### 3. Para além do bem... E do bem

O Sítio do Picapau Amarelo não é uma obra que deixe o leitor livre de questionamentos sobre si mesmo e sobre o sentido da existência humana. Os textos carregam em si um cunho educativo, a começar pela presença de Dona Benta, a avó sábia que contava histórias, lia livros e atiçava a imaginação de todos. O Visconde de Sabugosa é o exemplo da inteligência e Lobato destaca que “a ciência está nos livros”, que o Visconde ficou sábio apenas de “cheirar” os livros de Dona Benta.

Mas a história é um pouco diferente. Pode até ser que a princípio o sabugo de milho tenha adquirido saber simplesmente porque cheirou os livros da avó do Sítio ou porque caiu atrás da estante. Como não tinha mais o que fazer, teve que ler, ler até embolorar e se empanturrar. Em contrapartida, à medida que as histórias transcorriam, ele teve que se movimentar na obra e ir em busca dos livros que lhe interessavam ou eles lhes caíam diante dos olhos.

O Visconde de *Aritmética da Emília* é o professor criterioso, que estuda para dar aulas e fica constrangido quando não sabe dar uma resposta. Além do mais, logo na abertura do livro, o autor explica que o sabugo se ressentia de não ter ainda inventado uma viagem para o pessoal do Sítio.

Ora, êle era um sábio famoso e, portanto, estava na obrigação de também inventar uma viagem e das mais científicas. Em vista disso pensou uma semana inteira, e por fim bateu na testa, exclamando numa risada verde de sabugo embolorado: — Heureca! Heureca! (LOBATO, 1957l, p. 159).

Não faltam ocasiões em que Lobato reafirma a condição de embolorado do sabugo científico. Seria esta a razão por que o personagem morria e renascia? Pode até ser que o autor tentasse matar o Visconde a cada vez que o sentisse verde de bolor para ver se ele voltava com idéias novas. A ciência, na visão do autor, teria esse caráter de bolor também? Uma coisa é certa: toda vez que tentaram fazer o Visconde ficar diferente não deu certo. Ele readquiria as características anteriores, habituais, como se pode ver em diversas passagens citadas neste trabalho.

Em *Aritmética da Emília* é possível conferir com mais clareza a idéia que Lobato passava da escola como, por exemplo, um lugar de menor peso na vida das crianças do Sítio. O Visconde cria um circo, dá aulas ao ar livre e as crianças absorvem novos conhecimentos sobre Matemática fora dos padrões tradicionais de educação, o que nos remete às influências que Lobato teve a

partir das leituras da obra de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em que o jovem Emílio aprende com um preceptor; do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900)<sup>69</sup>, que criticava severamente o modelo de educação<sup>70</sup> de sua época e de quem Lobato era um leitor ardoroso; e de sua convivência com os idealizadores do movimento da Escola Nova no Brasil<sup>71</sup>.

A crítica à escola reaparece na fala de Pedrinho na abertura de *Emília no País da Gramática*. A dedicada avó Dona Benta, “com aquela sua paciência de santa”, como a descreve o autor, ensinava Gramática ao neto para que ele não esquecesse a matéria quando voltasse das férias. O menino, irritado, não queria, mas depois cedeu.

\_\_ Maçada , vovó. Basta que eu tenha de lidar com essa caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são só para brinquedo. Não, não e não...

\_\_ Mas, meu filho, se você apenas recordar com sua avó o que anda aprendendo na escola, isso valerá muito para você mesmo, quando as aulas se reabrirem. Um bocadinho só, vamos! Meia hora por dia. Sobram ainda vinte e três horas e meia para os famosos brinquedos.

Pedrinho fêz bico, mas afinal cedeu; e todos os dias vinha sentar-se diante de Dona Benta, de pernas cruzadas como um oriental, para ouvir explicações de gramática.

\_\_ Ah, assim, sim! \_\_ dizia êle. Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndio... (LOBATO, 1957i, p. 3).

Era depois das “lições” que vinham as brincadeiras e as idéias mirabolantes. A imaginação das crianças voava solta e elas recriavam os seus dias no Sítio, recheados sempre de novas surpresas.

Emília habituou-se a vir assistir às lições, e ali ficava a piscar, distraída, como quem anda com uma grande idéia na cabeça. É que realmente andava com uma grande idéia na cabeça.

\_\_ Pedrinho \_\_ disse ela um dia depois de terminada a lição, por que, em vez de estarmos aqui a *ouvir falar* de gramática, não havemos de *ir passear* no País-da-Gramática? (LOBATO, 1957i, p. 3).

---

<sup>69</sup> É bom lembrar que o filósofo alemão morreu em 1900, quando Lobato tinha 18 anos. Portanto, foi um filósofo seu contemporâneo.

<sup>70</sup> Na obra *Escritos sobre Educação*, que traz textos de Friedrich Nietzsche apresentados no início de 1872, na Basileia (Suíça), durante as conferências “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, quando ele tinha 27 anos, a tradutora Noéli Correia de Melo Sobrinho faz o seguinte comentário: “A crítica que Nietzsche faz às idéias modernas, especialmente às idéias ligadas à educação, se devem diretamente ao fato de que os estabelecimentos de ensino não concorrem, antes depõem contra a elevação da cultura, na medida em que estão a serviço do Estado e do mercado” (2003, p. 34).

<sup>71</sup> [...] termo que passou a aglutinar os anseios de reforma dos sistemas educacionais e transformou-se em bandeira da renovação de materiais e métodos escolares a partir de 1928, e mais intensamente em 1932, com a publicação do *Manifesto dos pioneiros da educação nova* (VIDAL, 2004, p.15).

Quando o autor menciona as lições de Gramática<sup>72</sup>, ele dá mais um indício de que parte de sua obra, escrita para a escola e com conteúdos parecidos com os dos livros didáticos da década de 1930, favorecia uma leitura mais leve, mais solta, o que pressupõe um objetivo que vai além de unicamente divertir o leitor. Não é à toa que aos poucos Pedrinho não volta mais para o Rio de Janeiro e passa o resto das histórias no Sítio. Curiosamente, Lobato critica a escola numa obra que foi criada para a escola. Por outro lado, a intenção talvez fosse essa mesma. Se não houvesse críticas à educação, como abrir caminho à entrada de livros de literatura nessas mesmas escolas?

Naquele contexto histórico, em que predominavam as idéias darwinistas e onde os mais fortes e capazes seriam aqueles a se destacar no seu meio, Lobato elegeu entre os seus personagens apenas um que teria características de cientista, de sábio e de professor – o Visconde de Sabugosa. Todas as figuras diferentes entre si foram personificadas em uma só. Pode até ser que, influenciado que foi pela leitura da obra de Nietzsche, Lobato tenha pensado um Visconde que representasse um cientista inteligente e, ao mesmo tempo, patético. Na apresentação da obra *Escritos sobre Educação*, do filósofo alemão, a tradutora Noéli Correia de Melo Sobrinho diz o seguinte:

Para Nietzsche, o homem de ciência, quer dizer, o erudito, é um paradoxo, na medida em que, embora movido por um exacerbado “instinto de conhecimento” e pela pressa do conhecimento, ele não chega a alcançar uma visão abrangente e real a respeito da vida e do mundo, não pode enxergar o quão terríveis e problemáticos eles são, pois ele quer a todo custo a certeza e a verdade. Ele quer a estabilidade e busca desfrutar do seu *otium sin dignitate*, pois procura se afastar exatamente do que é terrível e problemático, além de não estabelecer um sentido ou visar a um objetivo que o leve para além da sua especialidade e da sua profissão remunerada: nisso, diz Nietzsche, ele é verdadeiramente um “escravo” (2003, p. 22-23).

---

<sup>72</sup> Na sua tese de livre-docência defendida na Faculdade de Educação da USP, Diana Vidal estudou a obra *Contos Infantis*, das irmãs brasileiras Julia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, publicada no final do século 18, no Brasil, para uso em escolas primárias. “Ao fim de cada texto, em poesia ou prosa, havia questões sobre o entendimento da narrativa, sobre o vocabulário utilizado, e também sobre o desdobramento de temas abordados e regras gramaticais, tomadas a partir de elementos da história, ou sobre ciências naturais sugeridas pelo recurso a personagens dos reinos animal e vegetal, “segundo o *methodo adoptado nas obras de ensino elementar, prescripto pela mesma Inspectoria*” (p. 5), que conferiam ao livro o tom de lição” (VIDAL, 2004, p. 72). Este modelo é parecido com aquele de Lobato, na década de 1930, só que o dele carrega um conteúdo científico.

O personagem Visconde era alguém em busca do novo o tempo todo e, escravo do conhecimento, era também escravo da Emília ao atender às suas ordens e carregar sua canastra, além de ser o eleito para enfrentar as piores tarefas durante as aventuras. Não foi por acaso que, em *Viagem ao Céu*, virou satélite da lua. Havia, entre as crianças, uma premência para que a ciência do Visconde fosse prática, que saísse da teoria e os ajudasse a resolver as questões do dia-a-dia.

Para Nietzsche, como enfatiza Noéli Correia de Melo Sobrinho em “A Pedagogia de Nietzsche”, em *Escritos sobre Educação* (2003, p. 23), o homem de ciência era alguém que trabalhava para o ganha-pão, para aliviar a carência. E, se o sabugo do Sítio não tinha, aparentemente, maiores pretensões, visto que em nenhum momento Lobato faz menção a algum tipo de carência do personagem quanto a coisas materiais, ele, porém, sonhava com a fama e com o lucro, como vemos em *A Reforma da Natureza*<sup>73</sup>.

Ao que tudo indica, na obra acima citada, e que foi escrita em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, o sabugo científico insinua uma visão pragmática da ciência – a ciência que traria lucro. Teria o Visconde se adequado ao meio? Seria uma crítica de Lobato ao homem de ciência num momento de desânimo do autor e de desilusão quanto ao futuro da humanidade, do homem e de seu próprio futuro?

O Visconde aparece em *A Reforma da Natureza* de uma maneira diferente. Na primeira parte da obra, que foi dividida em duas por Lobato, ele viaja com Dona Benta, tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho para o exterior para “arrumar o pobre continente”. Como dito neste trabalho anteriormente, ele carregou aquela gorda pasta de ciência e viajou “na qualidade de Consultor Científico”. Enquanto isso, Emília ficou no Sítio e começou a reformar tudo o que via pela frente.

Há, na personagem, um encanto pelo científico na maior parte dos livros e ela estava mesmo decidida a reformar o mundo, depois de ouvir a fábula “O Reformador da Natureza”, contada por Dona Benta. Inspirada no reformador Américo Pisca-Pisca, iniciou as barbaridades no Sítio, auxiliada pela amiga Rãzinha, uma menina que morava no Rio de Janeiro. A boneca

---

<sup>73</sup> Depois que se cansaram de operar formigas, iniciaram experiências nos grilos, e tiveram de fazer outro pastinho para os grilos operados. Um dia Emília entrou no laboratório com uma pulga.

\_\_ Hoje, Visconde, a novidade vai ser esta pulga. Vamos fazer nela um enxêrto de tiróide de formiga e pituitária de grilo. Há de dar qualquer coisa interessante.

E fizeram a operação.

\_\_ Maçada! \_\_ exclamou Emília. Tanta trabalhadeira para um resultado zero. A maldita enxurrada levou daqui todos os nossos “pacientes...”

estava acostumada com reformas, pois havia feito várias na Língua Portuguesa. Inconformada com as coisas erradas e tortas do mundo, previu todas as hipóteses e pôs o seu plano em prática. “Reforma não é brincadeira. Precisa ciência” (LOBATO, 1957u, p. 215).

Emília não se conformava com as coisas da natureza<sup>74</sup> e, assim que o Visconde voltou da Europa com conhecimentos aprimorados sobre glândulas, decidiram fazer uma viagem pelo corpo humano. Precisavam de um microscópio e, na falta de um, a boneca sugeriu que usassem [...] um pouco do caldinho da Glândula Faz-de-Conta [...] (LOBATO, 1957v, p. 258) para transformar o binóculo de Dona Benta num microscópio. O Visconde tornou-se, segundo Lobato, um “abnegado endocrinologista”.

É nessa segunda fase de *A Reforma da Natureza* que o Visconde parece agir sem muita preocupação com o resultado de suas pesquisas, que geram animais gigantes que amedrontam as pessoas. O fato é noticiado pelos mais importantes jornais do mundo. A ciência do Visconde, que voltara de uma Europa maltratada pela guerra, estaria numa fase inconseqüente?

\_\_ Em que está pensando? \_\_ perguntou o Visconde?

\_\_ Estou pensando que se a guerra não tivesse acabado, os homens eram capazes de utilizar as nossas pulgas para os bombardeios de cidades. Engraçado? Em vez de fábricas de obuseiros, fariam criações de pulgas, que levassem uma bomba atada à cauda... (LOBATO, 1957u, p. 270).

Mas o Visconde explicou à boneca que aqueles animais não podiam se reproduzir e que andariam pelo mundo a assustar os “ignorantes”, até se extinguirem. “Os sábios mostram-se intrigadíssimos; não sabem como explicar o estranho fenômeno” (LOBATO, 1957u, p. 280). A pulga gigante criada pelo Visconde foi transportada para o museu de História Natural de Nova Iorque e, segundo notícia publicada em jornal, atraía inúmeros curiosos. Isso foi motivo para aparecer no Sítio o Dr. Zamenhof, que chefiava um grupo de “procuradores” dos “bichos monstruosos”.

---

\_\_ O trabalho da ciência é penoso, minha cara \_\_ disse o Visconde. Cumpre recomençar. Os verdadeiros sábios, nunca desistem das suas emprêsas (LOBATO, 1957u, p. 262).

<sup>74</sup> \_\_ Não acho! \_\_ contestou Emília cruzando os braços. A obra da Natureza está tão cheia de “bissurdos” como a obra dos homens. A Natureza vive experimentando e errando. Dá cem pés à centopéia e nem um para as minhocas \_\_ por que tanta injustiça? Faz um pêssego tão bonito e deixa que as môscas ponham ovos lá dentro e dos ovos saiam bichos que apodrecem a linda carne dos pêssegos \_\_ não é uma judiação? Veste os besouros com uma casca grossa demais e deixa as minhocas mais nuas do que a careca do Quindó \_\_ isso é êrro. Quanto mais observo as coisas mais acho tudo torto e errado (LOBATO, 1957u, p. 242).

Depois de conhecer o Visconde e saber como o sabugo desenvolveu as experiências com as glândulas pituitárias, o Dr. Zamenhof ficou encabulado, mais ainda quando Emília lhe contou que o segredo deles era o Faz-de-Conta.

Aquelas revelações encheram o Dr. Zamenhof do maior assombro. Parecia-lhe impossível que um simples sabugo científico, auxiliado por uma gatinha como a Emília, houvesse feito “milagres endocrínicos” muito maiores que os realizados por todos os grandes especialistas da Alemanha e da América do Norte. Simplesmente formidável!

— Sabe — disse êle ao Visconde — que o colega fêz a maior coisa que ainda foi feita nos domínios da ciência? Sabe que resolveu problemas tremendos e que daqui por diante a ciência vai basear-se nestas suas maravilhosas experiências?

O Visconde alisou as palhinhas de milho do pescoço e agradeceu modestamente o elogio.

— Quero ver o seu laboratório — disse o Doutor. Deve ser a maravilha das maravilhas. Mas quando foi à Cova-do-Anjo e viu que o maravilhoso laboratório não passava dum buraco na figueira, com um microscópio feito dum velho binóculo sem vidro, uma lâmina Gillete, umas agulhas e uns algodõezinhos, ficou sem saber o que pensar, nem o que dizer. Aquilo era positivamente o assombro dos assombros, o espanto dos espantos (LOBATO, 1957u, p. 294-295).

A simpatia pelas idéias darwinistas tornam-se ainda mais evidentes em *A Chave do Tamanho*, publicada em 1942, em seqüência ao livro *A Reforma da Natureza*. Emília e Visconde vão a Berlim, durante a Segunda Guerra Mundial, e têm um encontro com o Grande Ditador, nome criado por Lobato para se referir a Hitler. Na página 163 aparece uma ilustração do ditador feita por André Le Blanc. O sabugo e a boneca conversam com Hitler, embora o Visconde já estivesse cansado daquilo tudo<sup>75</sup>.

Emília vivia na cartola do Visconde desde que transformara o mundo em miniatura. Ele, por ser boneco, não teve o seu tamanho reduzido. O ditador alemão perde a força diante deles.

— Não se assuste, Excelência. O Visconde é o maior gigante do mundo, mas também é milho — um vegetal extremamente pacato. Além disso é um grande sábio — hoje o maior sábio do mundo. E não é judeu, não, Excelência. Não tenha medo. O Visconde é arianíssimo. Quando estêve no milharal que foi o seu berço, o vento dava na sua linda cabeleira louro-platina. Hoje está velho e careca e anda sempre com meu sítio na cabeça. Não entende? Meu sítio é esta cartola (LOBATO, 1957v, p. 161).

---

<sup>75</sup> Emília estava mais que certa de que o voto do Visconde iria ser igual ao seu, não só porque o Visconde era uma propriedade sua, um verdadeiro escravo, como porque, depois do apequenamento, êle se tornara um gigante gigantesco e, pois, muito mais importante que o pobre sabugo de pernas que sempre fôra. Mas enganou-se. O Visconde andava com medo de suas tremendas responsabilidades novas, e cansado de ser dirigido daqui para ali pela Emília, e sujeito até a ser emprestado a governos como se fôsse um guarda-chuva. Ah, muito melhor a sua pacata vida de antigamente, em que era pequeno entre os grandes. Muito melhor a vida calma de modesto sabugo de perninhas do que a vida agitada de maior gigante do mundo. Além disso, aquela “fazenda” em sua cartola já lhe estava dando dores de cabeça. Começara uma simples janelinha na cartola. Depois vieram a porta, as sacadas, a plantação de musgos e chapéus-de-sapo, e os órfãos, e os besouros do Juquinha, e aquilo fôra virando quarto de badulaques e museu (LOBATO, 1957v, p. 205).

Com histórias dessa natureza não é difícil compreender que os livros lobatianos teriam um efeito considerável sobre as crianças. Os leitores aprendiam de uma maneira mais leve conteúdos que lhes pareciam difíceis nos livros escolares tradicionais<sup>76</sup>. Pode ser também que o autor pretendesse apresentar um método de investigação, dar pistas às crianças de como chegar ao conhecimento e evoluir para o saber, e esse caminho passaria, indiscutivelmente, não pelos bancos da escola, mas pelo contato com os livros, os bons, não aqueles que davam sono – como a *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, transformado em cama do Visconde –, mas aqueles que fossem agradáveis, com diálogos e figuras, como sugeriu Narizinho num dos diálogos.

Ao criar uma literatura com um cunho pedagógico, Lobato parece ter em mente o acesso facilitado aos livros por uma população maior, pois talvez não fosse possível a boa parte dos leitores comprá-los. Segundo Diana Vidal (2004, p. 55), quando o livro *Contos Infantis*, das irmãs Julia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, foi indicado para uso nas escolas primárias brasileiras, sua aprovação pela Inspeção Geral de Instrução Primária e Secundária, em 1891, tinha como objetivo alcançar os “alunos cujos pais ou protetores não puderam fazer aquisição das obras adotadas para o ensino” (2004, p. 55).

Projetos dessa natureza lembram os de outros países, como a *Bibliothèque bleue*, ou Biblioteca Azul<sup>77</sup>, também conhecida como literatura de cordel, uma tentativa de levar os livros – a preços mais baixos – a pessoas que viviam à margem da sociedade.

O fenômeno não é, aliás, exclusivamente francês: em Inglaterra ou em Espanha, é também nos séculos XVII e XVIII que se multiplicam os pequenos livros de grande circulação, destinados a um público que, na sua maior parte, é popular. Em Inglaterra, os *chapbooks* (ou livros de venda ambulante) são vendidos a um preço irrisório (entre dois e quatro *pence*) e impressos às centenas de milhar (CHARTIER, 1990, p. 165-166).

---

<sup>76</sup> Na mesma carta, Anísio anuncia a nova fase da literatura infantil de Lobato – o objetivo didático na obra do criador de Narizinho foi possivelmente inspirado pelo pedagogo baiano: “Dentro de meses saem seus novos livros, os de ciência... É o mundo sem fantasmas que você está a criar para as crianças. Santo trabalho, meu caro Lobato, o trabalho que me entenece inteligência muito mais que você o possa imaginar. Porque ainda se há de marcar as épocas no país com você. As idéias que lhe roem a cabeça como piolhos são do tope das que roíam a cabeça daquele outro visionário que foi Bacon. Com ferro, petróleo e inteligência se há de afinal construir a ‘componente nova’ do Euclides” (NUNES, 1986, p. 18).

<sup>77</sup> Chartier (1990, p. 165-166) explica que, “em 1664, por exemplo, um livreiro londrino, Charles Tias, tem em depósito perto de 100.000 exemplares, o que representa um exemplar por uma família inglesa em cada quinze. [...] Em Espanha, é no século XVIII que os *pliegos de cordel* encontram a sua forma clássica, a de pequenos livros de uma ou duas folhas, e uma difusão maciça, assegurada em parte pelos vendedores ambulantes cegos que cantam os seus textos em verso... [...] A *Bibliothèque bleue* não é, pois, uma originalidade francesa: inscreve-se, com as suas formas e os seus conteúdos próprios, entre as publicações que os editores europeus, em diferentes espaços nacionais destinam à maioria (CHARTIER, 1990, p. 165-166).

A relação livro-ciência-sabedoria é evidente em Lobato. Esses atributos também perpassam pela figura do professor em alguns momentos, porque o Visconde de Sabugosa é um misto de sabugo, cientista, professor e sábio que nasce rígido e morre várias vezes – por isso é chamado de a Fênix do Sítio, em referência à ave mitológica que morre e renasce das próprias cinzas –, volta ao mundo, aprimora seus conhecimentos, adquire a função de porta-voz do saber, vive situações patéticas, dança, bebe, enlouquece e, após a loucura, ressurgem mais humano, rejuvenescido. Ama pela primeira e última vez na vida, na Arcádia, e retoma sua característica essencial – a de sábio.

Em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, sua última obra, Lobato enfatiza como a educação torna as pessoas mais inteligentes e sensatas. O Visconde de Sabugosa se transforma no “escudeiro” do herói e Emília, sua “dadeira de idéias”. Hércules, ou “Lelé”, como o apelidou a boneca, é apresentado como um brutamonte e, graças aos picapaus – referência aos personagens do Sítio feita pelo autor –, ele evolui e se aproxima de um ser mais humano. É o protótipo do herói grosseiro, que apela para a força para sobreviver. Parece que Lobato, ao cruzar personagens de civilizações tão distintas, via nisso uma possibilidade de mostrar ao leitor que a tecnologia, o progresso e a educação traziam seus aspectos positivos.

Há, porém, um saudosismo quanto à poesia contida no mundo grego e perdida com a chegada da modernidade. Emília não se cansava de criticar o Visconde, porque para tudo ele tinha uma explicação científica. Ao ler esta obra, a mais extensa do autor entre os seus livros que compõem o Sítio, tem-se a sensação de que Lobato atribuía à educação o papel de aperfeiçoar o ser humano. Aquela imagem do herói grego, que não tinha inteligência, é subvalorizada mediante a sutileza e astúcia dos picapaus, heróis modernos, que também se admiram da poesia do mundo grego, algo que encontra sentido na obra *Emílio*, do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, um dos autores que mais influenciaram Lobato. A educação, sob essa perspectiva, tornaria o mundo menos violento.

Hércules, que tinha se aproximado para ver o que era, quis “espalhar” a justiça. Mas o Visconde ergueu-se lá no picuá e falou:

— Nada de violências, Hércules! Se até os deuses do Olimpo encerram suas brigas com entendimentos, como no rapto de Perséfone, por que nós, mortais, não fazemos o mesmo? Na qualidade de advogado e defensor perpétuo de Emília, proponho o arquivamento do processo em troca da “desvirada” dos meninos de Micenas (LOBATO, 1957x, p. 273).

Aquelas crianças saídas do Sítio do Picapau Amarelo para a Grécia levavam consigo o conhecimento do século 20 e, em virtude das histórias contadas por Dona Benta ou, no caso do Visconde, pelos livros que liam, sabiam da história da humanidade mais do que os próprios gregos, como aparece em vários diálogos. Não raras vezes o Visconde explica fatos da mitologia desconhecidos pelos gregos, obviamente porque eles viviam o momento presente e os picapaus detinham o conhecimento dos livros escritos séculos mais tarde, depois de inúmeros estudos sobre aquela civilização.

Quando serenaram, Hércules tomou a palavra e disse:

\_\_ Meus amigos: não sei falar. Não recebi a educação...

Emília olhou para Pedrinho.

\_\_ ... que é o que transforma as criaturas. Minha educação foi só física, como muito bem diz o meu escudeiro. Criaram-me ao ar livre, ensinaram-me a desenvolver unicamente os músculos e a agilidade. Quanto ao resto, fiquei como nasci: um terreno baldio, como diz a Emília, onde o mato cresceu sem disciplina. Ela acha que uma criatura sem educação é como um terreno onde há só mato. A educação é que transforma êsse terreno onde só há mato. A educação é que transforma êsse terreno em canteiro de cultura das artes e ciências úteis e belas. Muito aprendi com vocês. Minhas conversas com Emília, com o Visconde e Pedrinho foram verdadeiras lições de que jamais me esquecerei. Sempre convivi entre brutos \_\_ reis cruéis, deuses vingativos, heróis do meu molde, gente “ineducada”, como diz o Visconde. Fui encontrar “produtos da educação” em vocês (LOBATO, 1957x, p. 289-290).

O Visconde de Sabugosa se apresenta como uma caricatura<sup>78</sup> do cientista, com a vantagem de ser mais flexível. É um personagem ficcional com características rígidas – como sua mania de dar respostas para tudo e ser patético –, e outras flutuantes, que fazem dele um personagem imprevisível e misterioso. Contudo, o mistério aqui não é aquele de dar frio na barriga. É mais brando, menos assustador. O autor sempre deixa uma brecha para o ressurgimento da Fênix do Sítio. Talvez ele, mais do que ninguém, auxiliado pela inseparável Emília, mostre ao leitor que o mundo pode ser um lugar fascinante para se viver. Mas o fascínio seria real ou apenas um Faz-de-Conta?

---

<sup>78</sup> [...] é a personagem vista sob um ângulo, normalmente o ridículo. É uma forma estereotipada que aparece imediatamente a nossos olhos por um defeito, um vício, uma tendência, um cacoete. É também personagem estática. [...] O caricato é um ser exótico ou anormal: o cientista louco, o detetive excêntrico de roupas exóticas, a figura internacional lépida, viva e engraçada, a sogra megera, etc. Sua riqueza é grande e de uma morfologia variada (ATAÍDE, 1974, p. 45).

É, contudo, em cada caso o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento, certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial (MANGUEL, 1997, p. 19-20).

#### 4. ... E as *Memórias do Visconde de Sabugosa* viraram *best-seller*

Era mês de abril e os personagens do Sítio do Picapau Amarelo desfrutavam as férias-de-lagarto, um costume iniciado em *Viagem ao Céu*. Para eles, aquele mês era “o mais agradável de todos” e era quando Pedrinho fazia aniversário. Naqueles dias, permaneciam em descanso, sem fazer nada, além de cochilar *como lagarto ao sol* e viver. Viver sem esquentar a cabeça.

Todos os leitores devem se lembrar de que, logo no começo das *Memórias*, se diz que as histórias do Sítio do Picapau Amarelo tinham sido encerradas pelo seu Lobato com *Os 12 Doze Trabalhos de Hércules*. Isso foi em 1944. E Emília muito se ressentia de ver que o sabugo científico do Sítio, sem o controle do seu criador, tinha ousado escrever suas memórias porque queria ficar na história como um dos personagens mais sábios da literatura brasileira.

— Como pode ser tão nojento? Onde já se viu existir na literatura nacional dois livros de memórias de personagens do Sítio? Basta um, que é o meu, *Memórias da Emília*, lido em todo o mundo. Soube que milhares de crianças do planeta sonham em conhecer o Sítio para me ver, apreciar minha inteligência, minha astúcia e minha modéstia, é claro!

A boneca dizia isso com o piscar de olhos costumeiro e empinava o nariz como se diante dela houvesse uma platéia. O único presente era o Rabicó, seu ex-marido, porco comilão que dormia feito um, digamos, feito um porco, e sequer se interessava pela carreira literária da ex-mulher. Literária entre aspas, porque foi o Visconde que escreveu a maior parte daquele livro e a fama ficou para a boneca.

Apesar de não aparecer no início das *Memórias*, descobriu-se que as verdadeiras memórias do Visconde, que estavam prestes a ser impressas, tinham sido mesmo modificadas pelo falso Gato Félix, aquele gato impostor que causou problemas aos moradores do Sítio quando apareceu em *Reinações de Narizinho* e inventou uma série de mentiras. Não fosse o Visconde com os seus dotes detetivescos, herdados no dia em que foi embrulhado por Narizinho num fascículo de Sherlock Holmes, aquele animal estaria lá até hoje a infernizar a vida de todos.

Pois é. Como a mentira tem sempre pernas curtas, a farsa veio à tona e o Visconde teve a sorte de encontrar um novo editor para publicar o seu livro, porque o anterior ficara chateado com o ocorrido e também porque perdera dinheiro, visto que tinham sido impressos duzentos exemplares das “Falsas” *Memórias*, cuja impressão precisou ser interrompida.

Quando o *seu* Lobato fechou a última página do último livro que escreveu, os seus personagens – bem como os leitores – ficaram órfãos das memoráveis (seria uma redundância?) travessuras dos picapauzinhos amarelos. O desejo do Visconde de ver suas memórias publicadas tinha uma razão sentimental. Ele pretendia homenagear o autor que o criara com tanto zelo. Só algumas coisas ele não perdoava:

— Puxa vida! Não compreendo porque eu sou o único *consertável* nessa história toda. Acho que o *seu* Lobato exagerou um pouco. Isso de carregar canastra, ter que subir em árvore, cair do Pássaro Roca e me despedaçar no mar, enfrentar a hidra de Lerna – um monstro de várias cabeças –, ser fervido no caldeirão da Medéia, embolorar, me empanturrar com Álgebra, ter reumatismo, sofrer do coração, nunca comer e ter que suportar a Emília é demais para mim.

— Que conversa é essa de “ser demais para mim”, hein Visconde? Agora anda falando sozinho, é?

— Não é nada demais, Emília. Eu apenas filosofo com os meus botões e não é nada da conta da senhorita, que poderia muito bem me deixar em paz.

— É da minha conta, sim. Tudo o que se trata de você é da minha conta. E estou aqui para lhe pedir um pouquinho daquele superpó de pirlimpimpim que você inventou.

Para se ver livre da boneca, o sabugo de milho nem questionou o que ela ia fazer com o superpó. Encheu-lhe a mão e pediu que saísse dali.

No terceiro dia das férias-de-lagarto, que tinham começado na segunda-feira, o sabugo acordou feliz. Saiu de sua latinha<sup>79</sup> e foi tomar sol no quintal do Sítio. Não via a hora de receber notícias sobre as suas *Memórias*. Já até sonhava com o dia de autógrafos. Dia, porque temia que fosse à noite mais por questões de segurança, porque desde que Dona Benta enriquecera com o dinheiro do petróleo, passaram a tomar cuidado e se proteger de assaltos e outras aberrações do mundo moderno. Os moradores do Sítio, vizinhos, chefes de Estado do mundo inteiro, cientistas renomados e também desconhecidos, personagens do Mundo-das-Fábulas, todos eram aguardados para o lançamento das *Memórias do Visconde de Sabugosa*.

O sábio tinha segurança de que venderia mais livros do que uma certa escritora inglesa dos séculos 20 e 21, que ficou milionária com uma série de livros sobre um menino feiticeiro. Ele tinha pretensões de ser indicado para a Academia Brasileira de Letras e teria uma cadeira ao lado

---

<sup>79</sup> Antes de embolorar, o Visconde dormia numa casa feita de livros. Depois de passar dias atrás da estante de Dona Benta e ficar verde de bolor, passou a dormir numa lata.

de um famoso escritor brasileiro, Antônio Lebre, ou coisa parecida. Podia imaginar sua obra levada para as telas de cinema e a garotada brasileira a aprender ciência em meio a aventuras.

\_\_ BUMMM!!!

Um estrondo e todos ouviram os apelos desesperados de tia Nastácia.

\_\_ Acuda, Sinhá, ai meu São Jorge, tenha pena desse pobre! Corram aqui pra me ajudar, gente...

Quando chegaram à sala, Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília e Quindim encontraram o Visconde estatelado no chão, em convulsão. Chamaram às pressas o Doutor Caramujo, ou cara de coruja, como Emília gostava de chamá-lo.

Examina daqui, examina dali, e o doutor explicou que aquilo era um ataque do coração, mas que não iria matar o sabugo. Recomendou paciência ao pessoal do Sítio e ao Visconde receitou a leitura de livros mais poéticos, mais leves, pois acreditava que o sabugo de milho excedia na leitura de livros densos – de Álgebra, Geologia, Aritmética e coisas tais. O sabugo passava por um novo empanturramento, na opinião do doutor.

Mas não era nada daquilo. Emília ficou desconfiada, resolveu mexer na cartola do Visconde e viu que dentro dela havia escondida uma carta recém-entregue pelos Correios. Ao abri-la, descobriu o motivo do ataque do sábio:

\_\_ “Excelentíssimo Senhor Visconde de Sabugosa. É com tamanha tristeza que informo sobre uma tragédia que acaba de acontecer. Todos os 50 mil exemplares das suas *Memórias*, impressas com qualidade de primeira, desapareceram. Recorri à polícia e há provas de que a obra foi parar no mundo grego, o que não é uma notícia ruim, porque Hércules está encantado com o livro e até já organizou uma noite de autógrafos e tudo o mais.

Emília deu aquele sorrisinho de maldade e jogou fora o resto do pó de pirlimpimpim que o Visconde tinha lhe emprestado duas semanas atrás.

Novamente desconsolado por não realizar o sonho de ter seu livro publicado, o sabugo de milho se fechou em seu laboratório e de lá saía raras vezes, apenas para respirar um pouco de ar puro. Todos ficavam preocupados, com receio de ele ficar louco outra vez.

No último dia das férias-de-lagarto, que não tinham sido tão tranquilas como se esperava, apareceram dois pesquisadores no Sítio do Picapau Amarelo. Eles procuravam pelo sabugo científico depois de saber, na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, que o Visconde

tinha sido homenageado como cientista de renome. Os dois aproveitaram, também, para ler a obra inteira de Lobato antes de procurar o sabugo, porque não queriam passar vergonha.

Visconde os recebeu com um certo ar de galhardia, filosofou por horas, mencionou cada uma de suas façanhas, chorou em alguns momentos em que reclamava de sua sina, especialmente de morrer várias vezes, do pavor da Vaca Mocha e de ter que carregar a canastra da Emília. Ele convenceu os pesquisadores, com o brilhantismo de suas idéias, de que merecia um livro de memórias<sup>80</sup>.

E foi dessa maneira nada glamorosa que nasceu uma das obras mais importantes da literatura brasileira. Bastaram três meses para o livro se tornar um *best-seller* e ir para a lista dos mais vendidos da *Veja*. O Visconde foi eleito para a Academia de Letras e, mais tarde, para a Academia de Ciências.

Ele nunca mais morreu nem carregou a canastra da Emília. Pelo contrário, interesseira que era, ao ver o sucesso do sabugo, aceitou se casar com ele. Todos notavam lá no Sítio – mas preferiam manter a discrição – que havia uma paixão recolhida do sábio pela boneca. Não era bem esse o sonho dela, que desejava mesmo era ser mulher de pirata para ser capitã de um navio e viajar pelos mares. Mas essa história fica para uma outra vez.

---

<sup>80</sup> Os pesquisadores conversaram com o Visconde de Sabugosa, dias depois, e explicaram que pelo fato de ser um personagem e, portanto, não existir de verdade, não ficaria bem dizer que suas memórias tinham sido escritas só por ele mesmo, pois soaria falso. No caso da Emília era diferente, porque as *Memórias da Emília* foram escritas pelo seu Lobato. Para justificarem para o sabugo, que de bobo não tinha nada, qual o sentido de suas *Memórias* serem escritas pelas mãos de outrem, os pesquisadores apelaram para a bibliografia consultada: “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. [...] logo a ordem da língua e da discursividade, a da “linguagem”, a da “significância” (Barthes), do simbólico e da simbolização... (PÊCHEUX, 1999, p. 50). O Visconde gostou daquela explicação complicada e gostou também de aparecer na obra como representante do homem de ciência.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. **Monteiro Lobato, escritor e pedagogo**. Rio de Janeiro, Edições Antares em convênio com o Instituto Nacional do Livro e a Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

ATAÍDE, Vicente de Paula. **A narrativa de ficção**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil Ltda, 1974.

AZEVEDO, Carmem Lucia de; Camargos, Marcia; Sacchetta, Vladimir. **Monteiro Lobato – furacão na botocúndia**. São Paulo, Senac São Paulo, 1997.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. **O saber impotente** – Estudo da noção de ciência na obra infantil de Monteiro Lobato. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Filosofia da Educação, Rio de Janeiro, 1988.

CANDIDO, Antonio et al. A personagem do romance. In: CANDIDO et al. **A personagem de ficção**. São Paulo, Perspectiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1975.

\_\_\_\_\_. O escritor e o público. In: **Literatura e sociedade** – estudos de teoria e história literária. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1975.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato – vida e obra**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 5, n. 11, p. 173-191, abril de 1991.

\_\_\_\_\_. Textos e edições: a “literatura de cordel”. In: **A história cultural** – entre práticas e representações. Bertrand Brasil/Difel, Rio de Janeiro/ Lisboa, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre, Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Organizadores). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo, Ática, 1999.

DALCIN, Andréia. Matemática através de histórias. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 28-34, março/2003.

DE LA ROCQUE, Lúcia Rodriguez; TEIXEIRA, L.A.. Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, vol. VIII (1), 10-34, mar-jun. 2001.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. **Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas (SP), 1979.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.1, p- 77-89, jan./abr. 2005.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **O mundo da criança**: a construção da infância na literatura. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte (MG), 1997.

KRIEGER, Eduardo Moacyr. Aprendizagem das ciências e acesso à cidadania. In: **III ENCONTRO LATINO-AMERICANO “MÃO NA MASSA”**. São Paulo, 2004. Apresentado no site da Academia Brasileira de Ciências. Disponível em: [http://www.abc.org.br/arquivos/krieger\\_3mao.html](http://www.abc.org.br/arquivos/krieger_3mao.html). Acessado em: 6/11/2006.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Monteiro Lobato – um brasileiro sob medida**. São Paulo, Moderna, 2000.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ática (Série educação em Ação), 1994.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo, Brasiliense, 1957a.

\_\_\_\_\_. **Viagem ao céu e O Saci**. São Paulo, Brasiliense, 1957f e 1957b.

\_\_\_\_\_. **Caçadas de Pedrinho e Hans Staden**. São Paulo, Brasiliense, 1957g e 1957d.

\_\_\_\_\_. **História do mundo para as crianças**. São Paulo, Brasiliense, 1957h.

\_\_\_\_\_. **Memórias da Emília e Peter Pan**. São Paulo, Brasiliense, 1957n e 1957e.

\_\_\_\_\_. **Emília no país da gramática e Aritmética da Emília**. São Paulo, Brasiliense, 1957i e 1957l.

\_\_\_\_\_. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo, Brasiliense, 1957m.

\_\_\_\_\_. **Serões de Dona Benta e História das invenções**. São Paulo, Brasiliense, 1957q e 1957j.

\_\_\_\_\_. **D. Quixote das crianças**. São Paulo, Brasiliense, 1957o.

\_\_\_\_\_. **O poço do Visconde**. São Paulo, Brasiliense, 1957p.

\_\_\_\_\_. **Histórias de tia Nastácia**. São Paulo, Brasiliense, 1957r.

\_\_\_\_\_. **O picapau amarelo e A reforma da natureza**. São Paulo, Brasiliense, 1957s e 1957u.

\_\_\_\_\_. **O minotauro**. São Paulo, Brasiliense, 1957t.

\_\_\_\_\_. **A chave do tamanho**. São Paulo, Brasiliense, 1957v.

\_\_\_\_\_. **Fábulas e Histórias diversas**. São Paulo, Brasiliense, 1957c.

\_\_\_\_\_. **Os 12 trabalhos de Hércules** \_\_ 1º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1957x.

\_\_\_\_\_. **Os 12 trabalhos de Hércules** \_\_ 2º Tomo. São Paulo, Brasiliense, 1957x.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Edições Loyla/PUC Rio, São Paulo, 2003.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: o sonho da educação no Brasil**. São Paulo, 1986. Publicado no ano do cinquentenário da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato; Cedae/Unicamp.

OLSON, David R. **O mundo no papel** – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo, Ática, 1997.

PÊCHEUX, Michel et al. **Papel da memória**. Campinas (SP), Pontes Editores, 1999.

PENTEADO FILHO, José Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato** – O imaginário infantil na ideologia do adulto. Rio de Janeiro, Dunya, 1997.

PINTO NETO, Pedro da Cunha. **Ciência, literatura e civilidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas (SP), 2001.

PINTO NETO, Pedro da Cunha. A ciência no romance naturalista brasileiro: uma leitura de *A carne*, de Júlio Ribeiro. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil, Campinas** (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 5-16, maio de 2004.

SCHALL, Virgínia Torres. Histórias, jogos e brincadeiras: alternativas lúdicas de divulgação científica para crianças e adolescentes sobre saúde e ambiente. In: MASSARANI, Luisa (Org.). **O pequeno cientista amador** – a divulgação científica e o público infantil. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: Fiocruz, 2005.

VAZ, Leo. **Páginas vadias**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1957.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Tese (Livre-docência em História

da Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo (USP), São Paulo, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo, Ática, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo, Global, 1985.

## 6. OBRAS CONSULTADAS (BIBLIOGRAFIA)

ARIÈS, Philippe; Chartier, Roger (Org.). **História da vida privada** – da renascença ao século das luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2001.

CARLYLE, Thomas. El Héroe como Hombre de Letras. In: **Lo heroico en la historia**. Rio de Janeiro, Editorial Tor, 1840.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003.

CASSANO, Maria da Graça. Das diversas formas de determinação do sujeito-leitor. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 49-65, maio de 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. Vozes, Petrópolis (RJ), 2003.

COELHO, Nelly Novaes Coelho. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo, edusp, 1995.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Produção do conhecimento sobre leitura. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 13-22, junho de 2001.

FERRONE, Vincenzo. O homem de ciência. In: **O homem do iluminismo**. Direção de Michel Vovelle. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

LEAHY-DIOS, Cyana Maria. Leitura, história e história da leitura. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 51-54, dezembro de 2001.

LOPES, Anchyses Jobim. O texto literário: metáforas e viagens temporo-especiais. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 66-72, maio de 2004.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. No ser e no ler, desconforto: literatura infanto-juvenil e adolescente leitor. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 74-79, dezembro de 2000.

MASSARANI, Luisa (Org.). **O pequeno cientista amador** – a divulgação científica e o público infantil. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: Fiocruz, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 11-17, dezembro de 2000.

PAYER, Maria Onice. As diferentes memórias discursivas no processo de leitura. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 18-21, dezembro de 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**. Lisboa, Europa-América, 1990.

SÁBATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

SANTOS, Neide Medeiros. Tecendo histórias. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 59-61, dezembro de 2000.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. Uma leitura de *Contos Infantis* (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. **Leitura: Teoria & Prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas (SP) ALB/Porto Alegre: Mercado, p. 15-26, março de 2003.